



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Danielle Christina do Nascimento Oliveira

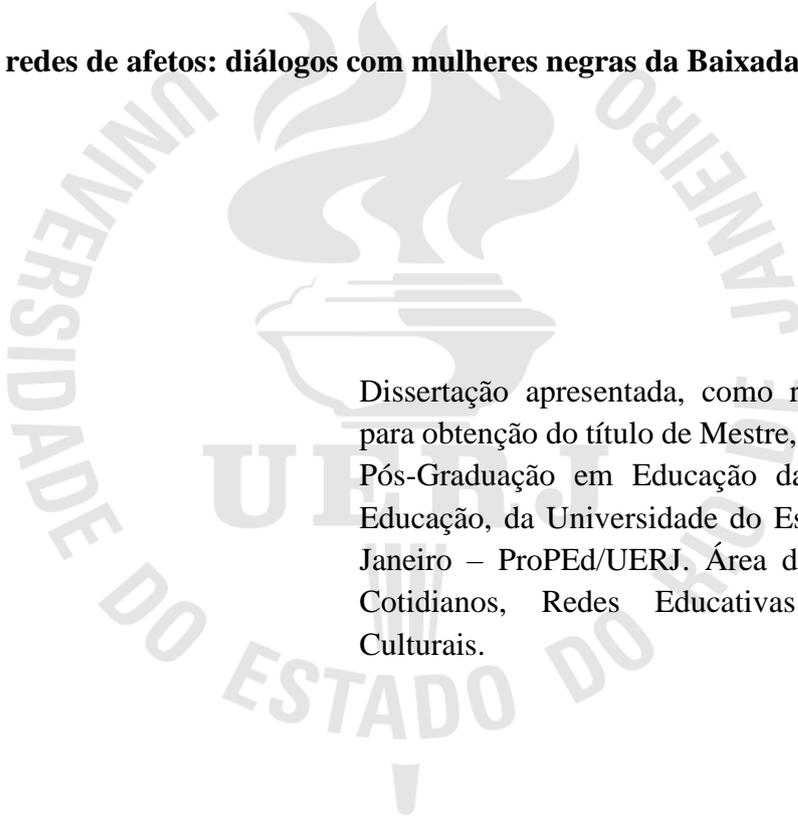
**Tessitura de redes de afetos:
diálogos com mulheres negras da Baixada Fluminense**

Rio de Janeiro

2020

Danielle Christina do Nascimento Oliveira

Tessitura de redes de afetos: diálogos com mulheres negras da Baixada Fluminense



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – ProPEd/UERJ. Área de concentração: Cotidianos, Redes Educativas e Processos Culturais.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Mailsa Carla Pinto Passos

Rio de Janeiro

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

O48

Oliveira, Danielle Christina do Nascimento.

Tessitura de redes de afetos: diálogos com mulheres negras da Baixada Fluminense / Danielle Christina do Nascimento Oliveira. – 2020.
120 f.

Orientadora: Mailsa Carla Pinto Passos.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Faculdade de Educação.

1. Educação – Teses. 2. Memória – Teses. 3. Narrativa – Teses. 4. Mulheres negras – teses. I. Passos, Mailsa Carla Pinto. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

es

CDU 37

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Danielle Christina do Nascimento Oliveira

Tessitura de redes de afetos: diálogos com mulheres negras da Baixada Fluminense

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – ProPEd/UERJ. Área de concentração: Cotidianos, Redes Educativas e Processos Culturais.

Aprovada em 17 de dezembro de 2020.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Mailsa Carla Pinto Passos (orientadora)

Faculdade de Educação da UERJ

Prof^a. Dr^a. Janaína Damaceno Gomes

Faculdade de Educação da FEBF/UERJ

Prof^a. Dr^a. Fancilene Brito da Silva

Centro de Ciências da Educação da UFPI

Prof^a. Dr^a. Núbia de Oliveira Santos

Faculdade de Educação da UFRJ

Prof^a. Dr^a. Alexandra Lima da Silva

Faculdade de Educação da UERJ

Rio de Janeiro

2020

DEDICATÓRIA

Às mulheres que vieram antes de mim da família Nascimento, por quem nutro uma enorme admiração, e da família Oliveira, em quem, apesar de desconhecer toda a história, desejo investir pesquisas futuras. E as outras mulheres dessas duas famílias que vieram e/ou virão depois de mim. Afinal, “quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela” (Angela Davis).

AGRADECIMENTOS

Para mim, está é, sem dúvidas, a parte mais importante deste trabalho! Neste pequeno espaço, com certeza, faltarão palavras para dizer o quão grata eu sou por ter conseguido chegar até aqui. E isso só foi possível porque outras pessoas vieram antes de mim. E é isso que me permite ser o que sou e estar aqui, sendo hoje porque alguém já foi ontem, antes de mim. Agradeço porque o que sou hoje não é singular, é plural, e só foi possível construir o hoje porque o ontem foi construído junto com vocês...

À minha querida orientadora, Mailsa Passos, que me escolheu antes mesmo de eu saber o que era um grupo de pesquisa, que viu em mim o que eu mesmo não via. Obrigada por estabelecer comigo uma relação muito maior do que de parceria e respeito, uma relação afetuosa de cumplicidade, com longas conversas, risadas, choros, puxões de orelha, abraços apertados e olhar sincero e escuta atenta, que já dizem muito sobre esse *encontro* que a vida me proporcionou. Obrigada por toda (des)orientação!

À Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, à Faculdade de Educação – UERJ, ao Programa de Pós-Graduação em Educação – ProPEd/UERJ e ao grupo de pesquisa Culturas e Identidades no Cotidiano, coordenado pela professora Mailsa Passos, no qual eu tive o prazer de conhecer pessoas maravilhosas e conviver com elas durante oito anos. Este grupo se tornou o meu quarto, dentro de uma casa tão grande como a UERJ tem sido para mim. Agradeço nominalmente aos colegas Ludmila Almeida, Luiz Rufino, Sonia Santos, Sonia Vinco, Cláudia Queiroz, Daniele Tudes, Lygia Fernandes, Francilene Brito, Luciana Lima, Cleuma Almeida, Roberto Chaua, José Carlos, Geoésley Mendes, Lisa-Marie Rüther, Teresa Salles, Lúcio Sanfilippo, Andréia Attanazio, Aline Brito, Lindinalvo Natividade, Juliana Ribeiro, Luiz Gustavo, Bárbara Cazé, Fabiana Silva, Jorge Augusto. Agradeço também aos que, assim como eu, foram bolsistas PIBIC do grupo: Luana Francisca, Lilian Santana, Amanda Dourado, Ronaldo Pedro, Marina Pontes, Ana Carolina de Jesus, Caroline Miranda, Estella Saraiva, Lorrane França e Irani Ribeiro. Com eles e elas, aprendi e aprendo todos os dias. Cada um/a desses/as contribuiu de algum modo ético, estético e político na minha formação. São pessoas queridas com quem eu dividi muitos dias, muitos corres e também muitos sorrisos. Agradeço por todo acolhimento, escuta sensível e atenta, por cada *encontro*. Guardo cada momento com vocês na memória, minha e da câmera. Ter sido a fotógrafa oficial do grupo tem suas vantagens.

Um agradecimento especial às queridas amigas Fran, Lisa, Irani e Lygia, com quem dividi muito mais do que a vida acadêmica, dividi minha vida toda, cada angústia e alegria. Gratidão por toda generosidade e cuidado que vocês têm comigo. Não posso deixar de

agradecer especialmente à Lygia pela coorientação deste trabalho e por toda lágrima chorada juntas, lágrimas que vêm nutrindo muito mais do que este trabalho, que vêm nutrindo a minha vida.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, pelo investimento no meu estudo e incentivo à minha pesquisa. E estendo o agradecimento ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva e à presidenta Dilma Rousseff, por investirem em políticas públicas que permitiram que, a partir de 2003, pessoas como eu ingressassem e permanecessem na universidade pública.

Às professoras avaliadoras deste trabalho, com as quais eu tive o privilégio de *encontrar* ao longo da vida, por sorte, dentro e fora da academia. Mulheres que me educam através da arte do falar e do fazer, me mostrando ser possível conciliar arte e vida, teoria e prática... E tão generosamente aceitaram participar da minha *escrevivência*. Prof^a. Dr^a. Janaína Damaceno Gomes, Prof^a. Dr^a. Fancilene Brito da Silva, Prof^a. Núbia de Oliveira Santos, Prof^a. Dr^a. Alexandra Lima e Prof^a. Dr^a. Maria da Conceição Soares, muito obrigada!

À Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Edu/UERJ, e aos colegas que fiz ali, que dividiram aulas e boas conversas, algumas desde a graduação, outras já na pós-graduação: Bianca Castro, Lorena Lana, Joelma Melo, Débora Videira, Thamires Lima, Joana Francisca, Simone Machado, Marcela Anastácio, Aline Castro, Juliana Viegas, Adriano Fernandes, Sara York, Cíntia Ariele, Renata Bastos, Maíra Santos, Íza Venas, Aline Martins, Iacy Carvalho, Fernanda Ferreira, Carolina Carvalho, Renato Alves e tantas e tantos outros que contribuíram de alguma forma com a minha formação. Em especial a Bianca (Bia), com quem dividi muito mais do que as salas de aulas e a sala 12037, com quem dividi congressos, viagens, fotos, fofocas, risos e choros, produções audiovisuais mirabolantes, através da, como ela mesma disse na defesa de sua dissertação, “arte do fazer-se, ser, viver, sentir, viver e bagunçar – tudo junto e misturado –”, como tudo o que ela faz tão lindamente. Afinal, o corpo dela está sempre em movimento!

Às professoras e aos professores que eu tive o privilégio de ouvir e com quem tive a oportunidade de aprender nas salas e corredores da Faculdade de Educação: Nilma Lino Gomes, Luciana Velloso, Lia Faria, Sonia Beatriz, Maria Alice Rezende, Janaina Damasceno, Maria Luiza Oswald, Conceição Soares, Rita Ribes, José Bessa, Alexandra Silva, Ligia Aquino, Inês Barbosa, Nilda Alves, Virginia Gualberto, Amanda Carlou, Ligia Aquino, Sammy Lopes, Jaqueline Silva, José Carlos, Marise Ramos, Viviane Peixoto, Madelaine, Gustavo Coelho, Fernando Pocahy, Beto Carvalho, Luiz Antonio Senna, Paula Cid, Washington Dener, Rosana Oliveira, Jane Paiva, Maria Celi, Rosanne Evangelista, Siomara Borba, Verônica Borges, Tania

Catharino, Marcia Maria, Stela Caputo, Estrella Bohadana (*in memoriam*) e tantas outras e tantos outros.

Às colegas do projeto de extensão Educação infantil e relações raciais: narrativas positivas e potentes da cultura afro-brasileira e africana – GEERREI, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – Fe/UFRJ, coordenado pela professora Núbia de Oliveira, que acompanharam semanalmente, de forma virtual, minhas angústias na reta final deste trabalho. Em especial, as professoras Lorraine Andrade e Priscila Basílio, com quem também divido o trabalho remoto do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – CAp/UFRJ, neste período de pandemia, e aprendo diariamente sobre cuidar e educar crianças, mas também sobre empatia, trabalho coletivo e amor pela profissão.

Ao Comitê Permanente da Educação para as Relações Étnico Raciais – ERER/CAp-UFRJ, do qual tenho feito parte desde que ingressei como professora substituta no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – CAp/UFRJ.

Às colegas da ONG Associação Vida no Crescimento e na Solidariedade – AVICRES, com quem tenho compartilhado parte das minhas pesquisas. Em especial, a orientadora pedagógica Marineia Araujo.

À Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as – ABPN e ao Grupo de Trabalho (GT) 21 da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd, intitulado Educação e Relações Étnico-Raciais, com os quais tenho aprendido muito desde que ingressei na pós-graduação.

Às colegas da primeira turma do curso de especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico – ERERBÁ do Colégio Pedro II, que cursei concomitantemente com o Mestrado. Em especial, a professora Cristiane Aparecida, que foi uma grande amiga no período que eu mais precisei.

Às clientes da boutique sensual *Pretinha da Boutique*, pessoas de cujo sonho eu tive o prazer de participar, em forma de eventos educativos e divertidos, que oportunizaram muitas trocas sobre saúde da mulher e sexualidades; e à Pretinha, porque, sem ela, nada disso seria possível.

À minha amada mãe, Elizabeth Christina, por quem nutro uma imensa admiração e orgulho, agradeço pelo amor incondicional dedicado a mim e por todos os esforços. Que sorte a minha ter você sempre comigo! Serei eternamente e nunca suficientemente grata por tudo que fez/faz por mim.

Ao meu amado *PAI* *drastro*, Elomir Aguiar (*in memoriam*), por todo amor dedicado a mim, todo apoio e esforço para realizar os meus sonhos. Eu sei que você e o meu pai, Laureci Oliveira (*in memoriam*), estão no céu intercedendo por mim.

À minha irmã, Kelly Christina, com quem aprendo diariamente. Só foi possível manter uma parceria profissional devido à ótima parceria pessoal/familiar... Você me inspira! Ao meu cunhado, Sidnei Farias, e minha sobrinha, Ana Christina, por estarem sempre comigo, me alegrando e incentivando. E a todos os meus familiares que estão sempre me apoiando e torcendo para que tudo dê certo. Em especial, agradeço a Clécia Vasconcelos, Stephanie Lima, Carla Batista, Talessa Ventura, Rebeca Menezes, Lorena Lana, Michelly Silva, Laurie Nascimento, Karina Teixeira, Felipe Tavares, Frank Gundim, Charliton Albert e Rafael Almeida, com quem divido minhas conquistas faz tempo.

Ao meu esposo, Rubinei Silva, meu companheiro de vida há oito anos, que, tendo participado de todas as etapas deste processo – o meu ingresso e permanência na universidade pública –, acompanhou de perto cada passo. Com ele, eu aprendo, todos os dias, mais sobre mim, do que sobre ele. Agradeço por todo o companheirismo, apoio, compreensão, colaboração e incentivo.

E por último, mas não menos importante, agradeço ao meu *Abba Pai* pela vida em abundância, por me permitir ingressar nesta casa e me fortalecer para que eu permanecesse nela. Agradeço por me colocar em contato com pessoas maravilhosas, me possibilitando crescer com/na diferença, na dissensão, no desafio e na mudança, “crescendo na graça e no conhecimento” (2 Pedro 3:18), “não me conformando com este mundo, mas transformando-o pela renovação da nossa mente” (Romanos 12:2); e pela fé, que é o firme fundamento das coisas que se esperam e a prova das coisas que não se veem, crendo que “tudo se fez novo” (2 Coríntios 5:17) ao adentrar na UERJ, eu agradeço este *encontro*.

Vozes-mulheres

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.

Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoava versos perplexos
com rimas de sangue
e fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.

O ontem – o hoje – o agora.

Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.

Conceição Evaristo

RESUMO

OLIVEIRA, Danielle Christina do Nascimento. **Sobre a tessitura de redes de afetos: diálogos com mulheres negras da Baixada Fluminense**. 2020. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

A presente dissertação propõe costurar minha pesquisa de mestrado, realizada no cotidiano de uma butique sensual entre os anos de 2016 e 2019, cujo objetivo principal se constitui no seguinte: conhecer histórias de mulheres negras brasileiras moradoras da Baixada Fluminense – RJ que se cruzam e se completam, mas não se tornam uma única história. Nesse mesmo movimento de costurar, a presente dissertação também propõe um resgate e valorização de memórias através da ampliação de histórias ancestrais que nos mostram que a mulher negra pode estar sozinha, mas ela nunca estará só, nos mostrando que histórias importam e que viver na margem desenvolve em nós formas particulares de ver a realidade e nos organizar em rede. As principais histórias a serem narradas e costuradas são de trocas afetivas oportunizadas por encontros em diversas circunstâncias.

Palavras-chaves: Narrativas. Valorização de memórias. Mulher negra.

ABSTRAT

OLIVEIRA, Danielle Christina do Nascimento. **About the weaving of affection networks: dialogues with Black women from the Baixada Fluminense.**2020. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

The aim of this dissertation is to sew parts of my master's research, carried out in the everyday life of a sensual boutique shop between the years 2016 and 2019. The principal objective is the following: to know stories of Black Brazilian women living in the Baixada Fluminense (Rio de Janeiro State) that intertwine and complete each other, but do not become a single story. In this same movement of sewing, the present dissertation also proposes the rescue and appreciation of memories through the expansion of ancestral stories which show us that the Black woman may be by herself, but she will never be lonely. In fact, this shows us that stories matter and that living on the margins of society develops within us specific ways of seeing reality and organizing ourselves in networks. The main stories to be narrated and sewn are based on affective exchanges made possible by encounters in different circumstances.

Keywords: Narratives. Black woman. Appreciation of memories.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Acervo pessoal de Cícera –foto de seus pais, Maria das Dores Freitas e Manuel de Freitas Filhos, anos 80 no Rio de Janeiro.....	36
Figura 02 - Acervo pessoal de Cícera – a terceira, da esquerda para a direita. Formatura do curso de Corte e Costura para Senhoras, oferecido pelo Centro Cultural da Prefeitura de São João de Meriti - RJ.....	42
Figura 03 - Acervo Pessoal de Danielle – desfileem comemoração à Abolição da Escravatura,no Madureira Shopping, e desfile da Expo Noivas, no Riocentro, ambos realizados pela Escola de Modelo e Manequim Yuri Graneiro.....	43
Figura 04 - Imagens da página pessoal de Nátaly Neri, 31 jan. 2017.....	55
Figura 05 - Imagem da página pessoal de Ana Paula Xongani, 14 mai. 2018.	62
Figura 06 - Imagem da página pessoal do Canal DePretas com Gabi Oliveira, 21 jan. 2016.....	64
Figura 07 - Arquivo pessoal do Facebook: Pretinha da Boutique (2018).....	66
Figura 08 - Arquivo pessoal do Facebook: Pretinha da Boutique, vitrine de Primavera-Verão (2018).	67
Figura 09 - Arquivo pessoal do Facebook: Pretinha da Boutique, área externa e interna da butique: loja e salão (2017).	68
Figura 10 - Cenas do filme francês Vénus Noire (2010).	71
Figura 11 - Cenas do filme estadunidense Precious: Base on Nolby Saf (2010).....	74
Figura 12 - Arquivo pessoal do Facebook: Pretinha da Boutique, vitrine de inauguração da boutique (2017).	76
Figura 13 - Arquivo pessoal do Facebook: Pretinha da Boutique, área interna da butique – loja (2017).	81
Figura 14 - Arquivo pessoal do Facebook: Pretinha da Boutique, área interna da butique – salão, Chá com Pimenta, curso de massagem (2018).	82
Figura 15 - Arquivo pessoal do Facebook: Pretinha da Boutique, área interna da boutique – salão, Papo Calcinha – Outubro Rosa (2017). Joyce Soares, Maísa Costa, Monique Moura, Nathany Rufino, Vanessa Bonze, Isabella Inocencio, Gabrielle Cristina, Yasmim Maria, Juliana Figueredo, Manuelle Marinho, Geisimar Almeida, Rogéria Borges e Luciene Borges. Fotografia: Kelly dos Anjos.....	83

Figura 16 - Arquivo pessoal do Facebook: Pretinha da Boutique, área interna da butique – salão, Papo Calcinha – Outubro Rosa (2017). Joyce Soares, Maísa Costa, Monique Moura, Nathany Rufino, Vanessa Bonze, Isabella Inocencio, Gabrielle Cristina, Yasmim Maria, Juliana Figueredo, Manuelle Marinho, Geisimar Almeida, Rogéria Borges e Luciene Borges. Fotografia: Kelly dos Anjos.	84
Figura 17 - Arquivo pessoal do Facebook: Pretinha da Boutique, área interna da boutique – salão; decoração “50 Tons de Cinza” (2018).	87
Figura 18 - Arquivo pessoal do Facebook: Pretinha da Boutique, área interna da butique – salão (2018).	88
Figura 19 - Arquivo pessoal do Facebook: Pretinha da Boutique, evento “CUFA veste rosa”. Modelos: Bruna Soares, Ana Clara Silva, Ohana Bonsu, Maria dos Santos, Gisele da Silva, Thais Fidelis. Fotógrafo: Parceiros da CUFA (2017).	90
Figura 20 - Cenas do filme estadunidense The Color Purple (1985).	101
Figura 21 - Cenas do filme americano Juanita (2019).	103

SUMÁRIO

	NOTA DE ABERTURA: UM BREVE CONVITE	14
	INTRODUÇÃO: ABRINDO A CAIXA DE COSTURA	17
1	COSTURANDO DO AVESSE HISTÓRIAS PRELIMINARES	31
1.1	Primeiros retalhos	36
1.2	Papel, tesoura, linha e agulha	44
2	HISTÓRIAS COM PONTOS CRUZADOS	47
2.1	Costurando sem os retalhos que nunca chegaram	51
2.2	Costurando com retalhos manchados	62
3	HISTÓRIAS COM PONTOS CORRIDOS E POUCA LINHA	66
3.1	Desfazendo o que já foi costurado	71
4	COSTURANDO À MÃO CADA DETALHE	76
4.1	Costurando prioridades	85
5	HISTÓRIAS COSTURADAS POR GERAÇÕES	91
5.1	Costurando, bordando, rendando	95
5.2	Costurando sem dedal	102
	CONSIDERAÇÕES FINAIS: ARREMATANDO AS HISTÓRIAS	105
	REFERÊNCIAS	113

NOTA DE ABERTURA: UM BREVE CONVITE¹

Mesmo cansada, parar não é uma opção, nunca foi. Eu não posso desistir, por mim, pelas(os) que vieram antes e pelas(os) que virão depois, *nossos passos vêm de longe* (WERNECK, 2006), e nós precisamos garantir que as portas permaneçam abertas, para que nós sejamos livres, um dia. Por isso, entendendo que, para nos mantermos vivas, precisamos nos apropriar de algumas ferramentas colonizadoras, convido você, leitor(a), para se colocar no lugar deste corpo preto que escreve, nos demais corpos que se enunciam através deste e posteriormente nos corpos de interlocução deste trabalho. Sugiro que, por precaução, você pegue uma lanterna e também um espelho, ou alguma outra ferramenta manual que possa te auxiliar. Caso se perca, não hesite em usá-los. Eles podem te ajudar a observar mais detalhadamente cada espaço.

E se houver alguma dificuldade de se colocar no lugar do outro, sugiro que coloque uma venda nos olhos – feche seus olhos – e imagine se fosse você. Afinal, esse encontro *que começa aqui só é possível porque redescobri um mundo que é meu, mas que não pertence só a mim. Ele é parte de uma busca que todos nós devemos fazer para compreendermos quem somos. Por isso, sempre que eu falar de mim [...], estarei também falando sobre você. Ou, ao menos sobre essa busca saudável por identidades* (RAMOS, 2017).

O medo sempre me paralisou – *o medo do desprezo, da censura ou de algum julgamento, do reconhecimento, do desafio, da aniquilação* (LORDE, 2019). Ele sempre esteve presente, me impedindo de adentrar de cabeça nos relacionamentos, nas ideias mirabolantes, de me colocar no mundo e para o mundo. Mas esse processo de busca me abriu um leque de possibilidades e me mostrou que são *muitos os silêncios a serem quebrados* (LORDE, 2019), afinal, eu estou viva, mas poderia não estar. O autoconhecimento e o autocuidado têm dado um novo sentido a coisas que outrora parecia descabido e têm me ensinado a expor e compartilhar a vida.

– Entra...

Despir-se nunca foi tão difícil como neste momento, exceto na primeira vez, é claro. Mas, no fundo, toda primeira vez é como a primeira vez. No início é assustador, depois se torna prazeroso. Todavia, quando se escolhe despir-se, o nervosismo dá lugar ao fetiche e as

¹ Com a impossibilidade de manter este convite com a escrita original/em seu estilo literário próprio – por não se enquadrar as normas da ABNT –, onde todas as citações estavam em itálico e com asterisco, referenciadas ao final, para que a leitura fosse mais fluida e próxima ao leitor(a), eu sigo como Esperança Garcia – mulher escravizada afro-piauiense –, incansável no esperar de outros modos de viver, ver, ouvir, sentir e escrever... Sobre ela, ver mais ao longo do texto e nas referências do trabalho.

imaginações te trazem o gozo. Quando se escolhe, é como um voto, uma intenção sem nenhuma certeza, mas com algumas hipóteses de intenção. A escolha por me despir publicamente me pareceu o melhor caminho para me aproximar de você, leitor(a), afinal, não tem nada mais nosso do que nossas intimidades: o profano e o sagrado, a vida e a morte, tudo junto e misturado. Expondo-as, me desarmo, mostro ao que vim e porque vim.

Ficar nua publicamente é aceitar que todos vejam meus sinais e minhas marcas (de nascença e as já cicatrizadas), meus erros e fraquezas, mas também permiti a todos apreciar a beleza de um corpo feminino negro. Exótico? Diga-me o que você vê. Eu ainda vejo *a carne mais barata do mercado* (CAPELLETTE; MÁRIO; YUCA, 1998). Carne nova, carne fresca, carne boa... Somente um pedaço de carne. Não é assim que muitos dizem: “Eu comi ou eu vou comer”? É a isso que somos reduzidas. Por isso, não sei o que é pior, estar como viemos ao mundo entre conhecidos ou entre desconhecidos, mas o convite estende-se a ambos. Sinto um frio na barriga, mãos e pés gelados e um enorme constrangimento. Mas não vou recuar, não vejo outra forma que não essa para convidá-los para estarem (intimamente) comigo.

– Que cheiro bom, tá sentindo? Eu adoro esse perfume que fica no ar, é afrodisíaco.

Prefiro propor um encontro marcado, onde eu dito as regras – o lugar, a roupa, o perfume, a luz e o som ambiente –, do que algo forçado, afinal, por ora, faço parte de um pequeno grupo privilegiado, que escolhe/escolheu e não apenas foi escolhida. É preciso deixar claro que falo do lugar daquela que teve possibilidades de subverter e criar uma rede de sociabilidade e afetividade. Portanto, me parece justo pedir a você, leitor(a), que siga as regras, entre devagar e respeite as escolhas feitas por mim. Por mais que talvez você não concorde, não foram escolhas fáceis; e eu assumo a responsabilidade por todas elas, justificando-as ao longo deste encontro. Foram escolhas necessárias, sobretudo as últimas, que você encontrará ao final. Fique à vontade, bem à vontade. Sugiro que, se o clima esquentar, você não se esqueça porque veio e o que precisa ser feito. Espero que não te assuste ser convidado(a)/confrontado(a) por uma mulher negra livre, ou que deveria ser.

– Espera...

O que é ser livre em um país como o nosso? Estando com pouca roupa, na rua, posso ser chamada de estimuladora de estupros e ser forçada a ter relações sexuais sem nenhum prazer, ou, estando nua, não posso fazer aparição em espaços públicos, posso ser detida por ato obsceno. Livre? Não somos e nem nunca fomos. Portanto, não insista para que eu saia do pequeno quarto, onde escrevo. Estou sempre correndo perigo, logo, reafirmo que, aqui, eu dito as regras! Todas e todos são bem-vindos, mas suponho que talvez você não esteja entendendo muito bem este convite. Mesmo instigado em aceita-lo e seguir comigo, permanece inseguro.

– Relaxa, eu não mordo! Quer dizer, depende...

No decorrer deste encontro, proponho que façamos algumas coisas juntos(as), começando por um *striptease*. Em cada capítulo, eu tiro uma peça, como forma de me expor mais para você e, dessa forma, nos aproximarmos mais intimamente. Mas sugiro que você faça o mesmo. Que você encare cada história como a sua história e se transforme no personagem narrado. Dessa vez, não teremos fantasias pornográficas, nada de enfermeira ou colegial, será você interpretando um personagem cotidiano. O que será que essas histórias dizem sobre você ou que memórias elas te trazem? Se permita senti-las. Eu já consigo sentir cheiro de novas histórias.

Obrigada por entrar e esperar. Esse encontro tem sido muito desejado por mim. Apesar de toda hesitação causada pelo momento, tenho certeza de que você não irá se arrepender. Mas, se der medo, você pode recuar. A porta permanecerá aberta; outros(as) ainda estão por vir. E se você resolver seguir comigo neste encontro, as luzes permanecerão apagadas – *o lugar de poder da mulher dentro de cada uma de nós não é claro e nem superficial; é escuro, é antigo e é profundo* (LORDE, 2019). Então, use a lanterna quando necessário. Não posso deixar de te avisar que aqui faz frio, então precisaremos ficar bem próximos, para nos mantermos aquecidos.

– Senta...

Pois bem, utilizo uma metáfora, para que você, leitor(a), entenda que o meu corpo é um corpo que escolhe/escolheu para quem e como vai dar prazer e também escolheu/escolhe como e/ou com quem vai ter prazer, utilizando o meu próprio corpo como “ferramenta colonizadora” para seduzi-los, como forma de produzir críticas e denúncias das violações e hipersexualização dos corpos negros e seguir como bem nos ensinou Esperança Garcia, ao se apropriar da escrita para enviar uma carta ao governador da Capitania do Piauí, denunciando os maus-tratos que sofria. Desta forma, minha escrita é um desnudar-se porque trata de assuntos caros, principalmente para área da Educação, expõe tabus e intimidades, faz denúncias das urgências e emergências do cotidiano. E, *com a celebração do erótico em todos os nossos esforços, meu trabalho passa a ser uma decisão consciente – uma cama tão desejada, na qual me deito com gratidão e da qual me levanto empoderada* (LORDE, 2019). Portanto, se já estiver à vontade, sugiro que voltemos ao que interessa, porque eu já estou pronta. Nosso encontro vai começar!

São João de Meriti, 2020.

INTRODUÇÃO: ABRINDO A CAIXA DE COSTURA

Vida bordada
 Em muitos matizes
 Agulhas perfuram
 Profundamente
 Nossos tecidos
 Forma custosa
 Demorada
 Muitas voltas, laçadas
 Ponto atrás, quando preciso
 Ponto haste, dando direção
 Correntinha para amenizar
 Um coração em rococó
 Marco preciso com ponto cruz
 Para os vazios infindáveis
 Tentamos o ponto cheio
 E segundo dizem
 É pelo avesso que se vê
 O capricho de uma vida
 Nós e fios cortados
 Arremate que nunca finda

Silvana Conterno

O ano era 2015, e a Baixada Fluminense², no Estado do Rio de Janeiro, foi uma das áreas inicialmente mais afetadas por conta da crise financeira do Estado. O que já era precário ficou ainda pior. Em 2016, o governo do Estado do Rio de Janeiro decretou “estado de calamidade pública devido à crise”³. A saúde e a educação foram áreas altamente afetadas. O projeto elaborado para derrubar a presidente estava caminhando a passos largos e acarretou no *impeachment* de Dilma Rousseff, o golpe de 2016. A primeira mulher eleita democraticamente

² Região localizada ao norte do município do Rio de Janeiro- RJ, composta pelos municípios de Duque de Caxias, Nova Iguaçu, São João de Meriti, Nilópolis, Belford Roxo, Queimados, Japeri, Magé, Guapimirim e Mesquita, e localizada na região da antiga Baixada da Guanabara.

³ Matéria do jornal *O Globo*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/06/governo-do-rj-decreta-estado-de-calamidade-publica-devido-crise.html>>. Acesso em: 14 mar. 2019.

foi derrubada. A população pedia socorro com muita desesperança em relação ao novo governo. Ministérios foram destituídos e até findados; projetos que levaram anos para serem colocados em prática de forma sólida e foram engavetados. Retrocedemos! As áreas da saúde e educação foram as mais prejudicadas, sobretudo no tocante à Cultura e Pesquisa do país.

A Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) foi/é uma das mais atingidas por esse projeto de desmonte da educação pública, que atingiu e atinge mais severamente os estudantes de baixa renda. Sendo a UERJ pioneira em programas públicos e sociais que transformaram a realidade brasileira, como as Ações Afirmativas para ingresso e permanência de estudantes negros, indígenas, periféricos e de baixa renda no ensino superior, com intuito de democratizar o acesso à educação pública, gratuita e de qualidade, havia muita apreensão e incertezas quanto à permanência desses estudantes que, há tão pouco tempo, usufruem de seus direitos— desde os anos 2000 com a reserva de vagas⁴. Grande parte desses estudantes, sobretudo aqueles que, além da bolsa permanência (oriunda do ingresso pelo sistema de cotas), possuíam bolsa de extensão, iniciação científica ou iniciação à docência e, assim, não tinham como trabalhar fora da universidade, precisou inventar formas de sobrevivência que os ajudassem a se manter naquele espaço durante os atrasos das bolsas.

E foi nesse momento de caos que surgiu esse projeto de pesquisa ou, melhor dizendo, esta caixa de costura, em um período em que só foi possível para alguns estudantes e funcionários permanecerem na universidade pública através de uma existência estratégica em gambiarra (FERNANDES, 2019)⁵, tais como doações; vendas de doces, salgadinhos e acessórios pelos corredores e dentro dos (poucos) elevadores que funcionavam; oferta de aulas particulares dentro e fora do campus; e participação em rodas de conversas e fortalecimento. Apesar de todas as dificuldades, a UERJ permaneceu viva e segue se reinventando e resistindo com a ajuda de todos, sobretudo das mulheres.

A vereadora do Rio de Janeiro, militante em direitos humanos e também socióloga Marielle Franco⁶ (2017), cujos estudos contribuem significativamente não somente para a área

⁴ Ver as Leis: nº 3.524/2000, nº 3.708/2001, nº 4.151/2003, nº 5.074/2007, nº 5.346/2008 e nº 8.121/2018. Disponível em: <<http://www.uerj.br/a-uerj/a-universidade/sistema-de-cotas/>>. Acesso em: 14 mar. 2019.

⁵ Gambiarra é um conceito defendido pela pedagoga Lygia Fernandes (2019), na sua tese *Não falo do lugar dos derrotados* – o encontro de saberes e suas potencialidades emancipatórias, que define gambiarra como tudo aquilo que nos ajuda a sobreviver em determinado contexto, ou seja, algo que funciona muito bem em determinado contexto, mas pode não servir para outros contextos.

⁶ Marielle Franco foi assassinada em 14 de março de 2018, em um atentado ao carro em que estava. Treze tiros atingiram o veículo, matando também o motorista, Anderson Pedro Gomes. Marielle havia acabado de sair da Casa das Pretas, onde cumprira sua agenda no evento Jovens Negras Movendo as Estruturas – parte de uma ação chamada 21 dias de Ativismo Contra o Racismo, no Rio de Janeiro. Já faz mais de dois anos que nos perguntamos “Quem mandou matar Marielle?”. Marielle é cria da favela da Maré, socióloga formada pela PUC-Rio e mestra em Administração Pública pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Trabalhou em

da administração pública como, também e principalmente, para a área educacional, no seu último texto publicado, antes de ser brutalmente assassinada, traz a emergência da vida feminina para superar a retirada de direitos após o golpe de 2016 e nos lembra que:

Predominam, nas favelas e na periferia, mulheres com essas características que, no entanto, são potência de criatividade, inventibilidade e superações das suas condições, nas formas de vida e nas organizações sociais em seus territórios e alcançam, em seus múltiplos fazeres, centralidade na cidade (p. 90).

Por sorte, a UERJ é cheia dessas mulheres.

Muitas mulheres tornaram-se negras (SOUZA, 1983) a partir de experiências e descobertas no *encontro* com esta universidade pública – espaços de formação –, afinal, para muitas, essa foi (talvez) a primeira oportunidade de ocupar outros espaços de valorização e ressignificações de conhecimentos/saberes, seja como estudantes ou com outras funções.

O corpo negro, historicamente, é alvo de críticas, intervenções e violências. Seus atributos, sejam eles físicos ou intelectuais, são sempre questionados. As narrativas transcritas e analisadas mais à frente são sobre experiências e vivências no contexto brasileiro, de mulheres pretas, aqui também chamadas de negras. Utilizo os dois termos durante todo o texto, por entender que historicamente ambos foram ressignificados através dos usos políticos dados pelos diversos movimentos negros e sociais, das manifestações religiosas e culturais etc, que não desconsideram as complexidades relacionadas aos corpos negros, muito pelo contrário.

A luta dos movimentos negros, também chamados pela professora mineira e ex-ministra das mulheres, da igualdade racial e dos direitos humanos, Nilma Lino Gomes de *O movimento negro educador* (2017)⁷, vem potencializando ainda mais as discussões sobre o uso político dos dois termos, para entendermos a construção das nossas identidades, ou seja, “compreender a identidade como processo de identificação e subjetivação que se dá não no singular, mas no plural, nas diferenças e hibridizações culturais [...]” (ALMEIDA, 2014, p.65). Além disso, a

organizações da sociedade civil, como a Brasil Foundation e o Centro de Ações Solidárias da Maré (CEASM). Coordenou a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj), ao lado de Marcelo Freixo. Foi eleita vereadora do município do Rio de Janeiro pelo PSOL. Mulher, negra, bissexual, mãe, filha, irmã, esposa, favelada, ela foi a quinta vereadora mais votada no Rio de Janeiro nas eleições de 2016, com 46.502 votos. As questões do feminismo, da luta contra o racismo, bem como a defesa dos direitos humanos nas favelas do país modulam o perfil de seu mandato e seus projetos em busca de um modelo de cidade mais justo para todos e todas.

⁷ Para Nilma Lino Gomes, o movimento negro educador é um sujeito coletivo e político, “[...] constituído por um conjunto variado de grupos e entidades políticas (e também culturais) distribuídos nas cinco regiões do país. Possui ambiguidades, vive disputas internas e também constrói consensos, tais como: o resgate de um herói negro, a saber, Zumbi dos Palmares; a fixação de uma data nacional, o dia 20 de novembro; a necessidade de criminalização do racismo, o artigo 5º, inciso XLII da Constituição Federal de 1988, e o papel da escola como instrumento de reprodução do racismo” (SILVA JÚNIOR, 2007, apud GOMES, 2017, p. 27).

escolha de uso dos dois termos aconteceu porque preta e negra são termos colaboradores das reflexões e debates nos quais estou inserida⁸.

As principais histórias a serem narradas e costuradas são de *encontros* de mulheres oriundas da periferia do Rio de Janeiro, na Baixada Fluminense. O trabalho explana algumas trocas oportunizadas por *encontros* em diversos espaços aqui chamados de formativos. Esses *encontros* possibilitaram a construção, desconstrução, redescoberta das identidades negras destas mulheres e provocaram novas histórias.

O capítulo I, Costurando do avesso histórias preliminares, começa com memórias de infância e o resgate histórico de pertencimento de uma estudante negra do curso de Pedagogia, moradora de São João de Meriti. O capítulo II, Histórias com pontos cruzados, narra os *encontros* de Dandara e da funcionária terceirizada moradora de Belford Roxo Luísa, nos quais as duas conversam sobre estratégias para resistirem e não desistirem de seus estudos e trabalhos. O capítulo III, Histórias com pontos corridos e pouca linha, traz relatos da professora da Educação Básica e moradora de Mesquita Jurema Garcia sobre suas redescobertas identitárias e o seu desejo de mudar a escola. No capítulo IV, Costurando à mão cada detalhe, é informado, de forma detalhada, o local denominado campo de pesquisa. O capítulo V, Histórias costuradas por gerações, narra alguns conflitos vivenciados por três mulheres de gerações diferentes da mesma família moradoras de Nova Iguaçu, Pérola Soares, Maria Sueli e Dona Elza.

Em todos os capítulos, os *encontros* aparecem em diálogo com os discursos de mulheres negras cujo protagonismo interfere na vida de outras tantas mulheres: Vênus Negra Hotentote, Preciosa, Celie, Juanita e, também, as *youtubers* Nátaly Neri, Ana Paula Xongani e Gabriela Oliveira. Mulheres com experiências de resistências e desobediências epistêmicas (MIGNOLO, 2007), seja através de seus corpos que afirmam a negritude e/ou que ocupam espaços de poder embranquecidos, mulheres com corpos retalhados, marcados de forma tão profunda, que a falsa abolição⁹ e a consequente violação de direitos não foram capazes de apagar, sobretudo no que diz respeito às suas relações afetivas.

As mulheres anônimas que aparecem nesse trabalho são nossas principais interlocutoras. E o uso de nomes fictícios¹⁰ se justifica por questões éticas da pesquisa. Além disso, os nomes

⁸ Para compreender melhor, ler Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (DCN-ERER).

⁹ Chamo de falsa abolição o processo de libertação de pessoas escravizadas através da Lei Áurea, assinada há mais de 130 anos pela princesa Isabel, que não assegurou direitos a essas pessoas, não promoveu medidas para reparar os mais de três séculos de danos à população negra no país, tampouco ajudou esses grupos a conseguir se inserir na sociedade. Apesar da revogação da escravidão, negros ainda continuavam sendo vistos sob a ótica escravagista, marginalizados, subalternizados etc.

¹⁰ Os nomes fictícios, escolhidos pelas interlocutoras desta pesquisa, foram os próprios nomes e sobrenomes de suas mães e/ou avós, homenageando o matriarcado de suas famílias. Elas também utilizaram os sugeridos pela autora, como forma de homenagear as heroínas negras brasileiras: Dandara dos Palmares – AL, Luísa Mahin – BA, Esperança Garcia – PI, Conceição Evaristo – MG, Beatriz Nascimento – SE, Jovelina Pérola

foram exigidos e escolhidos pelas próprias interlocutoras – inclusive utilizados também em alguns momentos pela própria autora do trabalho, como forma de se distanciar para narrar suas próprias histórias. Após algumas conversas sobre representatividade negra e a sugestão de alguns nomes, todas as interlocutoras optaram por nomes homenageando o matriarcado de suas famílias (nomes/sobrenomes de suas mães e/ou avós). Coincidentemente, todos os nomes escolhidos por elas eram também nomes de heroínas/intelectuais¹¹ negras, o que oportunizou que a autora contasse um pouco a história dessas mulheres e sugestionasse que elas complementassem seus nomes fictícios também com algum desses nomes.

Esse processo trouxe, já neste primeiro momento, algumas questões bastante pertinentes para pensarmos sobre a relevância dessa pesquisa. Por que eu tenho que começar contando a história dessas mulheres usando seus nomes fictícios? Não sendo essa questão somente uma questão relacionada ao caráter ético de pesquisa, conseqüentemente, tantas outras surgem. Por que mulheres que passam diariamente por questões discriminatórias, racistas, violentas etc. não querem ser identificadas? O que a adoção de nomes fictícios nos diz sobre a temática escolhida? Por que elas se sentem mais à vontade preservando o anonimato? São sobre essas questões e muitas outras que o trabalho se debruça.

A escolha do tema de investigação desta dissertação se deu a partir do cruzamento das minhas histórias com a UERJ, causando em mim inquietações e motivações para compreender questões que não são só minhas, mas estão intimamente ligadas à minha trajetória no Grupo de Pesquisas Culturas e Identidades no Cotidiano (ProPEd/UERJ) e a tudo o que eu vivenciei ao longo da vida. Por isso, proponho aqui um estudo sobre educação étnico-racial sob a perspectiva dos processos identitários ligados aos afetos, corpos e sexualidades de mulheres negras brasileiras, tendo em vista as relações afetivas e sexuais históricas, tendo como objetivo problematizar os impactos, as tensões, os conflitos e as negociações que as diversas redes educativas produzem muitas vezes a partir da naturalização de funções sociais, de um estereótipo racista, machista e homogêneo.

Parto do meu lugar de mulher preta que passou por experiências relacionadas a essas questões e entende que essas histórias não representam somente as mulheres já citadas, e sim tantas outras com histórias que se cruzam e/ou se completam, mas não se tornam uma única história (OLIVEIRA, 2016). Tais histórias trazem semelhanças e possibilidades para pensarmos em novas histórias de pertencimento e emancipação a partir de experiências interseccionais

Negra – RJ, Sueli Carneiro – SP, Maria Carolina de Jesus – MG, Elza Soares – RJ e tantas outras mulheres brasileiras com nomes similares e histórias potentes de resistência e empoderamento.

¹¹ Faço uso do termo Intelectual Negra como categoria política – forma de expandir os sentidos da intelectualidade na sociedade brasileira em termos de gênero e raça, reafirmando a potencialidade da intelectualidade de autoras, escritoras, pensadoras negras – como sugere a professora e também intelectual negra Giovana Xavier ao criar o Grupo de Estudos e Pesquisas na UFRJ de mesmo nome, inspirada em pensamentos e estudos da autora bell hooks.

cotidianas baseadas no feminismo negro diaspórico (COLLINS, 2019; CRENSHAW, 2004; DAVIS, 2016; GONZALEZ 1984; SANTOS, 2007).

Nesse sentido, o trabalho dialoga, também e principalmente, com a linguagem artística, sobretudo com o audiovisual, na busca incessante por uma nova linguagem que não nos desumanize, mas, muito pelo contrário, nos faça “[...] ganhar a voz, escrever e recuperar nossas histórias escondidas” (KILOMBA, 2019, p. 27), como sugere a filósofa e artista portuguesa Grada Kilomba (2019), que tem dado voz, corpo e imagem aos seus próprios textos. Tendo como premissa essa sugestão, o trabalho também contribui com as pesquisas em diálogo com os cotidianos, com seus praticantes que tecem e articulam redes de conhecimentos e significações como orientação de suas ações/práticas, como forma de “literaturizar a ciência” (ALVES, 2001).

Ajudam também a alinhar essas reflexões, sobretudo no que diz respeito aos conceitos relacionados aos estudos afrodiaspóricos e decoloniais e nas escolhas intencionais da escrita da autora, as pensadoras Conceição Evaristo, Mailsa Passos e bell hooks, eleitas como base teórico-metodológica, além das já anteriormente citadas professoras e pesquisadoras. A escritora Conceição Evaristo (2005, 2009, 2017) contribui com esse trabalho a partir da perspectiva de *escrivência*, através da escrita de si e da narrativa de vida como contação de histórias, com protagonismo feminino negro como forma de subverter a lógica colonizadora. A professora Mailsa Passos (2009, 2014, 2019), por sua vez, contribui com os conceitos da metodologia do *encontro*, os alinhavos de histórias e memórias e o cotidiano na vida real e na ficção, nos quais nos interessam os processos identitários a partir das narrativas. Por último, a professora e ativista feminista afro-americana bell hooks (2006, 2013, 2017) nos ensina a transgredir através da prática do amor íntimo. Serão narrados *encontros* presenciais, virtuais e simbólicos entre mulheres negras, com histórias atravessadas por questões de raça, gênero, classe, geração e sexualidade, em diálogo com os cotidianos, a fim de contribuir com a produção e socialização do aprofundamento de tais pesquisas.

Aprendendo alinhar ideias

O conto *Uma história particular*¹², da escritora nigeriana Chimamanda Adichie (2009), cujos trechos narrarei a seguir, nos ajudará a compreender como se articulam as escolhas

¹² Originalmente chamado de *A private experience*, é um conto do livro *The Thing Around Your Neck* (2009), da autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. Este livro é uma coleção de doze contos que relatam questões de imigração, da desigualdade racial e social, dos conflitos religiosos e das relações familiares. Posteriormente publicados em português, no livro *No seu pescoço* (2017), que faz menção a essas várias situações conflitantes das personagens. No entanto, a tradução utilizada neste trabalho foi feita pelo professor Nelson Santiago, antes da publicação do livro no Brasil, para fins didáticos do Grupo de Pesquisa Culturas e Identidades no Cotidiano (<https://gpcic.pro.br/>).

teórico-metodológicas deste trabalho e a escolha do campo de pesquisa. O referido texto nos dá pistas de algumas vozes que são atravessadas pela autora e o quanto os autores tidos como clássicos nos ajudam a pensar, mas não são os nossos pensamentos (KILOMBA, 2019). Afinal, eles nos ajudam a sentir, mas não sentem como nós, porque nós também temos alma, como bem nos lembrou Passos (2020) em um *encontro* do Grupo de Pesquisas Culturas e Identidade no Cotidiano, a partir de reflexões sobre a colonialidade. Por isso, com a necessidade da construção de um novo cânone teórico-metodológico, parto da minha *escrevivência*, como sugerido pela escritora mineira Conceição Evaristo (2009), pois acredito que:

Quando uma mulher como Carolina Maria de Jesus crê e inventa para si uma posição de escritora, ela já rompe com um lugar anteriormente definido como dela, o da subalternidade, que já se institui como um audacioso movimento (EVARISTO, 2009, p. 28).

Sinto-me instigada em costurar e construir um trabalho antirracista e de autoria negra, a partir de perspectivas particulares e coletivas, do viver, ver, sentir, escrever e ouvir de mulheres negras, com uma subjetividade contaminada pela nossa condição de mulher negra na sociedade brasileira. A construção desse trabalho traz alguns desafios, porque,

quando estou escrevendo, tenho ampla consciência de que estou trabalhando com a arte da palavra. Mas eu quero trabalhá-la de modo que ela me aproxime e traduza essa primeira experiência minha, que foi justamente com a arte da palavra oral (EVARISTO, s/p., 2017).

Muitas de nós, através do contato com nossas mais velhas (mães, avós, bisavós, tias, irmãs etc.), experimentam a oralidade, mas não só.

E, na importância de nós dizermos de nós mesmos, sermos protagonistas (sujeitos de autoria e temática), através do resgate histórico para um maior fortalecimento e valorização de identidade e direitos das populações negras, serão alinhavadas e costuradas histórias que não são únicas, como as narradas nas literaturas afro-brasileira de Conceição Evaristo, Maria Firmino dos Reis, Geni Guimarães, Miriam Alves, Cidinha da Silva, Carolina Maria de Jesus e tantas outras autoras e autores já existentes. O que é proposto neste trabalho é que, a partir de nossas experiências e das experiências que serão narradas, pensemos a Educação como campo amplo e rico de possibilidades, inclusive para uma educação das relações étnico-raciais.

A escolha do campo de pesquisa se deu a partir de uma história particular – experiências afetivas complexas compartilhadas –, que inicialmente se deu ao acaso, bem como a história de Chika, do conto *Uma história particular* (ADICHIE, 2009). Neste conto, duas mulheres nigerianas refugiam-se em uma pequena loja vazia, aparentemente abandonada, após escaparem de um conflito religioso entre cristãos *igbo* e muçumanos *hausa*. É neste ambiente polifônico e dialógico que ocorre um processo de identificação entre as duas personagens “cujas

diferenças são aparentemente inegociáveis – já que pertencem a etnias, religiões e classes sociais diferentes – compartilham o medo, a sensação de abandono e o sentimento de amizade” (PASSOS, 2014, p. 235).

Chika pula pela janela da loja primeiro e segura a veneziana, para a mulher entrar depois dela. [...] A mulher pula e a veneziana range quando Chika a solta. As mãos de Chika tremem, sua panturrilha ainda arde depois da corrida desajeitada, de saltos altos, desde o mercado. Ela quer agradecer à mulher, por tê-la parado quando ela passava, por ter dito “não corra naquela direção” e por tê-la conduzido, ao contrário, àquela loja vazia onde elas podiam se esconder. [...] Por ora ela diz: Obrigada por me chamar. Tudo aconteceu tão rápido e todos correram, de repente eu estava só, sem saber o que fazer. Obrigada. – Este lugar é seguro – a mulher fala, em uma voz tão suave que parece um suspiro. [...] Ela e a mulher ficaram em silêncio por algum tempo, olhando para a janela por onde tinham entrado, suas venezianas de madeira rangendo e balançando no ar. [...] – Feche a janela – a mulher fala. [...] **Ela desamarra sua wrapper verde, que cobre todo o seu corpo, e a estende no chão empoeirado. [...] – Vem e senta. Chika olha para o tecido gasto estendido no chão, que talvez deva ser um de dois que a mulher possua. [...] Não, sua wrapper vai sujar – ela diz. – Senta. Nós vamos esperar aqui muito tempo** (ADICHIE, 2009, grifo nosso).

Uma aproximação que em outro momento pareceria um tanto inusitada, quase impossível, nesse momento se deu ao acaso devido às circunstâncias, **estando ambas naquele momento em condições similares, no mesmo plano, sentadas na mesma wrapper**¹³, compartilhando do mesmo momento de perigo, bem como aconteceu comigo e minha irmã, como veremos mais à frente. As urgências da situação colocaram Chika e a outra mulher em diálogo, da mesma maneira que algumas situações vivenciadas por nós cotidianamente também o fazem, revelando-nos que nem sempre um *encontro* é harmônico, porque todo *encontro* pressupõe também tensão e negociação.

[...] A conversa parece surreal; ela sente como se estivesse olhando a si mesma. – Eu ainda não acredito que isto está acontecendo, este tumulto. A mulher olha fixo para a frente. – Isto é trabalho do mal – ela fala finalmente. [...] A mulher baixa sua blusa e desabotoa o fecho dianteiro de um sutiã preto desbotado. Tira de dentro dinheiro – notas de dez e vinte naíras, dobradas, antes de libertar os seios fartos. – Queimando, queimando como pimenta – ela diz, com as mãos em concha em torno dos seios como em oferenda, em direção à Chika, que muda de posição. [...] Os mamilos da mulher são rachados, esticados e marrom escuro, as auréolas em um tom mais claro. Chika olha atentamente para eles, os apalpa. – Você tem um bebê? – Sim. Um ano. – Seus mamilos estão secos, mas não parecem infeccionados. Depois de amamentar seu bebê, você deve usar alguma loção. [...] A mulher dá um longo olhar para Chika. – Primeira vez isso. Eu tô com cinco crianças. – O mesmo aconteceu com minha mãe. Os seios dela racharam com a chegada da sexta criança e ela não sabia o que ocasionou, até que uma amiga disse que ela precisava passar um creme – Chika diz. Ela quase nunca mente, mas se alguma vez o faz sempre tem um propósito por trás da mentira. [...] – O que sua mãe passa no mamilo dela? – a mulher pergunta. – Manteiga de cacau. As rachaduras curaram rápido. – É? – **a mulher observa Chika por alguns momentos, como se esta revelação tivesse criado um laço.** [...] A mulher, desajeitadamente, lava suas mãos e seu rosto na torneira, tira seu lenço do pescoço e o coloca no chão.

¹³ Uma saia de algodão cujo tecido é enrolado no corpo em várias voltas, como um embrulho, roupão ou uma capa.

Chika olha para o outro lado. Ela sabe que a mulher está ajoelhada, virada para Meca, mas não olha. É como as lágrimas da mulher, uma experiência particular, e ela deseja poder sair da loja neste momento. [...] **Quando a mulher se levanta, Chika se sente estranhamente energizada.** Mais de três horas se passaram e ela imagina que a confusão tenha se acalmado, que os agitadores tenham se dispersado (ADICHIE, 2009, grifo nosso).

Os trechos narrados trazem um *encontro* inusitado, bem como as histórias cotidianas que virão a seguir – alinhavadas para serem costuradas por mim –, que se cruzam e/ou se completam, mas não se tornam uma. Histórias que inicialmente se cruzam devido à mesma necessidade de um plano B em meio à crise financeira estadual e, posteriormente, ocorrem dentro de uma loja, mas escapam destes espaços para outros. Duas irmãs criadas na mesma casa pela mesma mãe que decidem empreender como forma de terem outra renda financeira. Mulheres com profissões e pontos de vistas diferentes, que decidiram fazer da parceria familiar uma parceria profissional através do cuidado de outras mulheres que, a partir desse momento, estão em condições similares.

A escolha de uma loja como campo de pesquisa se deu por entendê-la como um local de circulação e troca não só comercial (monetária e de mercadoria), mas também, e principalmente, de afeto, cultura e conhecimento. Juntando-se a isso, existia também o desejo de que a pesquisa desse conta do conceito de marginalidade/marginalização, a partir da perspectiva de Collins (2019). Por isso, a escolha pela loja como campo de pesquisa, já que ela está localizada à margem tanto socialmente, por ser um local de venda de produtos eróticos e sensuais cujas proprietárias eram negras, como também geograficamente, já que está situada longe do centro comercial.

Sobre os *encontros*, Passos (2014) nos ensina que é o contexto que dá sentido às relações, ou seja, é o contexto de uma experiência compartilhada que lhe atribui sentido, por isso as histórias selecionadas para serem costuradas neste trabalho são histórias que, a partir do *encontro*, afetaram as pessoas envolvidas e trouxeram identificação a elas, passando, assim, a existir para o outro (FANON, 2008), estabelecendo laços e alianças de emancipação e empoderamento.

Essa experiência não é somente o vivido convertido em narrativa. Não se trata de dois fenômenos distintos, mas sim, de uma única coisa: a experiência só faz sentido quando narrada; narrar é viver, na medida em que narrar é dar-se conta do vivido (PASSOS, 2014, p. 237).

Assim como a história de Chika e da outra mulher nos desloca e causa modificações, nos mostrando o quanto somos incompletos e parciais, as histórias a seguir, de Dandara Nascimento, Luísa Conceição, Jurema Garcia, Pérola Soares, Maria Sueli e Dona Elza também trazem tais provocações, afinal,

É esse tipo de narrativa que tem nos interessado nas pesquisas: aqueles discursos que, ao produzirem realidade, produzem também processos de solidarização. [...]

Creemos também que é possível manter na pesquisa o caráter solidário da narração do “outro”. Cria-se um envolvimento entre os pares implicados uns com os outros pela experiência comum forjada no jogo social e na dinâmica da interação verbal. **É na experiência humana que arte, vida e ciência se unificam. [...] Quando investimos na produção científica em Educação como campo de possibilidades e emergências, é possível encontrar zonas de identificação nas diferenças, compreender crianças negras da periferia como sujeitos sociais, mulheres afro-brasileiras como referências éticas e estéticas.** (PASSOS, 2014, p. 238-240, grifo nosso).

Deste modo, a escolha da temática e do campo de pesquisa é atravessada pelas minhas escolhas éticas, estéticas e políticas. O trabalho é alinhavado por muitas mãos, mas costurado por duas, construído em redes de sociabilidades, cujas marcas de solidão e de enfrentamento a essa solidão estão presentes. Essas mãos entretecem (constroem e desconstroem) identidades; e tudo isso é narrado a partir de uma ótica – o olhar da autora. Não tendo intenção alguma de generalizar a solidão da mulher negra, entendemos que as trajetórias das mulheres negras brasileiras são permeadas pela solidão e o preterimento – diversos estados de solidão. A solidão e o preterimento são, portanto, parte indissociável da formação da nossa subjetividade, que está intimamente relacionada aos processos violentos de escravidão e às suas consequências, sobretudo aos estereótipos associados às mulheres negras no imaginário social.

Portanto, o trabalho, apesar de tratar de mulheres negras em outros contextos, traz também um desdobramento a partir de reflexões feitas pela pedagoga e militante Claudete Alves da Silva Souza nas suas pesquisas – que deu uma maior visibilidade para o termo –, na dissertação *A solidão da mulher negra – sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo* (2008), que posteriormente foi convertida no livro *Virou regra?* (2010), que também dialoga com as reflexões feitas pela socióloga e professora da Universidade Estadual da Bahia (UNEB) Ana Paula Lemos Pacheco, nas pesquisas de sua tese defendida no mesmo ano, “*Branca para casar, multada para f..., negra para trabalhar*”: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia (2008), que posteriormente se transformou no livro *Mulher negra: afetividade e solidão* (2013).

As duas autoras acima citadas nos mostram em suas pesquisas que, independente de qual contexto estamos falando, em alguns momentos, faz-se necessário retomarmos os estudos da História do Brasil¹⁴, desde a invasão dos portugueses, em 1500, com a exploração, as imposições, os estupro, os escambos, os sequestros e tudo mais que nos causam dores e preterimento até os dias atuais, fazendo um resgate da memória coletiva, como também sugere

¹⁴ Aproveito para lembrá-los de que o que se obriga nas leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08 – incluir no currículo oficial da Educação Básica (Ensino Fundamental e Ensino Médio), nas redes de ensino pública e privada, as temáticas de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena –, após a alteração das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, lei nº 9.394/96), se fosse cumprido em todas as instituições de ensino, nos permitiria desde a infância ter uma maior consciência da nossa realidade.

o antropólogo e professor brasileiro-congolês Kabengele Munanga (2005), quando diz que o resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra interessa/pertence a todos.

O preterimento, em sua maioria, está ligado aos aspectos históricos e culturais da nossa sociedade. Em nosso imaginário, as características raciais e fenotípicas da mulher negra – cor da pele, textura do cabelo e a estética – estão associadas a estereótipos negativos, como uma representação bastante colonial, baseada em uma mulher negra escravizada que estaria para servir ao outro, em serviços domésticos e sexuais. Ou seja, todos sabiam “[...] por experiência própria, que na condição de escrava seria difícil experimentar ou manter uma relação de amor” (hooks, 2006, p. 189). Sobre essas questões, utilizaremos reflexões provocadas pela autora bell hooks (2006) no texto *Vivendo de amor*, publicado em *O livro da saúde das mulheres negras – Nossos passos vêm de longe*, para compreendermos melhor situações cotidianas que serão narradas em todos os capítulos, porque ela nos informa que não deveríamos ficar surpresas com nossa dificuldade com a arte e o ato de amar,

[...] já que nossos ancestrais testemunharam seus filhos sendo vendidos; seus amantes, companheiros, amigos apanhando sem razão. Pessoas que viveram em extrema pobreza e foram obrigadas a se separar de suas famílias e comunidades, não poderiam ter saído desse contexto entendendo essas coisas que a gente chama de amor. [...] Imagino que, após o término da escravidão, muitos negros estivessem ansiosos para experimentar relações de intimidade, compromisso e paixão, fora dos limites antes estabelecidos. Mas é também possível que muitos estivessem despreparados para praticar a arte de amar. [...] Num contexto onde os negros nunca podiam prever quanto tempo estariam juntos, que forma o amor tomaria? Praticar o amor nesse contexto poderia tornar uma pessoa vulnerável a um sofrimento insuportável. [...] Um escravo que não fosse capaz de reprimir ou conter suas emoções, talvez não conseguisse sobreviver (hooks, 2006, p. 189-190).

Mesmo depois da abolição, muitos negros acreditavam que conter as emoções era uma característica positiva, sendo considerado um negro de personalidade forte. Somos socialmente moldados. Nossos gostos e preferências não são isentos de manipulação ou imposição do que é bom, belo, seguro, desejável e aceitável, bem como a nossa escrita é contaminada e encharcada pela nossa condição de mulher negra na sociedade brasileira. Por estes motivos, é impossível dizer que as escolhas do campo afetivo e/ou sexual são mera questão de gosto pessoal, desconectado do universo social que estamos inseridos. O racismo é estrutural e estruturante, como nos ensinam nossas próprias vivências e os estudos do filósofo Silvio Almeida (2020). O autor nos apresenta algumas atuações do racismo, através de três concepções, individualista, institucional e estrutural, relacionando-as.

[...] O racismo, segundo esta concepção [individualista], é concebido como uma espécie de “patologia” ou anormalidade. Seria um fenômeno ético ou psicológico de caráter individual ou coletivo, atribuído a grupos isolados; ou, ainda, seria o racismo uma “irracionalidade” a ser combatida no campo jurídico por meio da aplicação de sanções civis – indenizações, por exemplo – ou penais. [...] A concepção institucional significou um importante avanço teórico no que concerne ao estudo das relações raciais. Sob esta perspectiva, o racismo não se resume a comportamentos individuais,

mas é tratado como o resultado do funcionamento das instituições, que passam a atuar em uma dinâmica que confere, ainda que indiretamente, vantagens e privilégios com base na raça. [...] Assim, a principal tese dos que afirmam a existência de racismo institucional é que os conflitos raciais também são parte das instituições. Assim, a desigualdade racial é uma característica da sociedade não apenas por causa da ação isolada de grupos ou indivíduos racistas, mas fundamentalmente porque as instituições são hegemônicas por determinados grupos raciais que utilizam mecanismos institucionais para impor seus interesses políticos e econômicos. O que se pode verificar até então é que a concepção institucional do racismo trata o poder como elemento central da relação racial. Com efeito, o racismo é dominação. [...] Assim, detêm o poder os grupos que exercem o domínio sobre a organização política e econômica da sociedade. Entretanto a manutenção desse poder adquirido depende da capacidade do grupo dominante de institucionalizar seus interesses, impondo a toda sociedade regras, padrões de condutas e modos de racionalidade que tornem “normal” e “natural” o seu domínio. No caso do racismo institucional, o domínio se dá com o estabelecimento de parâmetros discriminatórios baseados na raça, que servem para manter a hegemonia do grupo racial no poder. Isso faz com que, a cultura, os padrões estéticos e as práticas de poder de um determinado grupo tornem-se o horizonte civilizatório do conjunto da sociedade. [...] O efeito disso é que o racismo pode ter sua forma alterada pela ação ou pela omissão dos poderes institucionais – Estado, escola etc. –, que podem tanto modificar a atuação dos mecanismos discriminatórios, como também estabelecer novos significados para a raça, inclusive atribuindo certas vantagens sociais a membros de grupos raciais historicamente discriminados. Isso demonstra que, na visão institucionalista, o racismo não se separa de um projeto político e de condições socioeconômicas específicas. [...] Assim como a instituição tem sua atuação condicionada a uma estrutura social previamente existente – com todos os conflitos que lhe são inerentes –, o racismo que essa instituição venha a expressar é também parte dessa mesma estrutura. As instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos. Dito de modo mais direto: as instituições são racistas porque a sociedade é racista. [...] Em resumo: o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. [...] A ênfase da análise estrutural do racismo não exclui os sujeitos racializados, mas os concebe como parte integrante e ativa de um sistema que, ao mesmo tempo que torna possíveis suas ações, é por eles criado e recriado a todo momento. O propósito desse olhar mais complexo é afastar análises superficiais ou reducionistas sobre a questão racial que, além de não contribuírem para o entendimento do problema, dificultam em muito o combate ao racismo (ALMEIDA, 2020, p. 36-51).

Portanto, traremos para este trabalho narrativas atravessadas por essas concepções, acreditando que, em todas, o racismo é uma ideologia e crença que exclui e mata. E não exclui somente do mercado de trabalho, da educação, do campo do poder político e econômico, mas de todos os campos, inclusive do mercado matrimonial, porque essas exclusões influenciam também na hora das escolhas afetivas; e não mata somente o físico, mas também o mental, os sonhos, os desejos etc.

Esse trabalho é atravessado também por diversos estados de solidão, alguns sem ser mencionados ou sem nem se dar conta, apenas narrados de forma sutil, ou nem tanto assim. Através de cada história, é possível notar o ciclo vicioso das solidões de mulheres negras brasileiras, que abrange os marcadores sociais das diferenças que nos interseccionam.

Baseando-se nisso, a professora e antropóloga paulista Laura Moutinho (2004), em análises comparativas nas suas pesquisas sobre relacionamentos afetivos-sexuais inter-raciais no Brasil, nos informa que

a existência de um padrão marital homogâmico na sociedade brasileira; um percentual relativamente baixo de casamentos “interraciais” e, nestes, a predominância do par homem “negro”/mulher “branca” no país onde se veicula que a “mulata é a tal”. Um certo paradoxo parece emergir do cruzamento dessas afirmações: no mesmo país que valoriza em diferentes âmbitos a mestiçagem e a “mistura”, parece existir um tabu referido aos casamentos “inter-raciais”. Em um nível, o desejo e o sexo “heterocrômico” são “desejáveis”; em outro nível, ao menos o casamento (e por que não dizer também o sexo e o desejo) aparece como “indesejável”. [...] Os estudos sociológicos de cunho quantitativo apontam que existe na sociedade brasileira um menor número de homens em relação ao de mulheres (Silva, 1987; Berquó, 1988). Embora o aspecto demográfico influencie nos padrões de conjugalidade, outros fatores são de extrema relevância na sua dinâmica. Entre os argumentos demográficos que interessam a esta análise, cabe destacar que esses estudos apontam para um crescimento da população que se declara “parda” (Silva, 1987; Berquó, 1988); que, entre os grupos de “cor”, somente no “branco” há um excedente de mulheres em relação aos homens; nos demais registra-se o oposto (Berquó, 1988); e que há uma tendência, enfatizada por Berquó, de o excedente de mulheres “brancas” se unir ao excedente de homens “pretos” e “pardos”. **Tal tendência surpreende, pois “é de estranhar que justamente as mulheres pretas que contam com um excedente de homens pretos, exatamente na faixa etária mais favorável às uniões, acabem por ter menores chances de encontrar parceiros para casar. Nossa hipótese é de que o excedente de mulheres brancas na população deve levá-las a competir, com sucesso, com as pardas e pretas, no mercado matrimonial” (1988, p. 79).** Essa questão chama a atenção para a lógica de gênero que pretendo aqui destacar. Ao contrário de outros autores, Berquó concede preponderância à disputa entre mulheres: seus dados indicam que “mulheres brancas” competem com sucesso nesse mercado com as “pretas e pardas”, concedendo um lugar ativo às mulheres tanto em relação à disputa por homens quanto ao próprio processo miscigenador — compreendido através do casal homem “negro”/mulher “branca” e, se nos ativermos à chave do “branqueamento”, veremos que será a mulher — e não o homem — o elemento preponderante nessa relação, no que tange à “cor”. Além desses aspectos, outro dado salta aos olhos: “a solidão da mulher negra” (MOUTINHO, 2004, p. 1-2, grifo nosso).

Por termos vivido sempre à margem — solitárias, mas não necessariamente sozinhas —, como *outsider within* (estrangeira/forasteira de dentro), como nos ensina a professora e socióloga afro-americana Patricia Hill Collins (2016), através de seus estudos sobre pensamento feminista negro, desenvolvemos uma forma particular (individual e coletiva) de ver e narrar a realidade, com proximidade, mas também distanciamento, com preocupação mas também indiferença, mas sempre experimentada com todo o corpo, nos provocando de alguma forma a transcrever neste trabalho esses modos outros de viver, ver, sentir e ouvir outrora impedidos ou até impossíveis de serem praticados e defendidos.

Destacando, assim, o entrelaçamento e interesse nessas subtemáticas— histórias preliminares —, o trabalho tem como temática central os três princípios das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana da Educação Básica: 1) consciência política e histórica da diversidade; 2) fortalecimento de identidades de direitos; e 3) ações educativas de

combate ao racismo e a discriminações. Por estes motivos, neste trabalho, todas as vozes terão espaço, todas as narrativas serão valorizadas.

As experiências e vivências de mulheres negras brasileiras nos interessam mais do que os conceitos ou as teorias científicas. As narrativas são potentes maneiras de experienciar nossas próprias histórias, reconhecermos conquistas, renovarmos o fôlego para enfrentarmos novos desafios e procurarmos novas oportunidades (SILVA, 2017). Desta maneira, esse é o tipo de luz que usaremos, o que nos interessa e, portanto, nos move e transforma (LORDE, 2020) e não nos deixa esquecer que todas as histórias importam. “Esse texto, portanto, pouco se parece com o que conhecemos por artigo acadêmico [...] nosso discurso não é igual ao canônico, nós não falamos e escrevemos sozinhas” (BARROS, 2018, p. 126).

Compreendo este trabalho como político e coletivo, a partir das potencialidades dos *encontros* e da oportunidade de refletir sobre muitas questões e costurá-las. No entanto, esse trabalho não dará conta de responder ou arrematar todas essas questões, apenas propor hipóteses que nos mostram que essas temáticas ainda não foram superadas. Por isso, a importância de explanarmos na área da Educação, para avançarmos, oportunizando novas conquistas de presença, direitos, epistemologias, políticas, educações, cosmovisões, identidades, visibilidades e subjetividades.

1 COSTURANDO DO AVESSE HISTÓRIAS PRELIMINARES

Até pouco tempo atrás eu detestava tudo em mim.

Tudo mesmo! E por isso eu não me aproximava das pessoas...

Dandara Nascimento

Quando criança, eu olhava as roupas nas vitrines das lojas e imaginava como foram feitas: o material, o tempo, o lugar, as pessoas, os cortes, a intenção, as condições e tudo mais que envolvia aquelas peças. Eu tinha o hábito de tocar nas peças, acariciando-as para sentir a textura do tecido. Eu virava do avesso para olhar a costura, reparava nas cores e grossura das linhas, imaginando a agulha usada, tentando desvendar o tipo de ponto e principalmente o acabamento; o cheiro exalado pelo tecido me acionava memórias... De tanto ver minha mãe revirando as peças antes de decidir se compraria a roupa ou não e se valia a pena tal preço a ser pago, eu fui aperfeiçoando o meu olhar e enxergando o valor das peças.

Minha mãe, Elizabeth Christina, trabalhou em uma grande confecção – “criada nos anos 1970 e que foi considerada um ícone na moda do Rio nas duas décadas seguintes”¹⁵–, inicialmente como secretária do departamento de franquias, depois como auxiliar das estilistas e vitrinistas. A fábrica era localizada na zona Norte do Rio de Janeiro, próxima às outras grandes confecções da época. Na parte superior, ficava o escritório, de onde era possível os funcionários acompanharem todo o movimento da parte inferior, a produção: as estilistas criando novas peças, as máquinas costurando peça por peça, as passadeiras, estamparias, os rolos de tecidos chegando e acabando, a contagem dos aviamentos, as entregas de pedidos aos fornecedores, as visitas dos lojistas e franqueados e tudo mais o que acontecia ali embaixo dos olhos dela, o que possibilitou a ela aprender um pouco de cada função, realizando, assim, vez ou outra, a compra de tecidos e aviamentos a pedido da chefe e até a venda de peças em atacado para clientes e lojistas.

Enquanto meu pai trabalhava entregando cartas, minha mãe entregava roupas. Roupas de diversas cores e modelos. Todas as sobras da confecção minha mãe era autorizada a levar para casa: tecidos, linhas, botões, peças piloto e muitos retalhos, possibilitando, assim, que minha avó materna, Cícera de Freitas, tivesse material de qualidade para costurar em casa. Eu e minha irmã, Kelly Christina, estávamos sempre de roupas “novas de grife”, costuradas pela

¹⁵ Última matéria divulgada sobre a marca no site Jornal “O Globo”. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/no-mercado-ha-46-anos-grife-carioca-dimpus-encerra-atividades-22423451>>. Acesso em: 03 set. 2020.

minha avó, que era quem cuidava de nós, enquanto minha mãe e meu pai trabalhavam fora de casa. Sobre isso, inspirada nas memórias de infância evocadas pelo curta-metragem *Costureiras* (2018)¹⁶, lembrei-me que, assim como Mailsa e Laura, quando criança, eu também brincava na máquina de costura, “[...] enroscada nas pernas da avó enquanto a avó trabalhava à máquina. Por vezes, a senhora estava ali costurando algum vestido, calça, para ela mesma, a neta” (PASSOS; RIBES; SILVA, 2019, p. 1159).

Enquanto costurava, minha avó brigava conosco e contava histórias. Cada história era como as colchas de retalhos que ela costurava, diferentes e encantadoras. Sua máquina ficava na sala. Dali era possível observar quem chegava e quem saía. Nada passava despercebido pelos seus olhos cansados, mas sempre atentos. Era também o lugar mais arejado da casa, sendo possível ouvir sua mãe chamando-a: “Ciça, venha cá, Ciça”. Lembro vagamente da minha bisavó. Neste período, ela já era bem velhinha e passava a maior parte do tempo deitada em sua cama, no quarto, ou em sua cadeira de balanço na sala. Tinha dias que ela passava o dia inteiro contando histórias e algumas lendas e cantando cantigas nordestinas. Lembro-me de uma especificamente que dizia *Mamãe marinheira, papai Jacundá. É mentira do povo que o bode não dá*¹⁷. Eram cantigas que minha avó dizia já ter ouvido muito quando elas moravam no interior do Rio Grande do Norte, vindas das casas de farinha na roça, juntas com as emboladas de coco que as pessoas cantavam enquanto transformavam, de forma artesanal, a mandioca em farinha.

Ela dizia que os trabalhadores cantavam durante toda a sua jornada de trabalho, que varava a noite. Cantavam como os negros escravizados, na sua vinda dentro dos tumbeiros dos navios negreiros, durante o trabalho escravo nas fazendas e enquanto se reuniam nos quilombos. Eram cantos de resistência, que celebravam a vida e a morte, que ninavam crianças, espantavam

¹⁶ Curta-metragem produzido e dirigido pelas professoras e pesquisadoras Mailsa Carla Pinto Passos, Rita Marisa Ribes Pereira e Virgínia de Oliveira Silva, do qual eu tive o prazer de realizar a minutagem (parte do processo de edição) junto com outras colegas, também bolsistas de iniciação científica na época. *Costureiras* foi lançado no Rio de Janeiro, dia 08 de fevereiro de 2018, na Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Disponível em: <<https://youtu.be/Aa0iVLZtCvY>>. Acesso em: 18 out. 2020. O curta-metragem teve como desdobramento um artigo escrito pelas produtoras e diretoras: *Costureiras: alinhavos de histórias e memórias*. Ver nas referências.

¹⁷ Xote Conto do Bode (1938), composição e interpretação da banda Bumba-meu-boi (Manoel Martins da Silva, Manoel Martins Sobrinho, Manoel Rufino dos Santos e Octacílio Nazário) de Areia Branda – PR. Disponível em: <http://www.discosdobrasil.com.br/discosdobrasil/consulta/detalhe.php?Id_Disco=DI05561>. Acesso em: 20 out. 2020. Gravado durante as viagens pelo Norte e Nordeste do Brasil, do escritor paulista modernista Mário de Andrade, enquanto desenvolvia seus estudos sobre músicas folclóricas brasileiras. Ao se deparar com a precariedade dos registros de canções e melodias populares, lançou-se numa pesquisa recolhendo documentos musicais (ABREU, p. 75-80, 2010).

maus espíritos e festejavam os santos, além de serem preces de esperança ou de dor, agradecendo sempre com alegria por estarem vivos.

Enquanto ela cantava e, algumas vezes, dançava, era possível me aproximar dela numa dimensão ancestral, mas só me dei conta disso enquanto escrevia este trabalho. Todos os valores civilizatórios afro-brasileiros (TRINDADE, 2010)¹⁸ estavam ali, sendo-me apresentados ainda na infância, sem que eu me desse conta disso. Já no fim da vida, ela pouco conversava, apenas cantava, transformando música em vida.

Essas histórias, cujo resgate só foi possível porque minha avó Ciça ainda está viva, apesar do cunho afetivo e dos ensinamentos para *sobre-viver*, também me remetem a outras lembranças nem tão afetuosas assim. A forma severa como fomos criadas pode ser justificada pela memória histórica do período escravista que está presente em minha avó. A perda da feminilidade e o embrutecimento são características muito marcantes deste período. A opressão e a exploração distorcem e impedem a capacidade de amar – o amor íntimo e o amor romântico, mas não só eles – e vão passando de geração em geração (hooks, 2006). Afinal, assim como, neste período, nas roças do interior nordestino, as mulheres trabalhavam lado a lado aos homens, realizando as mesmas tarefas, ainda nos moldes da escravidão, nos remetendo ao que a pesquisadora e ativista estadunidense Angela Davis (2016) relata no livro *Mulheres, raça e classe*:

Em geral, as mulheres eram uma força de trabalho completa – a menos que estivessem sido expressamente designadas para as funções de “reprodutoras” ou “amas de leite”, casos em que às vezes sua força de trabalho era classificada como incompleta. Obviamente, os proprietários buscavam garantir que suas “reprodutoras” dessem à luz tantas vezes quantas fosse biologicamente possível. Mas não iam tão longe a ponto de isentar do trabalho na lavoura as mulheres grávidas ou as mães com crianças de colo. Enquanto muitas mães eram forçadas a deixar os bebês deitados no chão perto da área em que trabalhavam, outras se recusavam a deixá-los sozinhos e tentavam trabalhar normalmente com eles presos às costas (DAVIS, 2016, p. 21).

Como ainda nos informa Davis (2016) que as mulheres possam ter “aprendido a extrair das circunstâncias opressoras de sua vida a força necessária para resistir à desumanização diária da escravidão” (p. 24), o que pode ter gerado nelas a confiança para lutar por si mesmas e por suas famílias, mesmo que de forma severa e embrutecida.

¹⁸ A professora e ativista na luta antirracista Azoilda Loretto da Trindade nos deixou como legado seus estudos sobre os valores afro-brasileiros, acreditando que “num processo civilizatório que prioriza o lucro, a dominação e a sujeição do outro, a subtração de sua energia vital (mais-valia), a competição, a racionalidade, a apartação ser humano-natureza, a maquinização e a tecnocracia, é preciso enfatizar outros valores e processos civilizatórios afro-brasileiros, e que também se fazem presentes” (TRINDADE, 2010, p.13), como energia vital, circularidade, corporeidade, memória, ancestralidade, territorialidade, religiosidade, cooperativismo/comunitarismo, oralidades, musicalidade e ludicidade.

Obrigada pelos senhores de escravos a trabalhar de modo tão “masculino” quanto seus companheiros, as mulheres negras devem ter sido profundamente afetadas pelas vivências durante a escravidão. Algumas, sem dúvidas, ficaram abaladas e destruídas, embora a maioria tenha sobrevivido e, nesse processo, adquirido características consideradas tabus pela ideologia da feminilidade do século XIX. [...] Embora seja pouco provável que essas mulheres estivessem expressando orgulho pelo trabalho realizado sob a constante ameaça do açoite, elas deviam ter consciência de seu enorme poder – sua capacidade de produzir e criar (DAVIS, 2006, p.24).

A família da minha bisavó era uma das poucas exceções na época escravista, tendo em vista que seus pais eram donos de algumas terras e não foram escravizados, apesar de terem vivido no período da escravidão, mas ela contava histórias de crueldades que já havia presenciado por parte de malfeitores e também de rebeliões. Histórias de sinhás que tinham ciúmes de mulheres escravizadas, que eram forçadas a manter relações sexuais com os senhores de engenhos, maridos das mesmas. Apesar das muitas lembranças, ela pouco se lembrava de seus avós e porque viviam nas terras onde ela passou sua infância. Apenas recordava que a família de sua mãe tinha melhores condições do que a de seu pai.

Alguns historiadores contemporâneos alegam que há um apagamento intencional muito grande na historiografia do Rio Grande do Norte, sendo essa uma consequência da mudança do eixo econômico da região Nordeste para a região Sudeste – transferência da capital da colônia de Salvador para o Rio de Janeiro, em 1763. Escritores clássicos, como Tavares de Lyra e Câmara Cascudo, citam em seus livros as contribuições dos povos indígenas. Os dois escritores citam essas contribuições de forma estereotipada. No entanto, Cascudo é menos expressivo que Tavares de Lyra. Os povos negros, eles mencionam poucas vezes, se comparado a outras temáticas, sem nenhum protagonismo na construção desta província, como eram chamados os estados brasileiros na época.

A forma como os negros foram retratados causa um grande desconforto em historiadores, como o professor potiguar Rodrigo Araújo (2010), que acredita que “um leigo, ao analisar as obras dos historiadores clássicos, deduziria facilmente que não houve escravidão africana neste estado” (s/p). Afinal, sobre a presença dos negros no Rio Grande do Norte, o renomado historiador das manifestações culturais brasileiras Câmara Cascudo (1984) diz que “não fora decisivo ou indispensável no trabalho da agricultura ou pecuária” (p. 47), menosprezando a participação dos africanos escravizados no crescimento econômico do estado, tratando-os como se fossem poucos e livres: “foi-nos uma constante mas não uma determinante econômica” (p. 49).

[...] Centenas ficavam como feitores nas fazendas, sem fiscais com respeito ao que dissessem. Nas missões de ‘dar campo’ aos bois fugitivos, indumentária e alimentação eram as mesmas para amos e escravos. Os riscos e perigos os mesmos. Desenvolviam-se as virtudes idênticas de coragem, afoiteza, rapidez na decisão, força física, astúcia. [...] O ciclo do gado, com a paixão pelo cavalo, armas individuais, sentimento pessoal

de defesa e desafronta, criou o negro solto pelo lado de dentro, violeiro, sambador, ganhador de dinheiro, alforriando-se com a viola, obtendo terras para criar junto ao amo, seu futuro compadre, vínculo sagrado de apoio mútuo (CASCUDO, 1984, p. 44).

Em contrapartida, historiadores mais recentes questionam esta história única (ADICHIE, 2009), alegando que é inconcebível tal apagamento, tendo em vista que todas as províncias recebiam pessoas escravizadas vindas de África através do Atlântico negro (GILROY, 2001).

Pode-se até concordar com a pequena mão-de-obra escrava neste estado, contudo não se pode admitir o silenciamento dessas vozes, a ausência do negro na construção da história do estado. Se não fosse assim, por que a necessidade de se ter uma instituição abolicionista caso não fosse expressiva a participação negra na história ou ainda o entrelaçamento da população local com os escravos. Conforme a última ata da Sociedade Libertadora Norte-Rio-Grandense. [...] Sendo assim, a população não apoiava a escravidão e as peculiaridades da escravidão neste estado colaboraram para o Rio Grande do Norte, ter em muitas das cidades, anterior a 1888, alforriado os seus escravos (ARAÚJO, 2010, s/p).

Me aprofundar nessas narrativas é redescobrir a História pelas linhas da história escrita. É como desvendar de onde haviam saído tais retalhos que compunham as muitas colchas de retalhos que minha avó havia costurado. Como bem lembrou minha tia Ana Patrícia, ao olhar para aquele mosaico, era como um grande quebra-cabeça, do qual ainda é possível, para ela e minha mãe, identificar de que peças de roupas havia saído cada pedaço de tecido. Como uma costureira de primeira viagem, eu sigo juntando cada retalho que vem surgindo ao longo dessa pesquisa. E neste momento, tudo se entrecruza, trazendo uma possível justificativa para o fato de minha bisavó não se recordar de histórias que antecedem as histórias de seus pais, me fazendo suspeitar que este apagamento da história talvez seja porque, naquele período os negros que ali residiam já eram alforriados ou quilombolas. No entanto, de forma alguma eu acredito que eles viviam de igual maneira com os senhores de engenho – nas mesmas condições e direitos. Eram, no máximo, negros livres e escondidos, levados a procurar ou escolher terras pouco cobiçadas e/ou localidades de difícil acesso.

O historiador Rodrigo Araújo (2010) traz ainda nos seus estudos o que podemos chamar de uma contradição em Cascudo. Ele menciona que “o negro já trabalhava em Natal em janeiro de 1600, quinze dias depois da cidade ter sido fundada” (CASCUDO, 1984, p. 37) e conclui que,

Com isso não há como negligenciar a presença africana no estado, pois como Natal foi uma das primeiras cidades a ser criadas no Rio Grande do Norte, trouxeram logo a mão-de-obra para ajudar a prosperar a cidade. Cascudo ainda afirmou que tal escravo foi comprado para a roça e que pertencia a Guiné e mostrou que de acordo com as peculiaridades locais desse estado o negro ocupou um trabalho diferenciado de todas as outras capitanias (ARAÚJO, 2010, p. 7).

Não descobri até o fim deste trabalho de que parte do continente africano meus ancestrais foram trazidos, mas tendo a certeza de que os senhores de engenho não eram tão

benevolentes como a história oficial conta. Apesar do vasto legado de Câmara Cascudo sobre praticamente todas as temáticas da região Nordeste, a forma como retratou superficialmente as relações étnico-raciais daquela época não é suficiente, sendo necessário ir além do que já foi escrito, como já vem sendo feito por alguns historiadores e antropólogos, inconformados com todo prejuízo histórico-social na construção da identidade local. Mesmo que a escravidão, neste estado, tenha ocorrido de forma diferenciada (ou até por menos tempo), ela ocorreu, e isso não pode ser negado ou diminuído.

1.1 Primeiros retalhos

Em 1901, no dia em que se comemoravam os treze anos da lei que extinguiu o trabalho escravo no Brasil – Lei Áurea, de 13 de maio de 1888 –, nascia a potiguar Maria das Dores de Freitas, conhecida como vovó Dorinha. Filha de pais livres, mãe branca e pai preto, era analfabeta, dona de casa e costureira, como suas duas irmãs. Casou-se nova, com o paraibano Manoel de Freitas Filho, com quem teve cinco filhos, Cícera, Lurdes, João, Júlio e Severino, nomes dados em homenagem aos santos católicos, tendo apenas os dois mais velhos os traços parecidos com os da mãe. Manuel, apesar de não saber ler e escrever, era bom com os números, o que ajudou quando eles foram morar no Rio de Janeiro - RJ. Ele era muito festeiro e, mesmo depois de quase 50 anos de sua morte, alguns familiares ainda se lembram de suas danças. Morreu aos 82 anos, e sua esposa aos 100. Eles dividiram a vida por 66 anos.

Figura 1 - Acervo pessoal de Cícera –foto de seus pais, Maria das Dores Freitas e Manuel de Freitas Filhos, anos 80 no Rio de Janeiro.



As histórias contadas pela minha bisavó Vovó Dorinha sempre faziam menção a sua vivência na cidade natal, Angicos - RN, e a relação com sua mãe, Maria Francisca da Conceição – Dona Elía –, que tinha sido costureira e parteira. Dona Elía, mesmo tendo ajudado a trazer muitas vidas ao mundo, não demonstrava muito amor em ter gerado Vovó Dorinha, tendo em vista que, das três filhas, ela era a única que não se parecia com a mãe. Mas, por outro lado, era o xodozinho de seu pai, com quem se assemelhava. Vovó Dorinha era uma mulher negra, de fé, era devota do padre cearense Cícero Romero Batista – mais conhecido como Padre Cícero ou *Padim* Ciço –, de quem guardava cartas trazidas pelas romeiras¹⁹, trocadas com ele. Cartas com receitas para curar problemas de saúde dos filhos e também para abençoar o casamento e a família.

O historiador Câmara Cascudo (1984), em seus estudos sobre o Rio Grande do Norte, nos informa que, no período colonial, não havia indústrias açucareiras naquela região e as atividades se resumiam à criação de gado e roçarias de mandioca, milho e feijão. Por conta disso, João Rodrigues Colaço (dono da primeira sesmaria) investiu em poucos negros escravizados. Com isso, Cascudo considera o negro dispensado da História oficial do processo de formação desta localidade, causando, assim, a diminuição da importância da ascendência africana para a população potiguar, que se considera branca – segundo dados do IBGE –, baseando-se na história que os povos indígenas foram exterminados e poucos negros residiam naquela região, tendo isso sem dúvidas, um grande valor perpetuado nesta sociedade racista que vivemos. No entanto, há um movimento, como já citado, de pesquisadores que vêm questionando essa historiografia, desejosos que essa história – e todas que emergem a partir desta – seja reescrita.

Vovó Dorinha nos contava muitas histórias que contradizem esta história única (ADICHIE, 2009). Histórias de pessoas escravizadas que ela conheceu e com quem conviveu

¹⁹ O escritor Diego Barbosa, na matéria do jornal online Diário do Nordeste, informa aos leitores que o “ato de escrever cartas a Padre Cícero resiste ao tempo e revela fortes percursos de fé”. Esse movimento de cartões escritos se intensificou por ocasião da morte de Romão Batista, em 1934, quando os romeiros e romeiras começaram a lotar Juazeiro do Norte trazendo, junto ao caminhar insone, relatos de toda ordem gravados no papel. Graças alcançadas e benefícios pessoais ou espirituais serviam, assim, como testemunho do que lhes ocorreu de bom, ampliando o sentido das romarias para acontecimentos de envergadura singular também para a escrita de cartas. “Há algumas que vêm via Correios, mas a maioria chega mesmo por meio de romarias. Os fiéis trazem e entregam ao padre, fazendo questão de pedir a bênção ao sacerdote responsável pela atividade que vieram realizar. Testemunham, ali, sua fé”, reitera o pároco Cícero. Para ele, há dois detalhes importantes quando de um olhar mais aprofundado sobre esses escritos. Primeiro, quanto aos pedidos, a maioria deles concentra-se nas vertentes saúde (de dor de cabeça a problemas de loucura) e casamento (para abençoar a união ou pedir pelo enlace que ainda vai se consumir). “Não à toa, é relevante notar que a maior parte de quem escreve são devotas, mulheres”, explica. Para saber mais, ler: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/ato-de-escrever-cartas-a-padre-cicero-resiste-ao-tempo-e-revela-fortes-percursos-de-fe-1.2125448>>. Acesso em: 18 out. 2020.

e de pessoas que só conhecia de ouvir falar, alguns africanos e outros já nascidos no Brasil, como o líder quilombola Zumbi dos Palmares e sua companheira Dandara dos Palmares de Alagoas. Ela dizia que eram poucos os casais negros que conseguiam permanecer juntos e formar uma família. “Como resultado, ao povo negro supostamente só restava ‘a família matrifocal, que enfatiza a primazia da relação entre a mãe e a criança e apenas laços frágeis com o homem’” (DAVIS, 2016, p. 26), bem como ocorreu também com seus pais, tendo seu pai ido fazer uma viagem e não voltado mais.

Uma das coisas que mais me chama atenção nas histórias da minha bisavó é que seus pais tinham uma união inter-racial, o que torna minha tataravó à frente do seu tempo, seja por vontade própria, falta de opção ou imposição, sendo ela uma mulher branca casada com um homem negro. Segundo a professora e antropóloga Julie Cavignac (2003), em seus estudos sobre memória, tradição oral e etnicidade encoberta da população do Rio Grande do Norte a partir do apagamento dos principais atores da história colonial, índios e negros, a pesquisadora relata que as consequências do contato desses povos com os europeus eram das mais diversas. Além da disseminação de doenças, a proibição das práticas culturais e religiosas, a escravização dos homens e o estupro das mulheres, também ocorriam o desmembramento das famílias e a destruição dos grupos de origem.

[...] os índios foram integrados ao processo colonial: com os negros, eles serviam na guerra, fornecendo homens para as tropas militares no combate aos levantes indígenas e na conquista da terra [...] As mulheres, as crianças e os outros sobreviventes tiveram, geralmente como única solução para se manterem vivos, a integração com os não-índios. Geralmente eram considerados como vadios pelo poder colonial, pois há inúmeros registros de queixas de roubo e destruição dos bens, animais e plantas [...] (CAVIGNAC, 2003, p. 17).

Muitas famílias eram constituídas com as sobras de outras famílias que foram destruídas, sendo sempre necessário ter um homem como cabeça da família.

Já no que diz respeito ao patriarcado da época – oriundo dos moldes europeus –, que reverbera até os dias de hoje, mesmo com toda a idolatria, as ausências dos homens nas famílias não passavam despercebidas, seja por qual motivo fosse. Com isso, as famílias se tornavam muitas vezes matriarcais. Vovó Dorinha contava histórias de homens que saíam para trabalhar e não voltavam mais, assim como seu pai; de homens que passavam o dia embriagados nas barracas, enquanto suas esposas cuidavam da casa e dos filhos; de homens que mantinham mais de uma família; homens expulsos de casa porque a esposa não aceitava a vida que ele levava fora de casa; de homens com filhos fora do casamento; de homens agressivos com seus filhos/as e esposa, sendo alguns até linchados na rua; de homens que abusavam de suas esposas e filhas...

Em sua maioria, histórias de homens e mulheres que mantinham relação afetivo-sexual com pessoas da mesma família, normalmente primos.

Tais histórias contadas por vovó Dorinha traziam o homem como protagonista, mas enalteciam a força de muitas mulheres que subverteram a lógica machista da época nas frestas e brechas²⁰ (SIMAS, 2015), que mantinham uma rede de apoio umas com as outras, muitas vezes através dos *encontros* em seus trabalhos manuais: fazendo artesanato, cozinhando, costurando, bordando, lavando e passando roupa ou rezando dentro e fora das igrejas. Mulheres com seus modos próprios de organização. Eram poucas as histórias de homens que cuidaram verdadeiramente de suas famílias, sendo essa também uma das possíveis graves consequências da escravidão, a separação das famílias. “[...] o modo sistemático como os senhores de engenho denominavam seus escravos de ‘meninos’ era reflexo de sua incapacidade para exercer as funções paternas. [...] O marido era, quando muito, o ajudante da esposa, seu companheiro e parceiro sexual” (DAVIS, 2016, p. 28-29).

Para a época, ter um marido, seja ele bom ou ruim, alguém com quem pudesse a mulher reproduzir – multiplicar, como prevê o cristianismo –, era o que importava. Logo, mesmo que ele não demonstrasse nenhum afeto ou respeito, era comum que permanecessem juntos até que a morte os separasse. Essas histórias formaram minha bisavó e, conseqüentemente, formaram seus filhos e filhas, netos e netas e bisnetos e bisnetas.

As mulheres não raramente defendiam seus maridos, por piores que eles fossem para elas e seus filhos. Existia (e ainda existe, no meu ponto de vista) uma cultura de proteção, afinal, elas queriam que seus filhos crescessem e se tornassem homens, muitas vezes melhores que seus pais, mas sabiam que, para isso, eles não poderiam perder o respeito por seus pais, construindo, assim, muitas barreiras de segredos entre pais e filhos, o que dificultava tal aproximação familiar, os tornando, algumas vezes, uma pessoa prodigiosa para seus filhos, enquanto pouco sabiam das verdadeiras histórias por trás de anos de união.

Essas Histórias fazem com que voltemos ao início deste capítulo, de quando eu era criança, que, com os mesmos olhos atentos e curiosos que olhavam para as vitrines de lojas, também olhava o álbum de casamento dos meus pais e buscava nele histórias de pertencimento e aproximação, já que eu era a filha mais pigmentada. Eu ficava imaginando se eu era realmente tão parecida com o meu pai como as pessoas diziam. Minha mãe economizava nas palavras ao falar dele. Até hoje, eu pouco sei sobre o meu pai, Laureci Oliveira, carteiro, sambista, fundador

²⁰ Este conceito é baseado na perspectiva do historiador carioca Luiz Antônio Simas, que trata a “cultura da fresta e das brechas como estratégia de sobrevivência, meio de reinvenção da vida, reafirmação de laços associativos e construção de uma noção de pertencimento ao grupo e ao território” (SIMAS, 2015, s/p).

da *Quadrinha do Garotão*, que morreu de tuberculose pouco antes de eu fazer um ano de idade e que deixou três filhos: eu, minha irmã e um filho homem rejeitado por ele. Histórias que as pessoas pouco comentam.

Meu irmão nos procurou quando eu tinha pouco mais de dez anos de idade – mais um jovem negro que não possuía o nome do pai na certidão de nascimento –, desejando ter contato com as únicas irmãs que ele tinha. Mantivemos contato com ele durante alguns anos, mas, depois de alguns encontros, ele desapareceu. Anos mais tarde, surgiu um boato de que ele havia sido assassinado e jogado na vala da comunidade onde morava, como fora noticiado por amigos dele. Até hoje, não sabemos as histórias por trás deste irmão, apenas que era filho de uma mulher com quem meu pai se envolveu antes de conhecer minha mãe, mulher que meu pai se recusou a assumir como dele, bem como fez com o filho.

Emerson era “filho só de mãe”, como ele mesmo dizia. Mas tê-lo conhecido me aproximou deste pai que eu nunca pude tocar. Era inegável sua semelhança com meu pai. Alguns tios dizem que meu pai deu muito trabalho. Ele era festeiro, mulherengo, bebia muito e já vinha tendo alguns desentendimentos com a minha mãe, que não aceitava mais as farras dele. Já perto de se separarem, ela engravidou (de mim) e, logo em seguida, ele adoeceu, o que os manteve juntos por mais um tempo – até o fim da sua vida.

Minha mãe sempre foi muito discreta com seus sentimentos. O silêncio sempre foi seu aliado, bem como sua mãe, minha avó Cícera – mulheres de personalidades fortes. Quando criança, eu queria ser forte como elas. Mas, hoje, sabendo que herdei um pouco dessa força – usada muitas vezes, por nós, mulheres, como estratégia de sobrevivência –, por mais contraditório que seja, me questiono a partir das reflexões feitas pela escritora e ativista Audre Lorde (2020):

[...] você jamais é realmente inteira se ficar em silêncio, porque sempre há aquele pedacinho dentro de você que quer ser posto para fora, e quanto mais você o ignora, mais ele se irrita e enlouquece, e se você não desembucha, um dia ele se revolta e dá um soco na sua cara, por dentro (LORDE, 2020, p. 53).

Minha avó costurava dia e noite e cuidava dos sete filhos: Maria Sueli, Paulo César, Elizabeth Christina, Antônio Carlos, Marcos Antônio, Luiz Cláudio e Ana Patrícia. Além disso, era uma pessoa de grande confiança no cuidado de mulheres parturientes e de seus bebês, sempre procurada pela vizinhança e parentes. Todas confiavam a ela a tarefa de fazer curativos em seus pontos pós-partos, quer sejam do parto normal ou da cesariana; dar banhos nos bebês em seus primeiros dias de vida e cuidar de seus umbigos até sua cicatrização, sendo essa uma herança adquirida por parte de sua avó que era parteira, enquanto meu avô Geraldo Segundo trabalhava viajando como soldador.

Alguns filhos relatam que meu avô chegava do trabalho bêbado e, caso eles não tivessem realizado suas tarefas domésticas, ele os agredia com o que via pela frente ou com a palmatória feita por ele. Nos poucos momentos que ele estava em casa, era bastante severo com toda a família. Questionados por mim se havia alguma distinção de gênero ou raça/cor, eles dizem que não. Entretanto, a filha mais velha, Sueli, sem dúvidas, foi a mais agredida. Já minha avó disse que ele batia em todos, exceto na caçula, Ana. Quando ela nasceu, ele já estava próximo de se aposentar.

Sobre as outras questões, minha avó diz que, por ser uma mulher branca, não se recordava de possíveis conflitos vivenciados por sua mãe e seu avô, que eram os únicos negros da família. No entanto, sobre seus filhos, ela diz já ter presenciado alguns mal-entendidos com os três mais pigmentados, Paulo, Beth e Luiz Cláudio, mas não se recorda com clareza das ocasiões.

Esse avô agressivo, eu não conheci. Quando eu nasci, ele já frequentava a igreja com a minha avó. Com a morte do meu pai, minha mãe voltou a morar na casa deles. Meu avô foi a primeira referência de pai que eu tive. Foi quem me ensinou a pedir benção aos mais velhos, chamar de senhor e senhora... Ensinaamentos que eu carrego até hoje. Mas esse avô sério, eu não reconheço mais. Cada dia ele está mais brincalhão.

Embora minha avó fosse uma mulher trabalhadora autônoma, tinha dias de insatisfação de sua vida doméstica, como muitas mulheres nas mesmas condições que ela, inclusive por acreditarem que a vida que levavam era consequência do casamento, sendo considerado este, por algumas em alguns momentos, uma forma de escravidão, já que impossibilitara a elas estudar ou dar continuidade nos estudos e alcançarem profissões de mais prestígio. Davis (2016) nos informa que o casamento era constantemente comparado, entre as mulheres brancas, com a escravidão.

Embora fossem nominalmente livres, elas eram tão exploradas em suas condições de trabalho e em seus baixos salários que a associação com a escravidão era automática. Ainda assim, eram as mulheres com recursos financeiros que evocavam essa analogia de modo mais literal em seus esforços para expressar a natureza opressiva do casamento (p. 46).

Meus avós maternos casaram em 1954, antes de migrarem para o Rio de Janeiro – RJ. Em 2020, eles completaram 66 anos que dividem a vida e moram na mesma casa há mais 30 anos, em São João de Meriti, local onde os filhos cresceram, construíram casa e criaram seus filhos e os/as filhos/as dos/as filhos/as, totalizando doze netos/as e quatro bisnetos/a.

Minha avó estudou até a 5ª série e aprendeu a arte de costurar observando sua mãe e sua avó costurando. Enquanto trabalhava como diarista arrumando, lavando e passando para outras

famílias, e fazendo também algumas gambiarras (FERNANDES, 2019) para ganhar um dinheiro a mais, teve a possibilidade de se estabilizar na nova cidade e fazer um curso de corte e costura para senhoras, tornando-se, assim, costureira profissional, há mais de 40 anos.

Figura 02 - Acervo pessoal de Cícera – a terceira, da esquerda para a direita. Formatura do curso de Corte e Costura para Senhoras, oferecido pelo Centro Cultural da Prefeitura de São João de Meriti - RJ.



Até hoje, com 84 anos, minha avó costura. Faz alguns ajustes, mas nada comparado ao que fazia até uns cinco anos atrás. A máquina, que é a primeira profissional que teve, ainda fica na sala. Cheia de orgulho, ela diz que teve o prazer de costurar fralda e roupinhas para todos os netos, principalmente roupas de baixo, calcinha, sunga e pijamas, tendo feito o mesmo pela sua mãe, quando a mesma já estava impossibilitada de costurar. Ela se recorda que a única coisa que não fez para sua mãe foi a mortalha, que ela mesma havia feito uns quinze anos antes de sua morte. Lembro-me do seu sepultamento, o primeiro que eu fui. Todos alegres por saberem que ela cumpriu sua missão e, enfim, descansou, um mês após completar 100 anos de vida, me fazendo crer que as mulheres da minha família são realmente fortes/resistentes e têm vida longa.

Após quatro anos do falecimento do meu pai, minha mãe casou-se novamente, agora com meu padrasto, Elomir Aguiar, com quem viveu mais tempo do que com o meu pai. Ele era um homem bom para mim, para minha irmã e, principalmente, para ela. Transformava todos os desejos dela em realidade, mas insistia que ela saísse do emprego e se tornasse dona de casa, para cuidar das filhas, inclusive a dele do primeiro casamento. Depois de ele sofrer um grave acidente no trabalho, ela se viu obrigada a sair da confecção e dedicar-se aos cuidados dele, da família e da casa, dedicando-se a isso, assim, durante mais de vinte anos.

Estando em casa todos os dias, às vezes entre uma tarefa doméstica e outra, minha mãe fazia roupinhas para as minhas bonecas e da minha irmã. Eu, observando minha mãe, vez ou outra, costurando e minha avó, que costurava profissionalmente, comecei a costurar à minha maneira roupas para as minhas *Barbies* – também colando e grampeando as peças –, com os

retalhos dos tecidos que sobravam. Lembro-me de, uma vez, inspirada nas *angels*²¹, fazer algumas *lingeries* para as bonecas, sujando toda a casa com purpurina e paetê.

Na adolescência, eu parava tudo o que estava fazendo para assistir aos desfiles da *Victoria's Secret*. Eu imitava as modelos, indo de uma ponta a outra do corredor modelando, imaginando, um dia, ser como elas. Na época, minha mãe achou que eu queria ser modelo, afinal, no final dos anos 1990 e início dos anos 2000, o rosto da *top model* Gisele Bündchen estampava todas as revistas. Ela se tornou uma grande referência para muitas meninas altas, magras, pobres e desengonçadas, sendo considerada o ideal de beleza²².

Figura 03 - Acervo Pessoal de Danielle – desfile em comemoração à Abolição da Escravatura, no Madureira Shopping, e desfile da Expo Noivas, no Riocentro, ambos realizados pela Escola de Modelo e Manequim Yuri Graneiro.



Minha mãe, por já ter trabalhado neste universo da moda, achava pouco provável eu me tornar modelo, mesmo sendo alta e magra. Eu era negra. Porém, em um passeio no Madureira Shopping, na zona Norte do Rio de Janeiro, eu e ela fomos abordadas por uma mulher, na entrada do shopping, perguntando se eu gostaria de fazer um teste gratuito para ser modelo. Eu, bastante envergonhada, neguei na hora, mas minha mãe, inspirada nas minhas performances

²¹ *Angels* são as modelos embaixadoras oficiais da marca *Victoria's Secret*. Elas recebem esse nome em referência às asas de anjo usadas nos desfiles de *lingeries*. Para elas, o título é uma oportunidade de ganhar destaque no mercado. Ser eleita uma *Angel* e participar do *Victoria's Secret Fashion Show* é o ápice da carreira de uma modelo, já tendo sido ocupado por algumas brasileiras, como Gisele Bündchen, Adriana Lima e Alessandra Ambrósio. *Victoria's Secret* é uma marca de *lingerie* e produtos de beleza fundada em 1977, por Roy Raymond, com a sede em Ohio, nos Estados Unidos. Estima-se que os ganhos da empresa, entre 2009 e 2010, estiveram entre 6,35 a 7,05 bilhões de dólares. Desde 1995, estes desfiles se transformaram em um dos maiores acontecimentos do *business*, com apresentações apoteóticas de celebridades como Rihanna e Justin Bieber.

²² Para saber mais, ler *Aprendizados – minha caminhada para uma vida com mais significados* (2018), livro autobiográfico da supermodelo Gisele Bündchen.

em casa, insistiu que eu fizesse. Após a aprovação no teste, fomos motivadas a investir na minha carreira de modelo. A lãbia da vendedora do curso de modelo e manequim era bastante convincente. Mesmo dizendo que eu ainda estava um pouco acima do peso, ela fez com que minha mãe insistisse para que eu fizesse o curso no intuito de diminuir a timidez, melhorar a postura, comunicação e autoestima e, talvez, virar modelo profissional.

Este foi sem dúvidas um dos melhores investimentos que ela fez em mim. Modelei durante um ano, mesmo retraída e morrendo de medo; só de não ter que abrir a boca em público, eu já estava no lucro. No entanto, o que eu mais gostava era dos bastidores – a produção dos desfiles. Ali era o melhor lugar do mundo que eu já tinha estado, com “negros com ‘bons exemplos’, que além de tudo ainda eram bonitos, estudados e se autovalorizavam” (OLIVEIRA, 2014, p. 3), vindos da terra do baile charme e de tantas outras periferias. Eles vinham de um mundo muito diferente do meu, e foi com eles que, com o passar do tempo, fui me (re)descobrir, tornando-me negra (SOUZA, 1983) e também uma *outsider within* (COLLINS, 2016), alguém que, apesar de não ser mais a única negra do *rolé*, não entendia de negritude, o que possibilitava me enturmar, mas não me fazia ser da turma. Como prevê a tradução do termo, eu era uma estrangeira/forasteira de dentro.

Eu já não era mais a mesma, não tinha como ser, e nem queria ser. O filósofo martinicano Frantz Fanon (2008), no livro *Pele negra, máscaras brancas*, descreve o negro da Martinica que viveu na França durante algum tempo e volta radicalmente transformado para o seu país de origem. A mesma coisa aconteceu comigo. Quanto mais eu assimilava “os valores culturais da metrópole” (FANON, 2008, p.34), mais eu escapava da selva. Diferente do narrado pelo autor, eu não rejeitava mais a minha negritude, eu começava o processo de tirar a máscara branca que sempre cobriu minha pele negra.

1.2 Papel, tesoura, linha e agulha

Apesar de não ter aprendido a costurar profissionalmente, aprendi a alinhar e costurar histórias. Como uma enorme colcha de retalhos, este trabalho vem sendo tecido por duas mãos e muitas linhas, fios condutores que nos levam a lugares outros, amarrotados, desfiados, inacabados. Quando bell hooks (2013) nos ensina a transgredir através de novos mundos/novas palavras, ela nos estimula a ir nesses outros lugares, (re)descobrir o que falta ser costurado da nossa história, mas ela nos chama atenção também para o fato de que (ainda) não é possível acessar estes lugares sem a língua do opressor. Precisamos de suas ferramentas para nos

comunicar com essas histórias. Por mais difícil que seja para mim, é importante que eu assuma que essa batalha nós ainda não vencemos²³.

A autora supracitada, a partir de suas próprias experiências, nos mostra que, embora precisemos da língua do opressor para falar uns com os outros, neste caso leia-se também pensamentos e estudos, nós também reinventamos, refizemos e resignificamos esta língua, para que ela falasse além das fronteiras da conquista e da dominação. Portanto, a língua nos ajuda, mas também nos questiona, “fala a si mesma contra a nossa vontade, em palavras e pensamentos que invadem e até violam os espaços mais privados da mente e do corpo” (hooks, 2013, p.233). A língua pode ser uma ferramenta decolonial, bem como nos ensinou Esperança Garcia, uma mulher preta, escravizada na Fazenda Algodões no Piauí, que sabia ler e escrever por ter sido catequizada por jesuítas.

Se hoje nós sabemos ler e escrever, precisamos fazer uso destas ferramentas para narrar nossas próprias histórias. Garcia se apropria da escrita para enviar uma carta endereçada ao Governador da Província do Piauí, datada do dia 06 de Setembro de 1770, descoberta pelo historiador e antropólogo baiano Luiz Mott (1985). Neste período, poucas mulheres sabiam ler e escrever, e as cartas normalmente eram as enviadas dos jesuítas para os padres ou no máximo de mulheres livres para os padres, fazendo confissões, pedindo bênçãos para sua família, matrimônio ou a cura para doenças.

A carta de Esperança Garcia é um texto precursor para a literatura afro-brasileira, sendo considerada um dos textos mais antigos do período escravista no Brasil. Inaugurando a narrativa autobiográfica de mulheres negras brasileiras e o protagonismo de suas próprias histórias, nesta carta, ela denuncia os maus-tratos sofridos por ela, seus filhos e companheiras, bem como a separação do marido e outros impedimentos. Na condição de escrava, em um período onde o catolicismo era a religião oficial, ela, através das frestas e brechas (SIMAS, 2015), usou estrategicamente de questões religiosas para potencializar sua denúncia, informando, já no início da carta, ser uma mulher casada, estar para se confessar há três anos, que um de seus filhos ainda está sem se batizar e pedindo pelo amor de Deus que ponham os olhos nela (SOUSA, 2017).

²³ Digo isso porque insisti na tentativa de escrever um trabalho somente com autoras negras e brancas, e autores negros, desejando “dispensar” os autores tidos como clássicos (incluindo os aliados das áreas da linguagem e educação) do corpo do texto. Mesmo sabendo ser impossível, até o presente momento, “dispensar” suas contribuições teóricas, metodológicas, epistemológicas etc. para as discussões trazidas neste trabalho, eu insisti, e talvez tenha prejudicado todo andamento da pesquisa. Se escritoras renomadas não o fizeram, por que eu conseguiria? Portanto, este é um trabalho fracassado?!

É uma breve denúncia, por meio da qual os motivos dos maus-tratos não são revelados, mas é inegável o esforço para que essa situação se resolvesse logo, nos fazendo sentir a dor narrada por ela. Podemos conjecturar que os motivos do ódio e da violência tenham sido além do racismo, agravados por motivos sexuais e/ou de gênero, porque, infelizmente, nossa história é marcada por inúmeras violências, sobretudo contra as mulheres negras. Neste período, alguns casos de consumação ou tentativa de estupros não se tornavam públicos, principalmente se tratando de mulheres casadas e/ou cristãs, como forma de não ferir sua moral, tampouco causar algum tipo de rebelião ou revolta do companheiro da mesma.

O que podemos afirmar a partir da leitura da carta é que, apesar de toda a hostilidade a qual estava sendo submetida, existiam relações de solidariedade, cumplicidade e companheirismo entre as mulheres que habitavam aquele espaço com ela, parecidas com as já citadas nas histórias da minha bisavó Vovó Dorinha. Mesmo Garcia tendo seu corpo aprisionado, fazendo uso da palavra escrita ela nos mostra que sua mente não estava aprisionada. Ela transforma a língua do opressor em uma cultura de resistência (hooks, 2013), da qual eu e tantas outras mulheres que vieram após ela fazemos parte. Ouso dizer que este trabalho se propõe, do início ao fim, a se apropriar de diversas ferramentas do opressor, para, através do remendo de retalhos e das tantas linhas, costurar novas histórias.

2 HISTÓRIAS COM PONTOS CRUZADOS

Eu sempre sentia dor, mas achava que era normal.

[...] Ele insistiu durante uns meses...

Luísa Conceição

A história que iniciaremos aqui permeará todo o restante do trabalho, ou melhor, é o início do que chamamos de “histórias que se cruzam ou histórias cruzadas”. É ela que tece esta grande rede educativa de afetos, atravessada por muitos *encontros*.

Pois bem, para Dandara Nascimento e Luísa Conceição, estar na universidade é um sonho realizado. Elas se cruzaram a primeira vez na Pavuna, zona Norte do Rio de Janeiro, local que faz fronteira com a Baixada Fluminense. Na saída da estação Pavuna, Linha 2 do Metrô Rio, enquanto caminhavam no sentido do ponto de ônibus, elas trocaram as primeiras palavras.

Após alguns *encontros*, Luísa – funcionária terceirizada de uma universidade pública na zona Sul – sugeriu a Dandara – estudante cotista de outra universidade pública na zona Norte – que marcassem um ponto de encontro diário na estação da Pavuna, tendo em vista que as duas tinham como destino final/saltavam em estações diferentes, mas iniciavam o dia vindo de locais próximos, na Baixada Fluminense-RJ.

No auge da crise, elas buscaram estratégias (FERNANDES, 2019) para resistirem e não desistirem destes locais de estudos/trabalhos tão almeçados por elas. Luísa, vinda de outro estado, é mãe de cinco filhos, solteira e diz que sonha em ver a filha mais nova formada por uma universidade pública, mas não disfarça o medo que sente de ela resolver seguir os caminhos da irmã mais velha, que trabalha com prostituição, termo usado por ela para se referir às mulheres que tem o corpo explorado sexualmente. Ela vê em Dandara uma esperança, tendo em vista que se parece com sua filha caçula. Sobre os filhos mais velhos (dois homens e duas mulheres), ela pouco fala, apenas informa que eles “meteram o pé de casa e foram ganhar o mundo”. Com o atraso dos pagamentos de salário, ela passou a fazer bolo de pote para vender na rua e no trabalho.

Já Dandara, vinda de uma família heteronormativa e evangélica, porém, matriarcal, foi ensinada desde cedo a ser forte, tendo como exemplo muitas mulheres em sua família. Perdeu o pai ainda na infância. Sua mãe, viúva pela segunda vez, é dona de casa – da casa mais acolhedora da família. Assim como Luísa, a mãe dela também sempre incentivou as filhas a estudarem. Mesmo não tendo cursado o ensino superior, desejava que elas cursassem, em uma

universidade particular (próxima de casa), já que recebiam pensão do pai e, portanto, sempre estudaram em escolas particulares do bairro.

Com o atraso das bolsas, Dandara começou a revender dentro e fora da universidade acessórios femininos junto com a sua irmã, que já era enfermeira e palestrante há mais de dez anos e também sofria com a crise por ser funcionária terceirizada de um hospital público estadual. Ela resolveu se aprofundar mais em saúde da mulher e sexualidade e fez o curso de *sexcoach*²⁴. Inicialmente, eram apenas bolsas e *lingeries*, mas muitas clientes, após comprarem *lingerie*, perguntavam se também tinha algum produto para usarem na hora do sexo, além da *lingerie*.

Comprar uma roupa íntima é algo tão íntimo que deixava as clientes à vontade para contar suas experiências sexuais e até suas expectativas com a nova roupa. Esses momentos se tornaram tão comuns, e também necessários para a finalização das vendas e fidelização das clientes, que foi criado um grupo no *WhatsApp* como um espaço de trocas de experiências, dúvidas e dicas e também como forma de divulgar os produtos. Em menos de dois meses, o grupo já tinha mais de 150 participantes de diversas localidades, umas mais ativas que outras e que procuravam não se expor no ambiente virtual, preferindo o anonimato. Curiosas, atrevidas, deprimidas, tinha um pouco de tudo, eram verdadeiras leões famintas por trocas e informações. A partir disso, as vendas aumentaram muito, e foram surgindo outras demandas, tais como produtos caracterizados como de higiene pessoal, perfumaria e cosméticos sensuais e eróticos²⁵. Era um novo mundo a ser explorado.

Luísa, além de parceira de viagem, tornou-se também cliente – consumidora final. Com a chegada dos produtos, as vendas aumentaram, sobretudo as vendas na universidade em que Dandara estudava, devido ao seu curso ser majoritariamente feminino. Nesse momento, ela se dividia entre o autoconhecimento proporcionado pelas descobertas desse novo mundo e o incentivo para que outras mulheres também tivessem essa oportunidade. Apesar de fazer parte de uma família heteronormativa e evangélica, sua mãe sempre foi bastante liberal e, mesmo nunca tendo conversado abertamente com ela ou com sua irmã sobre sexo e sexualidade na adolescência, incentivou essa nova empreitada das filhas.

²⁴ O *sex coach* é um profissional especialista em sexualidade e relacionamento, mas não é uma sexóloga. Trabalha com a venda de produtos de higiene pessoal, perfumaria e cosméticos sensuais e eróticos (apresentação e demonstração) e com eventos (*workshops*, palestras, cursos) e auxilia a encontrar respostas quando há alguma disfunção sexual e/ou problemas no relacionamento conjugal, podendo fazer a indicação de acompanhamento médico (ginecologia, fisioterapia, psicologia etc.) ou seguir com consultorias individuais ou coletivas de reeducação sexual.

²⁵ Tais como os produtos das marcas Pessini, Feitiços Aromáticos, Adão & Eva Toys, A Sós, Intt Cosméticos e Hot Flowers. Produtos clinicamente e ginecologicamente testados, certificados pela ANVISA. Disponível em: <<http://portal.anvisa.gov.br/>>. Acesso em: 08 abr. 2019.

O casamento nunca foi almejado por Dandara, mesmo que tivesse referências na família, como seus avós maternos com 66 anos de casados. Mesmo sentindo-se livre para decidir seu destino, Dandara e o namorado decidiram se casar. Entre uma venda e outra, ela também se dividia em ser estudante e noiva; entre os eventos acadêmicos e os eventos de casamento.

Revisando o texto, me questiono sobre essa liberdade de escolha de Dandara, tendo em vista que fora criada em uma família heteronormativa e evangélica. Mesmo que historicamente o casamento não fosse para ela (por ser uma mulher negra), nesta família, não era só possível, como era quase uma obrigação esse ritual, tendo em vista que todos casaram. Estando apaixonada, por que não casar? Mesmo com medo, por que não experimentar essa função? Negando-se à inclusão de outro sobrenome em seu nome, ela tornou-se noiva e posteriormente esposa de um homem negro.

Ao casar, Dandara contrariou todas as pessoas que foram contra seu casamento por acharem-na nova demais e por acreditarem que não seria possível ela conciliar a nova vida com os estudos. Se isso não fosse possível, certamente ela não aceitaria o pedido de casamento. Afinal, no momento do “sim”, ela já tinha adquirido minimamente a consciência das fronteiras (SILVA, 2017) e almejava cada vez mais o que diziam não ser para ela e/ou o que diziam ser impossível conciliar. Sabida, ela? Não, talvez embrutecida demais para se preocupar se daria certo ou não antes de tentar...

Em um dos eventos de casamento, Dandara conheceu um serviço até então pouco conhecido no Rio de Janeiro, o chá de *lingerie*, do qual falaremos mais à frente. Nesse mesmo período, a crise financeira estadual aumentou e veio a tão temida greve de 2015 (foram meses sem aula). O hospital estadual em que sua irmã trabalhava estava prestes a fechar as portas. Com medo de o pior acontecer e não ter um plano B, sua irmã sugeriu que, juntas, começassem a fazer/vender eventos/palestras a domicílio para mulheres, afinal, já tinham uma carteira de clientes fiéis. Após o casamento, Dandara e a irmã deram esse novo passo, partindo de suas experiências nubentes²⁶ e da formação de sua irmã, por meio da ajuda que receberam de uma investidora.

A procura pelos novos produtos aumentava absurdamente, mas novas questões também emergiram. Com isso, Dandara e sua irmã começaram a se questionar. Por que ainda é um tabu falar sobre sexo e sexualidade, sobretudo entre as mulheres? Por que algumas mulheres

²⁶ Nubente é o termo utilizado para se referir à pessoa que vai casar, ou seja, a noiva ou noivo. É aquele que está ligado à outra pessoa por noivado e em processo de preparação para a realização da cerimônia de casamento. Tradicionalmente, no Brasil e em outros países, os nubentes usam uma aliança no dedo anular da mão direita, para representar o compromisso assumido e a preparação para um matrimônio próximo.

preferem comprar produtos escondidas e outras dizem não precisar de nada disso? Por que em um grupo do *WhatsApp* elas se sentem à vontade para contar suas experiências? Por que muitas mulheres não têm coragem de ir ao *sex-shop*?

Segundo uma pesquisa realizada pela Sociedade Brasileira de Empresas do Mercado Erótico e Sensual (ABEME), os brasileiros estão buscando cada vez mais novidades quando o assunto é a vida íntima. O mercado audiovisual tem ajudado por meio do investimento em filmes populares que despertam a curiosidade dos telespectadores, como a trilogia do americano *50 Tons de Cinza* (2015, 2017, 2018), filme machista que narra à história de Anastasia Steele, objeto de submissão do sadomasoquista Christian Grey; e o brasileiro *De Pernas Pro Ar* (2010, 2012, 2019), que narra a história de Alice Segretto na descoberta do seu próprio prazer e a expansão do mercado erótico.

De acordo com os últimos dados da instituição [ABEME], divulgados em 2017, existem no país atualmente 11 mil pontos de vendas de produtos eróticos. Além disso, o setor é responsável atualmente por gerar mais de 100 mil empregos diretos ou indiretos. Grande parte desse sucesso tem ocorrido porque o mercado está se profissionalizando. A ABEME em parceria com as fábricas e empresários está cada vez mais preocupada com a qualidade dos produtos disponibilizados, que precisam apresentar benefícios tanto para a vida íntima quanto para a saúde do consumidor (EXAME, 13 abr. 2017).

As viagens de metrô nunca mais foram as mesmas. Sentindo-se acolhida de alguma forma, Luísa não hesitou em contar sobre sua vida para Dandara: “Eu perdi minha virgindade com 12 anos, meu tio tinha quase 20. Eu não queria, mas depois comecei a gostar dele. Na época não tinha esses produtos. Eu senti muita dor, mas ele dizia que era assim mesmo. Depois disso, ele falou para os amigos que eu não era mais moça, e eu tive que ficar com eles. Quando minha mãe descobriu, ela me bateu e disse que a culpa era minha, porque eu ficava me mostrando para os rapazes. Mas eu quase não ficava na rua. Eles soltavam pipa com meu tio e depois vinham atrás de mim. Tinha um que sempre me beijava antes e falava que casaria comigo quando eu crescesse; o outro era até bonitinho, mas já chegava botando a mão entre as minhas pernas; e tinha o magrinho, ele falava muita besteira e estava sempre fumando cigarro. Eu sempre sentia dor, mas achava que era normal. Minha mãe mandou eu vir morar na casa da minha tia no Rio. Assim que eu cheguei, um senhor me convidou para dançar no grupo dele, mas minha tia não deixou. Ele insistiu durante uns meses... Sempre dizendo ‘minha mulatinha ainda vai ser passista de escola de samba’. Ele dizia que eu era a mulata mais linda do bairro. Claro que eu não acreditava nele, mas ficava feliz, porque ele sempre me dava bombom: ‘um bombom para o meu bombom marrom’. Meu corpo era todo certinho antes de eu engravidar.”

2.1 Costurando sem os retalhos que nunca chegaram

Dialogando com tais narrativas, o trabalho busca costurar e compreender melhor questões que permeiam toda a formação da nossa sociedade, trazendo experiências de vida para pensarmos sobre as contradições que nos formam. Alguns dos episódios violentos narrados por Luísa, como os estupros de vulnerável, coletivo, corretivo, mas jamais culposos, não cabem serem detalhados aqui. Todos fazem parte das diversas formas de violências cotidianas contra as mulheres; crimes que violam não só o Código Penal brasileiro, mas violam para sempre esses corpos. São histórias que causaram um engasgo em Dandara, que, naquele momento, já não tinha como não lembrar momentos da sua vida nunca relatados para ninguém.

Ainda na adolescência, Dandara sofrera duas tentativas de estupro, das quais ela sempre se culpou, acreditando ser culpa dela estar no lugar errado, na hora errada, com a roupa errada e com as pessoas erradas. Como se cada uma dessas coisas pudessem autorizar ou não alguém a encostar em seu corpo. Então, ela não podia usar blusa de uma alça só? Ou sair sem sutiã mesmo tendo os seios tão pequenos? Diferente de Luísa, ela conseguiu escapar. Mas diferente de Chika (ADICHIE, 2009), naquele momento, Dandara não se aproveitou de um ponto em comum para se aproximar ainda mais de Luísa. Ela se calou, mais uma vez.

A professora e artista piauiense Francilene Brito da Silva (2017), em suas pesquisas decolônias sobre *Imagens de mulheres e crianças afrodiáspóricas: narrativas piauienses para além do museu brasileiro*, nos informa que,

Por vezes, nos assustamos com notícias e dados em que mulheres e crianças são as maiores vítimas de estupros ou violências psicológicas, e não associamos com a nossa história colonial/iluminista/global nem com a sustentação capitalista/neoliberal. Dados aparecem e desaparecem no instante mesmo em que nos deparamos com eles [...] (SILVA, 2017, p. 99).

Naturalizamos sermos culpadas por situações das quais fomos/somos vítimas. Nos calamus como forma de desaparecermos com os dados, que comumente são usados como provas contra nós. A autora dá pistas do quanto “as formas de colonialidade nos colocam questões que se encontram além de uma solução mágica e eficaz” (p. 101), nos chamando atenção para esse nó que é a fronteira – a vida nas margens, no Brasil e fora dele.

[...] das margens, é preciso ter uma “consciência das fronteiras” (ANZALDÚA, 2005, p. 704) que mobilize redes de pertencimentos e cuidados entre nós, nas nossas diferenças – até porque existem margens com centros e centros com margens. Esta rede de consciências mostrará sempre o *locus* fraturado da enunciação do sistema mundo global (SILVA, 2017, p. 101).

O momento em que retorno ao texto para fazer uma revisão final é também o momento em que se discute o “estupro culposo”²⁷, que, de forma absurda, culpa a vítima pela violência sofrida. Quando a mãe de Luísa a culpa ou quando Dandara se culpa, elas não o fazem sozinhas, é toda uma sociedade que ainda naturaliza a prática sexual não consensual, oriunda do colonialismo/capitalismo. A mesma sociedade que (ainda) culpa os povos indígenas por tais atrocidades, alegando que eles andavam nus, e as mulheres escravizadas por terem corpos avantajados, sendo impossível aos homens resistirem à prática sexual. Desta forma, legitimaram as inúmeras violências sofridas historicamente pelas mulheres.

Essas histórias nos mostram, mais uma vez, a urgência dessa consciência a qual Silva (2017) nos chama atenção. Ela não está dada, ela é parte de um processo muito maior de (re)descoberta e de tornar-se algo que ainda não sou, mas posso vir a ser. Por isso, narro aqui essas histórias, como forma de costurar e provocar tais debates, sem saber se darei conta de concluí-los, mas sempre com a certeza de que, ao narrá-los, também aprendo a partir do que elas têm a dizer, acreditando esse ser também um tipo de cuidado e enfrentamento.

Penso que o Brasil seja um país altamente sexualizado, tendo bastante exposição de mulheres como objetos sexuais, sobretudo nas representações midiáticas, tais como revistas, telenovelas, videocliques, filmes, letras de músicas, dentre outros, e sendo a mulher negra quem mais sofre com a hipersexualização, vide a mulata do carnaval. Sobre isso, o professor e ativista dos direitos civis e humanos das populações negras brasileiro Abdias Nascimento (2016) nos informa que, na década de 70, houve um Manifesto das Mulheres Negras para denunciar a herança deixada pelos portugueses:

As mulheres negras receberam uma herança cruel: ser o objeto de prazer dos colonizadores. O fruto deste covarde cruzamento de sangue é o que agora é aclamado e proclamado como o “único produto nacional que merece ser exportado: a mulata brasileira”. Mas se a qualidade do “produto” é dita ser alta, o tratamento que ela recebe é extremamente degradante, sujo e desrespeitoso (p. 74).

Para Luísa, ser esteticamente comparada com uma passista de escola de samba e ser chamada de mulata é visto como um elogio, talvez por até aquele momento desconhecer o significado desta palavra. Sobre essas questões, a *youtuber* e criadora do canal *Afro e Afins* Nátaly Neri – formada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP

²⁷ O termo foi utilizado pela agência de notícias virtuais *The Intercept Brasil*, como uma interpretação do que defendeu o promotor em suas alegações finais, mas não consta nas alegações do Ministério Público (que pediu absolvição do réu, André de Camargo Aranha) e nem na sentença do juiz, que endossou a tese exótica do Ministério Público. O “estupro culposo” viralizou em apoio ao julgamento de estupro de Mariana Ferrer, dando voz a quem sequer sabia como falar. Disponível em: <<https://theintercept.com/2020/11/03/influencer-mariana-ferrer-estupro-culposo/>>. Acesso em: 04 nov. 2020.

– traz discussões semanalmente sobre consumo consciente e autônomo, racismo e empoderamento feminino, ancorados aos conhecimentos acumulados e constantemente atualizados em seu curso e sua militância. Através de sua participação no *TEDx* São Paulo²⁸, com o vídeo intitulado “A mulata que nunca chegou” (2016), na narrativa transcrita a seguir, Neri problematiza o racismo estrutural que desde a infância determina lugares e funções para as mulheres negras.

Eu sempre fui considerada uma menina feia, pelo menos por mim ou pela maioria das pessoas à minha volta. Meus pais, no caso, eram os únicos que realmente apreciavam esta beleza singular. Apesar de sempre ter tido uma autoestima muito baixa, como toda criança negra, com essa idade, existia um grupo específico de pessoas que me tratava de uma forma diferente. Com essa idade, existia um grupo de pessoas que, de fato, sabia que eu era uma menina não muito bonita, meio desajeitada, desengonçada... mas que também sabia que, de alguma forma, eu me tornaria uma mulher muito bonita quando eu crescesse. **Esse grupo de pessoas era formado majoritariamente por homens; homens mais velhos. Geralmente primos de segundo grau, amigos de primos de segundo grau ou, então, desconhecidos**, que, quando estavam na rua com meu pai, atrás de um balcão, devolvendo o dinheiro do troco do almoço, falavam pra ele: Nossa, a sua filha é linda, vai dar muito trabalho quando crescer. [...] Como eles entendiam que uma menina que não se esforçava em nada pra ser sensual, pra ser bonita, que não sabia sobre maquiagem, sobre decote, que era só uma criança, como eles sabiam que essa criança feia daria trabalho? Essa foi uma das perguntas que eu sempre fiz ao longo da minha vida, porque eu me vejo feia, porque as pessoas me veem feia. Mas por que existe uma parcela masculina que tem certeza que eu serei bonita? De onde sai isso? Eu comecei a me perguntar e eu passei a deixar de me questionar, porque eu me sentia feia, então era melhor alguém falar “Nátaly, você é feia, mas você pode se tornar bonita”, do que alguém falar “Nátaly, você vai ser sempre feia” (Grifo nosso).

Ela nos informa que, ainda na adolescência, assim como para Luísa e tantas outras mulheres negras, ser chamada de mulata era como um elogio, a expectativa de um corpo aceitável aos olhos de todos e principalmente dos homens.

Foi com uns 11, 12 anos que eu entendi o que eu era. Eu entendi que eu era mulata. Eu entendi que as pessoas me tratavam e me viam como a mulata. E o que era a mulata naquela época? Naquela época, pra mim, mulata era uma categoria menos pior de negra. [...] **Sorte minha que eu não sou tão preta. Deus não me fez branca, me entristeço por isso, mas obrigada por ter me feito mulata. É um sofrimento a menos.** Com meus 13, 14, 15 anos, por aí, eu comecei a entender o que a mídia, o que a sociedade dizia sobre o que era a mulata. **Eu comecei a entender que ser mulata não era tão ruim. Que ser mulata era ser da cor do pecado, que ser mulata era ter curvas envolventes, sensuais, que a mulata me colocava na poesia, que a mulata colocava o meu corpo na bossa-nova. Eu não era a mulata, mas me tornaria a mulata.** E era a expectativa de que meu corpo se desenvolvesse, que as curvas aparecessem e eu pudesse, enfim, ser a mulher que sambava, fazia com que eu recebesse elogios. Esses eram os únicos. Eu aceitei... **Me chamavam de mulata,**

²⁸ A *TEDx* Brasil é uma versão independente de uma das conferências mais importantes e inovadoras do mundo, a *TED* - *Technology, Entertainment, Design*, que é uma ONG criada nos EUA, em 1984, que tem o intuito de propagar “ideias que merecem ser compartilhadas”. Nas convenções *TED*, realizadas oficialmente duas vezes por ano, são convidados empreendedores e pensadores de todo o mundo para darem palestras curtas. A plateia é limitada e bastante concorrida, já que grandes mentes do planeta discursarão no dia. Disponível em: <<https://tedxsaopaulo.com.br/>>. Acesso em: 20 mai. 2019.

sabe? Mulata, de mula... que é um híbrido... de cavalo e jumenta. Foi um termo que foi cunhado no passado colonial pra classificar os filhos feitos dos estupros cometidos pelos donos das casas grandes nas negras escravizadas e que, hoje em dia, é um termo racista que caracteriza mulheres negras de pele clara, magras, porém curvilíneas e que, com certeza, por uma determinação biológica, sabem sambar, afinal, está no sangue saber sambar. Com 16, 17 anos, eu fiquei esperando a mulata. “Ah, cadê a mulata?” Falaram a vida inteira que a mulata ia chegar. Tô aqui esperando essa mulata... [...] E o único elogio que ouvi minha vida inteira é que eu só seria bonita no dia em que meu corpo se desenvolvesse e eu efetivasse a mulata. Então, cadê a mulata? Eu esperei a mulata, e aí a mulata não foi aparecendo. A mulata não vinha. Eu ficava preocupada. Minhas amigas peitudas, bundudas, e eu ainda reta. Eu falava: Cadê essa bosta dessa mulata que me prometeram a vida inteira? Cadê a minha autoestima que estaria com ela? Cadê a única expectativa de amor-próprio que eu coloquei dentro de uma bunda e de um peito, que me prometeram durante toda a minha vida? “Ela vai ser muito bonita, ela vai sambar... ela vai rebolar, ela vai ter um corpo de dar inveja, porque ela é uma mulata, e mulata é menos pior”. Eu esperei a mulata, a mulata não apareceu, e aqui estou eu hoje. Meu corpo parou de se desenvolver aos 13 anos. Com 13 anos, eu não cresci mais, não me desenvolvi fisicamente. Então, com 13 anos, eu comecei a entrar em pânico. Com 15 anos, eu estava desesperada. E comecei a perceber que, de fato, a mulata não chegaria e que eu precisaria compreender e achar outras formas de lidar com meu corpo (Grifo nosso).

Diferente de Neri, que não teve o corpo muito modificado no decorrer dos anos, Luísa não só teve o corpo desenvolvido como o esperado para ser tratada como mulata – pronto para a realização dos sonhos de ser dançarina, passista e desejada pelos homens –, como teve também o corpo modificado após uma gravidez precoce e indesejada, que a impediu de continuar sonhando com os “benefícios” de ser mulata e fez ela odiar o próprio corpo, após traumas causados por gravidez de risco, complicações durante o parto, violências obstétricas e negligências médicas em hospitais públicos na Baixada Fluminense.

Luísa, ao narrar sua gravidez na adolescência, diz que, se fosse hoje, ela teria abortado, o que é recebido com surpresa por Dandara, que a questiona: “Você se arrepende?”. Luísa para, pensa e, como quem responde a um tribunal judiciário, diz: “O corpo é meu, eu faço dele o que eu quiser!”. Notando o quanto Dandara ficou sem graça, Luísa ri e diz que era burra: “Se eu tivesse o conhecimento que essas meninas têm hoje, duvido que eu teria engravidado tão nova. Eu não sou mais burra, por isso que eu sofri muito! Minha gravidez foi considerada de risco, devido a alguns problemas de saúde [infecções sexualmente transmissíveis adquiridas ao longo da vida, que dificultavam a manutenção da gravidez, causando, assim, fortes dores e até um aborto espontâneo]. Eu não dei sorte com médico. Me sentia em um açougue, porque eles me tratavam como um pedaço de carne. Dois dos meus filhos nasceram prematuros... E eles falaram que a culpa era minha”.

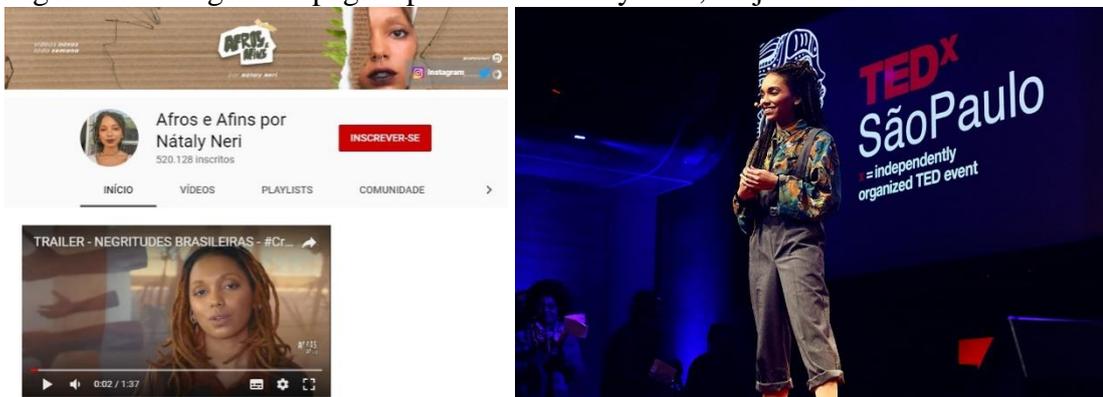
E mais uma vez, a vítima se torna culpada. Neste momento, evitando desfiar fios retorcidos de uma longa história, já informada por Luísa em outro momento que não gostava de falar sobre isso, Dandara se cala e lembra que sua mãe também já sofrera aborto espontâneo.

Ela, que não tem filhos, já nem sabe mais se deseja ter. Percebendo o desconforto causado pela conversa, com os olhos marejados, Luísa muda de assunto. Mesmo com todas as tentativas de Luísa em dizer que está bem ou que não é traumatizada, ela dá pistas contrárias, afinal, a vida é um emaranhado de nós e linhas soltas...

Ainda com 17, 18 anos, o corpo de Luísa já havia se modificado bastante. Já Nátaly Neri, nesta mesma idade, passou a odiar o próprio corpo,

[...] porque a mulata não veio. Então, não tinha nada que me salvasse, não tinha expectativas de melhoras. Eu odiava o meu corpo. Eu odiava quem eu era de uma forma muito profunda, a ponto de me bater em noites de crise, quando eu estava mal. A ponto de esmurrar os meus próprios seios porque eles não cresceram o tanto que as pessoas diziam que deveriam ter crescido. [...] Como eu, uma adolescente, tão dentro do meu tempo, tão fruto da minha época, que lia revistas femininas, que via TV, que via novela, que sabia que o ideal era o corpo magro, como consegui odiar o meu corpo magro? Como eu consegui odiar um corpo que era padronizado? Como eu consegui odiar um corpo que era valorizado? Como eu consegui odiar um corpo que, em todos os espaços, diziam que era o melhor? Eu odiava o meu corpo magro. E por quê? **Seria por que... os mecanismos do racismo são muito mais complexos e muito mais profundos do que qualquer padrão de beleza?** Será que odiei o meu corpo magro porque, de alguma forma, o fato de ter inferiorizado pessoas por conta de seus traços e de suas origens culturais, ao longo da história, valeu mais do que padrões de beleza que se transformam ao longo do tempo? Será que é isso? Será que racismo, de fato, é uma coisa séria? (Grifo nosso)

Figura 04 - Imagens da página pessoal de Nátaly Neri, 31 jan. 2017²⁹.



[...] **Existem mulheres em que a mulata chega.** E quando a mulata chega, o que acontece? Quando a bunda chega, quando o peito chega, o que acontece com essas mulheres? Elas pedem para nunca ter nascido, porque elas não suportam a forma como são tratadas, porque elas não suportam a forma como são objetificadas o tempo inteiro, em todas suas relações, em todos seus espaços. Quando a mulata chega, é insuportável, porque elas não conseguem andar na rua, porque elas não conseguem conversar com pessoas sem sentir o desconforto dos olhares, das piadas direcionadas aos seus corpos. Quando a mulata chega, essas mulheres pedem a Deus: “Por que você me fez mulata?”. E eu pedia pra Deus: “Por que não me faz mulata?”. Então, qual é a diferença? **A diferença é que racismo é estrutura.** E ele vai fazer com que você se odeie. Com que você odeie o seu corpo, a sua vida, as suas origens, independente de quem você seja, basta ser negro. Você pode ser magro, você pode ser gordo, você pode ser rico, você pode ser pobre, você pode ser intelectual, você pode ser analfabeto. A senzala está para todo mundo. De maneira, talvez, mais intensa pra uns do que para

²⁹ Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=02TBfKeBbRw>>. Acesso em 28 mai. 2019.

outros, mas a senzala está aqui. A senzala está quando odeio meu corpo, quando odeio a minha realidade, quando odeio quem eu sou, para corresponder a um estereótipo de beleza dessa sociedade escravocrata atual. Se o racismo não mata na entrada, ele faz com que você queira morrer na saída. Se o racismo... destrói, de maneira clara e descarada, a negra de pele retinta, preta, escura, o racismo, fala meu nome como forma de amor, “mulata, bonita, sensual...”, e depois me esfaqueia pelas costas. Parafrazeando Augusto dos Anjos, “o racismo escarra na minha boca enquanto me beija”. A gente não precisa de senhor de engenho, a gente não precisa de chibatada brutal nos nossos corpos, porque a senzala ainda é aqui nas nossas mentes, de maneira virtual, não corpórea. Enquanto a gente ainda tiver pessoas negras que se sentem subjugadas por ser quem são, enquanto nós tivermos pessoas negras que não se sentem pertencentes, que não se sentem valorosas por serem quem são, enquanto eu ainda odiar um corpo que nunca me fez nada, porque a sociedade diz que devo odiar, enquanto eu achar que a única coisa que me valoriza é um ideal racista, imposto sobre mim, quando meu corpo ainda nem havia se desenvolvido, enquanto isso acontecer, a senzala ainda é aqui. A senzala ainda é agora. E a chibata, mesmo que de maneira muito silenciosa, continua açoitando as nossas mentes. (Grifo nosso).

Neri termina sua apresentação nos trazendo uma reflexão sobre a senzala ainda ser aqui e nossas mentes serem açoitadas pelas chibatas dos capitães do mato, ou seja, quando o Brasil é caracterizado como o país do futebol, carnaval e da bunda, estamos vendendo os negros que outrora eram escravizados nas senzalas. O que dizem a nosso respeito é o reflexo ainda do período colonial. A mulata, a doméstica e a mãe preta são a mesma pessoa – são atribuições de um mesmo sujeito –, “a nomeação vai depender da situação em que somos vistas” (GONZALEZ, 1984, p. 228), mas todas são ressignificações das mucamas dos tempos escravistas.

O vídeo de Nátaly Neri nos provoca a pensarmos sobre as novas senzalas, que reafirmam um estereótipo no imaginário racista brasileiro, seja através da mulata *Globeleza*³⁰ ou de tantas outras mulheres negras expostas como mercadoria dentro e fora do sambódromo. Sobre essas questões e tantas outras que envolvem o racismo e o sexismo, a filósofa *amefricana* e militante do movimento negro brasileiro e das mulheres negras Lélia Gonzalez (1984) – à frente do seu tempo –, diz que “[...] é justamente no momento do rito carnavalesco que o mito [da democracia racial] é atualizado com toda sua força simbólica” (p. 228), afinal “[...] como todo mito, o da democracia racial oculta algo para além daquilo que mostra” (idem). E, por mais que seja

[...] nos desfiles das escolas de primeiro grupo que a vemos em sua máxima exaltação. Ali, ela [mulher negra] perde seu anonimato e se transfigura na Cinderela do asfalto, adorada, devorada pelo olhar dos príncipes altos e loiros, vindos de terras distantes só para vê-la. Estes por sua vez, tentam fixar sua imagem, estranhamente sedutora, em

³⁰ A *Globeleza* é uma personagem negra criada nos anos 1990 pela emissora brasileira Rede Globo durante a cobertura do carnaval. Esta imagem contribui para a hipersexualização do corpo das mulheres negras e intensificação dos estereótipos que esse grupo carrega. Já o termo mulata é tão violento quanto. Sua origem vem de mula, que é o cruzamento do jumento com a égua, ou seja, um animal híbrido e estéril. No tempo da escravidão, por volta do século XVI, a palavra foi utilizada para chamar os filhos dos homens brancos portugueses com as mulheres negras escravizadas. Para saber mais, ler: <https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-o-que-a-mulata-globeleza-tem-a-nos-ensinar/>.

todos os seus detalhes anatômicos; e os “flashes” se sucedem, como fogos de artifício eletrônicos. E ela [mulata] dá o que tem, pois sabe que amanhã estará nas páginas das revistas nacionais e internacionais, vista e admirada pelo mundo inteiro. Isso, sem contar o cinema e a televisão. E lá vai ela feericamente luminosa e iluminada, no feérico espetáculo (GONZALEZ, 1984, p. 228).

A autora nos mostra que o carnaval se torna o momento de privilégio em que a presença da mulher negra, até então doméstica (mucama), se torna manifesta justamente pela exaltação mítica da mulata, sendo o oposto da vida que ela leva cotidianamente. Em seus estudos e vivência, Gonzalez (1984) nos ensina sobre interseccionalidade, desde quando o conceito ainda não existia, nos ajudando a compreender a trajetória de Nátaly e Luísa, mas não só:

O lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. Pra nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular. Consequentemente, o lugar de onde falaremos põe um outro, aquele é que habitualmente nós vínhamos colocando em textos anteriores. E a mudança foi se dando a partir de certas noções que, forçamos sua emergência em nosso discurso, nos levaram a retomar a questão da mulher negra numa outra perspectiva. Trata-se das noções de mulata, doméstica e mãe preta (GONZALEZ, 1984, p. 224, grifo nosso).

Trazendo questões relevantes para pensarmos sobre a construção e manutenção do mito da democracia racial, Lélia (1984) nos mostra que existiam atribuições diferentes para o mesmo sujeito. Neste processo de formação cultural, existiam modos de rejeição e integração de cada papel a partir das três imagens/serviços impostos para as mulheres negras: mulata, que deveria servir sexualmente os senhores; mucama, que realizava as tarefas domésticas da casa grande; e mãe preta, que servia os herdeiros dos patrões através dos cuidados maternos, já que as funções da mulher branca se restringiam a procriar sem, necessariamente, exercer a função materna. Cada um desses papéis impostos às mulheres negras era determinado em função da circunstância e da forma como cada uma delas era vista, sendo possível que uma mesma mulher fosse obrigada a exercer mais de um papel, simultaneamente ou não.

Ainda dialogando com Dandara, Luísa segue informando sobre sua trajetória de vida: “Eu não queria ter filho com 17 anos. Eu queria desfilar no carnaval... Mas eu não tomava remédio, acabei engravidando. Conheci o pai dos meus filhos lá na escola onde eu estudava e ele trabalhava. Quando eu engravidei, tive que parar os estudos e só voltei muito depois. Ele era casado, então só ficava lá em casa às vezes. Se eu não tivesse engravidado, acho que eu era passista até hoje. Mas eu me encantei por ele, antes dele virar alcoólatra. Ele era muito bonito. Desde pequena, eu sonhava em namorar um homem branco de cabelo liso, porque de morena com cabelo duro já bastava eu. Eu sofri muito na minha infância. Na minha escola ninguém queria ser minha amiga, porque minha mãe fazia umas tranças feias no meu cabelo. Eu só não

sofria mais que a ‘preta muito preta’, uma menina mais escura que eu, da outra classe. Os meninos até cuspiam nela!”

Dandara balança a cabeça, como quem concorda com o que Luísa diz, e, desta vez, aproveita a oportunidade para “sentar-se na *wrapper*” (ADICHIE, 2009): “Eu também dizia que jamais me casaria com homem preto. De preta já basta eu! Acreditava estar nas minhas mãos o poder de embranquecer a família e salvar as próximas gerações, como meu padrasto sempre me dizia, ao me lembrar que, se minha mãe tivesse casado com ele antes de casar-se com meu pai, eu teria o cabelo bom [liso] como o dele.”

Ao ouvir Luísa narrar sobre sua infância, com questões intimamente ligadas a construção da identidade negra dela, que influenciaram nas suas escolhas e nas suas relações, Dandara também faz alguns relatos: “Eu sei exatamente o que você está dizendo. Até pouco tempo atrás, eu detestava tudo em mim. Tudo mesmo! E por isso eu não me aproximava das pessoas. Eu era o que as pessoas chamam até hoje de bicho do mato. Sempre introspectiva, caladona, na minha... Acho que eu melhorei um pouco, só um pouco.”

As duas riem, concordando com a cabeça, trazendo uma pausa à conversa, como um sinal para mudarem de assunto. Afinal, algumas memórias eram melhores que não fossem acessadas. Dandara, lembrando-se da criança negra que foi, que, por vezes, era a única criança negra ou mais pigmentada nas primeiras escolas em que estudou, questionava a cor de pele e a textura do cabelo. Algumas lacunas não foram resolvidas em sua vida, porque, à medida que crescia, desejava mais e mais clarear com o passar dos anos, mas os anos foram passando e a cor permaneceu: preta! Durante o seu período de escolarização, muitas vezes, suas professoras não sabiam como lidar com questões relacionadas às crianças não-brancas (OLIVEIRA, 2019).

As professoras especialistas em Educação Infantil Núbia de Oliveira Santos e Patrícia Sodré (2018), no texto publicado no livro *130 Anos de (des)ilusão: a farsa abolicionista em perspectiva desde olhares marginalizados*, trazem reflexões sobre racismo educacional, a partir de ponderações de outras pesquisadoras, com um recorte histórico sobre a criança negra e a Educação Infantil, nos chamando atenção sobre o estudo da Lei do Ventre Livre, uma das leis abolicionistas, promulgada em 1871, que “permite compreender a situação de exclusão educacional à qual os negros foram submetidos” (p. 372), tendo em vista que a mesma determinava que os filhos das pessoas escravizadas nascidos a partir da data de promulgação seriam livres, mas “quem se responsabilizaria pela educação das crianças nascidas livres?” (p. 371).

A educação que os negros recebiam não tinha preocupação com sua inserção na sociedade, pois a educação nos moldes escolares estava destinada às crianças das elites brancas. Estas, educadas nos chamados “Jardins de Infância” e escolas

maternais, que representavam a concretude das discussões pedagógicas que circulavam na Europa aliadas à visão de progresso da época. Um discurso que se diferenciava daquele que acompanhou o surgimento das creches populares, este marcado por um assistencialismo excludente. O que se proferia na época, em relação às crianças filhas de mães negras trabalhadoras, era a necessidade de uma educação moralizadora, no sentido de domesticar e integrar. O caráter dessas instituições era higienista e assistencialista (SANTOS; SODRÉ, 2018, p. 372-373).

Durante muito tempo, esses moldes foram (e em alguns lugares ainda são) produzidos e reproduzidos, mantendo a desigualdade racial e social, por haver distinção no trato entre a criança negra e a criança não-negra (CAVALLEIRO, 2007). A criança negra e/ou pobre recebia o cuidado (cuidar)³¹ e a criança da elite branca recebia a educação (educar)³², reforçando o racismo e a exclusão e, mais tarde, até a evasão escolar. Esta problemática afeta as crianças negras desde o nascimento, como veremos a seguir, e estabelece um processo de socialização diferente do da criança branca.

O desejo de embranquecer nunca foi só de Dandara, assim como o de ser aceita também não era. Desde crianças, mulheres e homens negros são ensinados a subalternizar tudo em nós, inclusive a nossa própria relação com a vida. Refletindo acerca da vida, a filósofa pós-estruturalista estadunidense Judith Butler (2015), estudiosa das experiências vividas, que defende a teoria de que o corpo sexual é uma ideia ou situação histórica (a qual não daremos conta de aprofundar neste trabalho) e que certos enquadramentos epistemológicos são um absurdo, nos chama a atenção para o fato de que eles têm a função de qualificar quais são as vidas que podem ser consideradas vidas e quais não são, ou seja, quais serão vividas e quais serão perdidas, no sentido pleno dessas palavras.

Nós não nascemos primeiro e em seguida nos tornamos precários; a precariedade é coincidente com o próprio nascimento (o nascimento é, por definição, precário), o que quer dizer que o fato de uma criança sobreviver ou não é importante, e que sua sobrevivência depende do que poderíamos chamar de uma “rede social de ajuda”. É exatamente porque um ser vivo pode morrer que é necessário cuidar dele para que possa viver. Apenas em condições nas quais a perda tem importância o valor da vida aparece efetivamente (BUTLER, 2015, p.32).

A condição precária da vida nos impõe uma obrigação, devido ao nosso corpo estar exposto a forças articuladas social e politicamente. A autora continua nos informando que:

Devemos nos perguntar em que condições torna-se possível apreender uma vida, ou um conjunto de vidas, como precária, e em que condições isso se torna menos possível ou mesmo impossível. É claro, não se deduz daí que se alguém apreende uma vida como precária decidirá protegê-la ou garantir as condições para sua sobrevivência e prosperidade (BUTLER, 2015, p. 15-16).

³¹ Para compreender melhor, ler Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI).

Essa precariedade que é coincidente com o próprio nascimento desde cedo já potencializa a violência, sobretudo para as mulheres negras. Em muitos casos, a violência é antes, durante e/ou depois do nascimento. Em um dos *encontros*, Luísa relata que, após o pai de seus filhos se tornar alcoólatra, se tornou bastante agressivo, como “o homem de Ponciá Vicêncio” (EVARISTO, 2017, p. 46). O fato de ele ter uma vida dupla o incomodava, como ela conta a Dandara: “Ele era um bom homem. Depois, foi ficando perturbado da cabeça. Quando eu engravidei a primeira vez, ele ficou todo bobo. A mulher dele não tinha filhos, e ele sonhava em tê-los. Até por isso minha tia não deixou eu interromper a gravidez. Ele me dava as coisas e insistia que eu tivesse mais filhos com ele. Eu fui tendo um atrás do outro...”

Luísa ri, balança a cabeça negando e diz: “Depois do quinto filho, o médico mandou eu ‘fechar a fábrica’”. Dandara questiona: “Ele falou dessa forma?”. Luísa responde: “Sim, um disse que eu devia ser uma trepadeira. Eles achavam que eram filhos de pais diferentes, porque o pai dos meninos [e meninas] nunca me acompanhava nas consultas.”

Dandara, tentando não fazer juízo de valores, mas certamente já fazendo por saber que todas as gestações dela foram de risco, pergunta por que ele não ia às consultas e a acompanhava nos partos. Luísa levanta os ombros e diz: “Sei lá, ele não gostava de hospital.”. Emendando, ela pergunta se eles foram felizes durante o tempo em que ficaram juntos. Luísa abaixa a cabeça e depois responde: “Sim, nós fomos felizes, do nosso jeito. Ele era casado, e eu sempre soube disso e aceitei as condições. Depois do primeiro filho, eu fiquei feia. Então, quem mais iria me querer? Pior que, mesmo eu estando toda feia e acabada, ele morria de medo de ser traído.”. Dandara completa dizendo: “Acho que no fundo todo mundo tem esse medo né?!”. Luísa responde prontamente: “Eu não tinha! Ninguém prende ninguém. As pessoas precisam parar de achar que filho ou casamento prende alguém. Só devem ficar juntas enquanto tiverem algo em comum e desejarem as mesmas coisas... Nascemos sozinhos e vamos morrer sozinhos.”. Naquele momento, Dandara aprendeu algo com Luísa que levaria para o resto da vida. Mesmo concordando com tais afirmações, ela sabia também que entre o nascer e o morrer existia uma vida e que todas as mulheres deveriam ter o direito de escolher se querem dividir a sua com alguém ou guardá-la só para si, mas sabendo que o sim e o não poderiam não ser para sempre.

Ainda conversando sobre seu relacionamento, Luísa fala: “Depois que a esposa largou dele, e ele já estava mais velho, que ficou agressivo, separei logo, mas ele não aguentou. Um tempo depois, morreu. Nos nossos filhos, ele bateu muitas vezes; até eu batia neles. Mas, em mim, ele só bateu uma única vez! Eu não denunciei, porque ele era o pai dos meus filhos, mas expulsei ele de casa. Os meninos ficaram meio assim, porque, na infância deles, ele era ausente [por causa da outra família], mas era um bom pai. Mas eu já estava cansada. Ele estava bebendo todos os dias... Quebrava as coisas dentro de casa, estava sempre com raiva, xingava todo mundo e até me humilhava.”

A professora e pesquisadora de estudos da saúde da mulher, indicadores sociais da violência contra as mulheres e a relação entre as opressões raciais, de gênero, sexo e de classe social – feminicídio, epistemologia feminista, mortalidade feminina –Jackeline Aparecida Romio (2018) nos alerta que “o feminicídio está crescendo entre as mulheres negras e indígenas, embora esteja diminuindo entre as mulheres brancas” (s/p) e defende a criação de políticas de segurança e saúde específicas para essas populações, tendo identificado “três tipos de feminicídio: sexual, doméstico e reprodutivo”. Ela nos chama atenção para essas vidas que já vêm lutando e tentando ser aceitas desde o ventre, quando a cor da pele, infelizmente, já determina o atendimento que receberão, como narrado em diversos momentos por Luísa.

Ainda no primeiro ano desta pesquisa, foi lançado pelo governo – que priorizava as mulheres – as *Diretrizes Nacionais do Feminicídio: investigar, processar e julgar com perspectiva de gênero as mortes violentas de mulheres* (2016), trazendo o avanço das pesquisas relacionadas a essa temática. Um vasto estudo sobre as possíveis causas do aumento da violência contra a mulher, com dados analisados a partir do conceito de gênero e os papéis de gênero, sendo possível compreender as relações entre homens e mulheres como resultado dessa construção social.

A subordinação das mulheres aos homens passa a ser descrita como elementos considerados universais, na medida em que podem ser identificados em todas as sociedades e em todos os períodos históricos, mas também com elementos variáveis, que se expressam de formas diferentes em função do tempo e espaço em que se manifestam (BRASIL, 2016, p. 32).

A violência contra a mulher é um fenômeno multifacetado, que decorre da combinação entre fatores pessoais e aqueles situacionais e socioculturais, havendo uma interação dinâmica entre eles, “o que contribui tanto para a multi-causalidade da violência quanto para a complexidade de seu enfrentamento” (p. 33).

No capítulo Elementos para compreender as razões de gênero, foram analisadas quatro esferas: (i) nível social: atitudes, crenças e representações culturais sobre sexo e que influenciam diretamente os estereótipos a respeito do que é ser homem e ser mulher; (ii) nível comunitário: está associado aos fatores estruturais que afetam os ambientes cotidianos onde as relações de poder se desenvolvem, como, por exemplo, a afirmação da identidade de grupo, em casos onde a prática de violência contra as mulheres é parte de um contexto de violência organizada (produzida por quadrilhas, grupos armados ilegais e, inclusive, a ingerência permanente por forças legais do Estado); (iii) nível relacional: se refere à organização familiar (ordenamento patriarcal que se expressa na organização hierárquica da família em torno do homem, como quem determina as decisões) e aos entornos imediatos de convivência; e (iv) nível individual: este é o nível que apresenta maior complexidade para sua compreensão e aplicação, uma vez que implica romper com estereótipos pessoais e se confrontar as

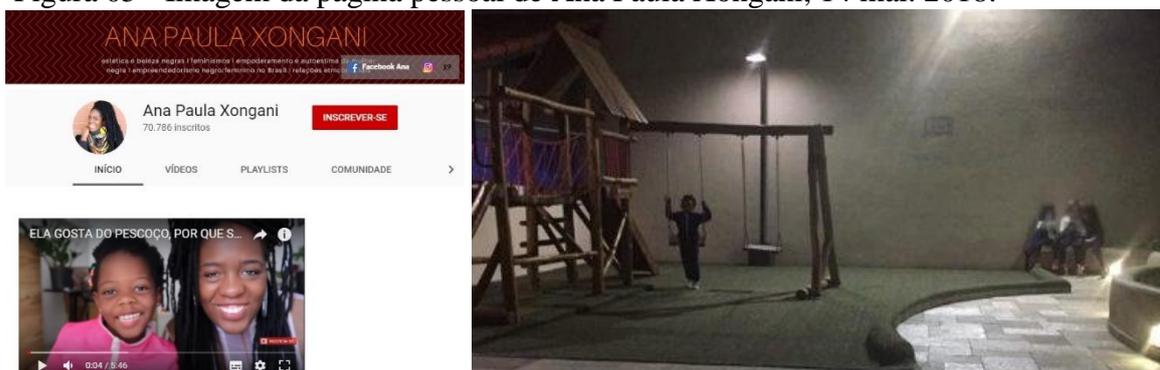
justificativas fundamentadas, entre outros fatores, em doenças mentais transitórias, níveis elevados de consumo de álcool ou outras substâncias viciantes que impedem gozar de plenas capacidades mentais etc., relacionando-se também aos antecedentes pessoais de tipo social, ligados à aprendizagem da violência como comportamento natural e ao caráter cultural observado e repetido da violência como forma de se impor sobre outra pessoa.

Através dessas características, é possível ter uma melhor compreensão da situação de vulnerabilidade e risco em que muitas vítimas se encontram e do quão complexo é identificar o motivo da agressão e prevenir que o pior aconteça.

2.2 Costurando com retalhos manchados

O racismo estrutural (ALMEIDA, 2020) não dá trégua e o estereótipo racista torna essa vida um corpo público ainda na infância. As vidas que conseguem sobreviver lutam para permanecerem vivas e terem dignidade, como nos mostra a *youtuber* e sócia da *Xongani Moda Afro*, Ana Paula Xongani, no vídeo que viralizou nas redes sociais “A solidão da mulher negra – Eu tenho pressa!” (2018), no qual ela faz um desabafo sobre os medos, os desafios e a potência de ser uma mulher preta e mãe de uma menina preta. No vídeo, ela denuncia através de sua narrativa, a realidade da filha, que muito se assemelha à realidade de muitas meninas negras, nos fazendo refletir sobre questões cotidianas que, por vezes, passam despercebidas se não tivermos um olhar atento e sensível. A filha de Xongani, com apenas quatro anos de idade, é rejeitada por outras crianças no parquinho do *playground* do prédio onde elas moram.

Figura 05 - Imagem da página pessoal de Ana Paula Xongani, 14 mai. 2018.³³



Em sua página pessoal do *Facebook*, ela narra de forma pública um pouco de sua angústia:

³³ Texto disponível em: <https://web.facebook.com/anapaulaxongani/posts/1729977327093636?refsrc=http%3A%2F%2Fd14147009921816355227.ampproject.net%2F1525461683159%2Fframe.html&_rdc=1&_rdr>. Acesso em: 10 mai. 2019; Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Q4oZE6pwG6M>>. Acesso em: 10 mai. 2019.

[...] É muito triste ver a sua filha sendo rejeitada! Mesmo antes de dizer “Olá!”, ela chega perto, e todas correm. Ela se aproxima, e todas as outras se agrupam. Ela chama, e ninguém responde. Isolam-a, excluem-a, a machucam. Ela não entende, mas sente. Não reclama, mas entristece. Meu coração parte! Dessa vez, eu tava aqui espiando, chorando e pensando em formas de acolher a minha filha. Dessa vez, eu chamei ela pro meu colo, abracei, disse que ela era linda e inteligente, falei que a amava. Mas e quando eu não estiver? A gente sempre fala da solidão da mulher negra, muitas vezes relacionada à afetividade adulta. Mas essa solidão começa muito cedo, começa na infância. O racismo é aprendido pelas estruturas e reproduzido pelos pequenos de forma assustadora. Tivemos avanços, mas as nossas meninas negras ainda são preteridas, rejeitadas, isoladas. À minha filha eu perguntei: – Suas amigas não querem brincar? E ela me respondeu: – É sempre assim, mãe, mas eu não me importo, gosto de brincar sozinha. Será que gosta? Ou aos quatro anos já se protege na solidão? [...].

Será que gosta mesmo? É a pergunta que sempre me faço chorando ao ler esse relato. Relato que Luísa ou a mãe de Dandara, talvez, nunca fossem capazes de fazer, por não estarem inseridas nessas discussões e terem tido criações também repletas de solidão e preterimento, bem como Dandara até a adolescência, sendo, muitas vezes, a única menina negra da turma, de escolas majoritariamente frequentadas por pessoas brancas. Obrigada pelas professoras a sempre fazer par com algum menino negro, seja da sua turma ou de outra, eles eram as sobras e, portanto, se tornavam chacota durante toda a semana na escola ou até mais que isso. “Abriram a senzala”, alguns diziam. Até que ela decidiu não participar mais das danças na escola, fazendo sua mãe acreditar que ela não gostava de dançar. Será que não gostava mesmo?

O corpo negro é, historicamente, aprisionado de várias formas. E quando ele toma consciência da sua condição, ele anseia por liberdade, ele grita: “Eu tenho pressa!”. Ele sabe que não tem mais tempo a perder. No relato de Xongani, é possível notar que, mais do que uma mãe atenta, ela também é uma mãe informada (estudada), e isso não se pode ignorar. Sua filha está crescendo, e ela tem pressa que as coisas melhorem. Por estar inserida nestas discussões, ela consegue fazer uso da palavra para problematizar o ocorrido, possibilitando, assim, que outras pessoas (talvez menos informadas que ela) também tornem o olhar mais sensível.

A mulher preta é rejeitada antes mesmo de chegar à fase adulta, como visto anteriormente, independente da classe social e/ou da faixa etária, podendo causar traumas que as isolem ainda mais. A *youtuber* criadora do canal *DePretas*, Gabriela Oliveira, nos provoca a pensar nessas questões por meio do vídeo “Solidão da mulher negra” (2016), trazendo algumas problematizações para pensarmos no quanto a solidão da mulher negra é acumulativa e, na fase adulta, geralmente perpassa também pelo preterimento na relação afetiva-sexual. Ela ainda nos chama atenção sobre o fato de essa solidão ser criada e sustentada única e exclusivamente pelo racismo e a falta de pertencimento histórico que os povos negros herdaram (GILROY, 2011).

Figura 06 - Imagem da página pessoal do Canal DePretas com Gabi Oliveira, 21 jan. 2016.³⁴



Ainda sobre o vídeo, vale ressaltar que o mesmo teve mais de 120 mil visualizações e mais de mil comentários até o presente momento, o que nos faz perceber, mais uma vez, a relevância e a procura da temática. Gabi se propõe a abordar semanalmente as temáticas de estética negra: corpos e opressões; colorismo e privilégios; relações raciais e ascensão social; dicas de maquiagem para pele negra e penteado para cabelo crespo; críticas sobre filmes com personagens negros etc. No vídeo sobre a solidão da mulher negra, ela faz ao telespectador alguns questionamentos:

[...] Quantas meninas negras que vocês conhecem que foram abandonadas pelos seus pais (independentemente de serem pais brancos ou pais negros)? É bom sempre você tentar fazer uma comparação de quantas negras e quantas pessoas brancas você conhece nessa situação. Outra coisa, quantas mulheres negras que você conhece que são mães solteiras, que não tiveram nenhum acompanhamento na hora do parto, que não tiveram nenhum parceiro na hora do parto, que não tiveram nenhum auxílio? Pensou? Nos seus círculos sociais, você já parou para perceber quantas mulheres negras solteiras você conhece (claro que não estou falando das que são solteiras porque querem)? Começa a perceber isso. Um outro ponto importante, que é pesquisa/fato comprovado, é que mulheres negras são muito mais suscetíveis a viver o celibato, sabe?! Ela não se relacionar mais com ninguém, a partir dos 40 anos... Esse é mais um agravante. Depois de você pensar nisso, eu queria falar que eu cheguei à conclusão que a solidão da mulher negra ela chega desde a infância e vai acumulando preterimento durante a vida [...].”

Apesar de nossa intenção nessa pesquisa não ser nos ater à solidão no sentido do preterimento afetivo-sexual, sendo este o recorte mais abordado e questionado atualmente, nos interessa problematizar os diversos estados de solidão, o ciclo vicioso das violências que nos atravessam e, muitas vezes, são tão sutis, se é que podemos chamar assim, mas que mal se percebem como tal. Gabi nos chama atenção para esses outros possíveis estados, já tendo Dandara e Luísa vivenciado alguns deles: preterimento, isolamento, exclusão, abandono, sensação de vazio, não-ser sendo e querendo ser (CARNEIRO, 1995).

³⁴ Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NgNt0GzWCVI>>. Acesso em: 10 mai. 2019.

Histórias atravessadas pelo epistemicídio, com questões similares, mas que não as tornam universal, apenas reforçam a urgência de serem narradas – de existirem para o outro (FANON, 2008) e para nós mesmos. Segundo a filósofa e ativista do movimento social negro brasileiro Sueli Carneiro (1995), fundadora e atual diretora do Geledés – Instituto da Mulher Negra:

[...] o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. [...] o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a sequestra, mutila a capacidade de aprender etc. É uma forma de sequestro da razão em duplo sentido: pela negação da racionalidade do Outro ou pela assimilação cultural que em outros casos lhe é imposta (CARNEIRO, 2005, p. 97).

Portanto, essas histórias narradas expõem a ferida colonial e trazem as histórias da cozinha, mas, dessa vez, escritas e narradas por nós, que preparamos o alimento (TRINDADE, 2010), na tentativa de desfazer “a produção da inferioridade ou da negação da possibilidade de realizar as capacidades intelectuais” (CARNEIRO, 2005, p. 97) provocada pelo epistemicídio que nega a plena humanidade do outro.

3 HISTÓRIAS COM PONTOS CORRIDOS E POUCA LINHA

Todos que me procuravam achavam que eu, por ser uma mulher negra, era boa de cama e liberal, me diziam que mulheres negras gostavam mais de sexo do que as mulheres brancas[...].

Jurema Garcia

Foi em um estabelecimento comercial que a história de Sarah Baartman e de Claireece Preciosa Jones cruzou-se pela primeira vez junto com a de Jurema Garcia, em um daqueles *encontros* inesperados. Jurema, ao término de suas aulas, enquanto passava apressada pelo comércio local – conhecido, até a década de 90, como a capital do jeans³⁵ –, deparou-se com um estabelecimento chamado *Pretinha da Boutique*, uma loja de frente para a rua principal, mas à margem do centro comercial local.

No primeiro momento, Jurema não entendeu do que se tratava, mas o nome chamou sua atenção, fazendo com que ela olhasse mais atentamente para a vitrine, quando, então, ela se viu, não somente através do vidro, mas também e sobretudo através do manequim feminino preto *plus size* exposto na vitrine. Naquele momento, ela se deu conta que se tratava de uma loja de *lingeries*, mas não só, como informava o painel ao lado.

Figura 07 - Arquivo pessoal do Facebook: Pretinha da Boutique (2018)³⁶.



³⁵ O bairro Vilar dos Teles, no município de São João de Meriti – RJ, era chamado de Capital do Jeans, famoso nos anos 80 por conta de diversas lojas que vendiam produtos feitos com esse material a preço de fábrica – um polo econômico de peso na Baixada Fluminense. É, sem dúvidas, o maior ponto comercial da cidade, junto com o Centro. O bairro é sede do segundo e mais populoso distrito do município e é onde estão localizados a Prefeitura, o Shopping Rio Ville, a UPA e as escolas de samba Independente da Praça da Bandeira e Alegria do Vilar. Disponível em:

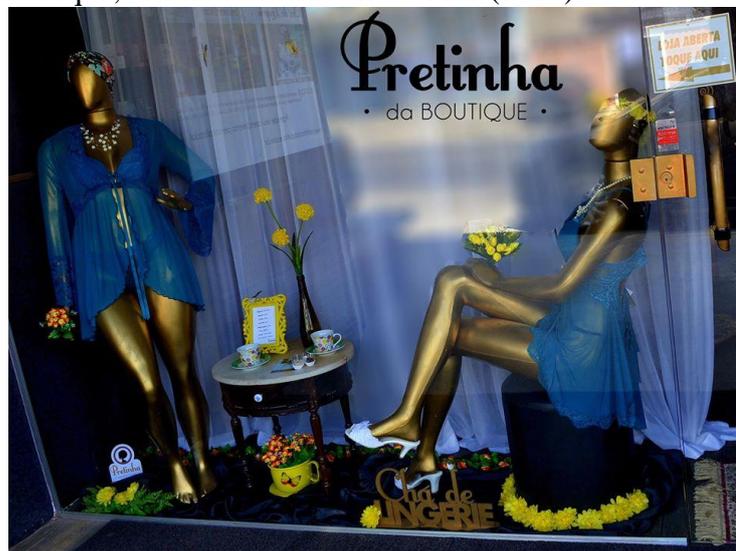
<<https://www.facebook.com/vilardostelesdasantigas/photos/a.610700635747460/1236314716519379/?type=3&theater>>. Acesso em: 02 mar. 2019.

³⁶ Disponível em: <<https://www.facebook.com/PretinhadaBoutique>>. Acesso em: 02 mai. 2019. Para saber mais, acesse ao *portfólio* da Pretinha da Boutique no drive:

<<https://drive.google.com/file/d/1hNyhze6u7pEPVn13tYT3cBbzUO5l23Cn/view?usp=sharing>>.

Considerando o contexto brasileiro, repleto de racismo, invisibilizações e desigualdades sociais, se ver representada em uma vitrine foi algo bastante inusitado para Jurema. Por sentir-se confrontada com essa situação, ela resolveu passar direto. Porém, aquela imagem não saiu de sua cabeça, e os questionamentos começaram a surgir: “Como uma loja tem coragem de expor na vitrine um corpo grotesco daquele, de frente para a via principal do comércio? Será que eles não têm medo desses manequins espantarem a clientela? Afinal, não tem nenhuma outra loja aqui com manequins pretos ou gordos. Uma loja de *lingeries* que é chamada de boutique sensual por também vender cosméticos sensuais, mas não é um *sex-shop*?”.

Figura 08 - Arquivo pessoal do Facebook: Pretinha da Boutique, vitrine de Primavera-Verão (2018).



No dia seguinte, ela resolveu conferir mais de perto e foi abordada por uma das consultoras de vendas do estabelecimento: Dandara Nascimento. Ao sinalizar que nunca havia encontrado peças tão bonitas que coubessem em seu corpo, foi convidada a entrar no interior da boutique:

“Este espaço é reservado para um melhor atendimento, pois, pela nossa experiência com mulheres dentro e fora deste local, percebemos que muitas mulheres não se sentem à vontade em entrar em um *sex-shop*, por consideram um lugar muito exposto e até vulgar... E, em alguns casos, os vendedores serem homens e estarem somente preocupados em vender algum produto. Por isso, optamos por montar uma boutique sensual para mulheres. Na maioria dos casos, o que vocês, clientes, procuram não é somente uma *lingerie* deslumbrante ou um cosmético sensual para apimentar a relação sexual, é um espaço confiável para sentar e conversar também. Então, tentamos proporcionar a todas que se permitem entrar aqui um espaço educativo, divertido, aconchegante e de identificação”.

Figura 09 - Arquivo pessoal do Facebook: Pretinha da Boutique, área externa e interna da butikue: loja e salão (2017).



E dessa forma, pela primeira vez, Jurema sentiu-se acolhida para falar abertamente sobre questões tão profundas que marcam toda sua trajetória. Uma visita de cerca de dez minutos virou *encontros* semanais durante aproximadamente seis meses. Em um desses *encontros*, ela narrou dificuldades de ser uma mulher negra e periférica usuária do/com manequim *plus size* (tamanho 54/56) e de ter passado a vida toda usando roupas de baixo em tamanhos menores, porque já havia desistido de procurar lojas preocupadas com pessoas como ela. Então, sempre mentia dizendo que vestia números menores. Este fator tem causado graves problemas a sua saúde, por apertar demasiadamente seu corpo. Dentre todas as situações narradas por ela, algumas serão compartilhadas neste trabalho, sendo coerente com a afirmação de que todas as histórias importam.

Jurema desabafa com Dandara: “Ainda na infância, quando eu tinha uns dez anos, eu já era confundida com uma mulher de vinte anos, e, por conta disso, fui afastada das demais crianças da minha idade, sendo proibida de brincar na rua onde eu morava e na escola que estudava, por ser considerada adulta demais e atrair os olhares dos homens para minhas nádegas protuberantes e meus seios fartos, como muitos diziam. Passei a maior parte da vida sozinha. Fui abandonada pelo meu pai e depois largada pela minha mãe”.

Jurema faz alguns relatos sobre o ambiente hostil que vivia por não ser aceita pela mãe, que dizia ver nela a imagem do homem que a abandonou, forçando-a a passar a maior parte do tempo sozinha em seu quarto. Ela não conheceu seu pai. Já na adolescência, as pessoas queriam se aproximar por se sentirem autorizadas a tocarem (apalparem) seu corpo e cabelo: “Fui chamada pelo nome poucas vezes, usavam diversos apelidos para se referirem a mim. Não consigo me lembrar de todos, mas a minha mãe, por exemplo, só me chamava de ‘praga’. Já na

escola era ‘jamanta’, ‘dinossauro’, ‘barranco’, ‘pudim queimado’, ‘orca’, ‘saco de batata’ etc., alguns estimulados pelos próprios professores”.

Neste período, ela já havia se acostumado com a exclusão. Após algumas tentativas frustradas de parar os estudos, ela decidiu estudar para ser professora, acreditando ser possível mudar a escola. Jurema conta para Dandara que só desta forma seria possível se deslocar de objeto para sujeito, o que a possibilitaria ser notada e respeitada, tendo direito de fala e escrita, mas, como nos lembra Kilomba (2019),

[...] é impossível para a subalterna falar ou recuperar sua voz e, mesmo que ela tivesse tentado com toda sua força e violência, sua voz ainda não seria escutada ou compreendida pelos que estão no poder (p. 47).

Portanto, sua profissão não a protegeu. No entanto, tal desejo prevaleceu. Jurema insistia na tentativa de ser conhecida e reconhecida pelo seu nome e sobrenome, como bem nos ensinou Lélia Gonzalez (1982), considerada à frente de seu tempo. A autora sabia que, no pós-abolição, as mulheres negras, mesmo tendo os direitos básicos à vida garantidos por lei, sofriam e ainda sofreriam com as grandes mazelas sociais, culturais e educacionais, uma delas seria não serem reconhecidas pelos próprios nome e sobrenome.

Na juventude, os homens procuravam Jurema somente para satisfação pessoal: “Todos que me procuravam achavam que eu, por ser uma mulher negra, era boa de cama e liberal, me diziam que mulheres negras gostavam mais de sexo do que as mulheres brancas, que nós tínhamos a cor e o cheiro do pecado, inclusive alguns colegas de trabalho e profissão”. Tal relato nos remete ao que Lélia (1984) narra sobre a situação da mulher negra no Brasil e as práticas sexuais abusivas tão comuns nos intramuros da casa grande.

Não faz muito tempo que a gente estava conversando com outras mulheres, num papo sobre a situação da mulher no Brasil. Foi aí que uma delas contou uma história muito reveladora, que complementa o que a gente já sabe sobre a vida sexual da rapaziada branca até não faz muito: iniciação e prática com as crioulas. É aí que entra a história que foi contada pra gente (brigada, Ione). Quando chegava na hora do casamento com a pura, frágil e inocente virgem branca, na hora da tal noite de núpcias, a rapaziada simplesmente brochava. Já imaginam o vexame? E onde é que estava o remédio providencial que permitia a consumação das bodas? Bastava o nubente cheirar uma roupa de crioula que tivesse sido usada, para “logo apresentar os documentos”. E a gente ficou pensando nessa prática, tão comum nos intramuros da casa grande, da utilização desse santo remédio chamado catinga (depois deslocado para ao cheiro de corpo ou simplesmente cc). E fica fácil entender quando xingam a gente de negra suja, né? (GONZALEZ, 1984, p. 234).

“Será que exalamos mesmo algum cheiro afrodisíaco?”, perguntou Dandara. Nesses *encontros* semanais, nem sempre harmônicos, Jurema relatou a Dandara que, durante muito tempo, se sujeitou a essas imposições por não conhecer suas origens, ou melhor, por só conhecer

“histórias únicas” (ADICHIE, 2009) sobre os negros, histórias de marginalização, erotização, fracasso e tantas outras que reforçam um estereótipo racista. E foi nesse momento que, ao ser apresentada às histórias de Sarah Baartman e Preciosa, ela constatou que suas vivências durante seus quase 40 anos são parte da construção do racismo histórico-estrutural, inclusive a pouca fabricação e divulgação de peças íntimas do seu tamanho.

Neste prisma, a mulher negra sempre teve o corpo público, exposto e vulnerável à hipersexualização, causando assim muitas vezes auto-ódio (como visto anteriormente), sendo impedida/desestimulada de estabelecer plenos laços afetivos com ela própria e com os outros. A esse respeito, bell hooks (2006) nos diz que

A prática de se reprimir os sentimentos como estratégia de sobrevivência continuou a ser um aspecto da vida dos negros, mesmo depois da escravidão. Como o racismo e a supremacia dos brancos não foram eliminados com a abolição da escravatura, os negros tiveram que manter certas barreiras emocionais. E, de uma maneira geral, muitos negros passaram a acreditar que a capacidade de se conter emoções era uma característica positiva. No decorrer dos anos, a habilidade de esconder e mascarar os sentimentos passou a ser considerada como sinal de uma personalidade forte. [...] Normalmente as crianças aprendiam a não chorar quando eram espancadas. [...] E se tantas crianças negras aprenderam desde cedo que expressar as emoções é sinal de fraqueza, como poderiam estar abertas para amar? Muitos negros têm passado essa ideia de geração a geração: se nos deixarmos levar e render pelas emoções, estaremos comprometendo nossas sobrevivências (p. 189-190, grifo nosso).

Sobre a importância de não contarmos uma história única, a autora nigeriana Chimamanda Adichie (2009) nos ensina, a partir de sua vivência, que

Todas essas histórias fazem de mim quem eu sou. Mas insistir somente nessas histórias negativas é superficializar minha experiência e negligenciar as muitas outras histórias que me formaram. A “única história cria estereótipos”. E o problema com estereótipos não é que eles sejam mentira, mas que eles sejam incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a única história. [...] É impossível falar sobre única história sem falar sobre poder. Há uma palavra, uma palavra da tribo *Igbo*, que eu lembro sempre que penso sobre as estruturas de poder do mundo, e a palavra é “nkali”. É um substantivo que livremente se traduz: “ser maior do que o outro”. Como nossos mundos econômico e político, histórias também são definidas pelo princípio do “nkali”. Como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder. Poder é a habilidade de não só contar a história de outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa. [...] Comece a história com o fracasso do estado africano e não com a criação colonial do estado africano e você tem uma história totalmente diferente. [...] Histórias importam! Muitas histórias importam. Histórias têm sido usadas para expropriar e tornar maligno. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida (Tradução e transcrição feita pelo site Geledés).

A citação acima se refere à construção da história única (ADICHIE, 2009) a partir das estruturas de poder. Trazendo para o nosso estudo, nota-se que, através da mitologia greco-romana, disseminou-se que as deusas – do amor, da beleza e da sexualidade – Afrodite e Vênus eram a personificação do ideal de beleza, construindo-se assim um padrão de beleza, ao qual

todas as mulheres deveriam se aproximar ao máximo, principalmente no que diz respeito ao corpo (aparência física): pele clara, seios e nádegas pequenos, estatura mediana e cabelo liso ou ondulado. Logo, o corpo de Jurema, Sarah Baartman e de tantas outras mulheres não se enquadra nessa suposta normalidade.

Em um dos eventos frequentados por ela, Dandara ouviu pela primeira vez a história de Sarah, contada por uma professora que parecia estar no final da gestação. Ela olhava para a professora e imaginava uma mulher duas, três vezes maior com seu corpo violado. Jurema, com os olhos e ouvidos atentos, pergunta “Mas qual foi o final de Sarah?”, como quem deseja saber, na verdade, qual será o seu próprio final.

Sarah era *khoin-san*, natural da África do Sul, nascida em 1789. Antes dos vinte anos já era alvo de muitos curiosos. Seu nome verdadeiro é desconhecido. Com apenas dez anos, seus patrões lhe deram o nome artístico de Sarah ou Saartjie Baartman. Ela era obrigada a cantar, dançar e interpretar durante as apresentações no circo local – com espetáculos de exibição de corpos humanos animalizados.

Figura 10 - Cenas do filme francês *Vénus Noire* (2010)³⁷.



3.1 Desfazendo o que já foi costurado

Os povos negros, desde que foram levados brutalmente de suas nações de origem para outros países como mercadorias, foram desumanizados pelos europeus e tratados com menor valor – corpos públicos, exóticos, animalizados e erotizados –, como visto no que pouco se sabe sobre Sarah:

[...] possuía, como muitas mulheres hotentotes, nádegas protuberantes (esteatopigia) que despertaram grande fascínio entre os viajantes e colonizadores europeus. Elas

³⁷ Filme dirigido pelo produtor Abdellatif Kechiche e interpretado pela atriz cubana Yahima Torres. Sinopse: Paris, 1817. Diante do corpo de Saartjie Baartman (Yahima Torres), o anatomista Georges Cuvier (François Marthouret) diz que jamais tinha visto uma cabeça humana tão parecida com a dos macacos. Uma plateia composta por cientistas aplaude a constatação. Sete anos antes, Saartjie deixa a África do Sul como escrava de Hendrick Caesar (Andre Jacobs), sendo obrigada a se exhibir em feiras de aberrações de Londres.

eram conhecidas também pela manipulação da sua genitália tornando seus grandes lábios hipertrofiados, o que lhe rendeu o apelido de *tablier*, avental em francês. Se durante o período que permaneceu na Inglaterra seu sucesso estava associado a sua exibição pública nos *freak shows* do Piccadilly Circus, na França o fascínio pelo seu corpo assume ares de interesse científico. Saint-Hilaire, Blainville e Cuvier, uns dos maiores cientistas franceses do século XIX, a exibiam seminua em reuniões científicas, para medir seu corpo e analisar sua anatomia. [...] **O corpo feminino negro foi pensado como anormal, desviante em relação ao corpo masculino europeu. Nele, se articulavam categorias de raça e sexo que universalizadas acabaram por criar o estereótipo de hipersexualidade da mulher negra que impera até hoje e que foi estendida aos homens negros em geral.** Noções de que o tamanho dos órgãos sexuais (veja-se bem: manipulados) e das nádegas hotentotes era, por fim, naturais a todas as mulheres negras, acabaram por criar o “mito científico” de que este tamanho era diretamente proporcional ao seu apetite sexual, o que fazia das negras mulheres devassas que não tinham domínio sobre o seu corpo, pura natureza. Através delas homens brancos se construía como civilizados, comedidos, inteligentes. Funda-se a representação de que a sexualidade feminina, não calcada no corpo branco, controlado, é em geral patológica. [...] Ela deixara de existir como “uma pessoa”. A substituição do todo pela parte é o efeito de uma prática de representação semelhante ao estereótipo: o fetichismo. Ele é marcado pela intervenção da fantasia na representação. Ele também retira o que é essencial à noção de pessoa: sua integridade e autenticidade. Fetichismo implica também deslocamento. O interesse pela genitália de Sarah foi deslocado para seu traseiro, ela foi reduzida a isso. **Não é preciso muito para ampliar essa interpretação aos dias de hoje e do tratamento dado ao corpo feminino, em especial, ao corpo feminino negro ainda hoje** (DAMACENO, 2007, s/p, grifo nosso).

A professora e antropóloga Janaina Damaceno (2007) nos chama atenção para a semelhança nos dias de hoje na forma como os corpos negros são tratados. A autora nos informa que, ironicamente, Sarah Baartman foi apelidada de Vênus Negra Hotentote: o nome da deusa que simboliza o ideal da beleza clássica europeia, Vênus; Negra, para se diferenciar das demais; e Hotentote, para se referir à sua origem étnica. Casos tão ofensivos quanto este ocorrem constantemente no contexto brasileiro. Ironicamente, muitas mulheres ainda hoje perdem e/ou trocam seus nomes originais e são apelidadas com nomes de alimento e nomes de animais, sendo consensual ou por imposição, como no caso de Sarah, que repercutiu em todo o mundo, tornando-se assim o mais conhecido e talvez o mais cruel. Historicamente, mulheres negras têm seus corpos expostos e experimentados livremente por todos de várias formas, sem precisar do consentimento de sua dona para tal, tornando-se assim corpos públicos (BUTLER, 2015).

Ainda conversando com Dandara, Jurema diz que, na infância, achava que era a única menina negra e gorda: “Eu não conhecia outras, achava que era algum tipo de maldição, sei lá. Não tem a história da maldição de Caim? [refere-se à distorção de uma história bíblica³⁸] Na

³⁸ A partir de uma interpretação deturpada e racista do livro de Gênesis, sobre a história de Noé, supostamente foram jogadas maldições sobre africanos e negros. Acredita-se que, enquanto Noé estava embriagado, amaldiçoou seu filho Caim, e seu neto Canaã foi afetado, sendo toda a descendência dele amaldiçoada com a cor negra. Sendo estes destinados à servidão, o que legitimava a escravidão.

minha escola pelo menos, não tinha ninguém como eu. Depois de grande eu conheci outras gordinhas...”. Parando para pensar, conclui: “Na faculdade, eu tive uma professora que problematizava várias questões estéticas. Ela foi a única professora negra que eu tive. Em uma aula sobre gravidez na adolescência, ela passou o filme da Preciosa. Enquanto alguns colegas riam das cenas de violência, eu chorava quietinha o tempo todo”.

Nesse momento, Dandara, percebendo o engasgo de Jurema, mais uma vez “senta *na wrapper*” (ADICHIE, 2009) e diz: “Tem filme que mexe com a gente né?! Na minha faculdade, eu também assisti alguns filmes [recordando as aulas de Cine Clube]. Acho que eu aprendo mais com vídeo do que com livro.”. Ela conclui rindo, e Jurema completa informando que nunca adquiriu o hábito da leitura. Dandara diz que adquiriu após ingressar na Faculdade de Educação, mas ainda tem muitas dificuldades de acompanhar os colegas, tendo que ler e reler muitas vezes para entender um texto, acreditando ser algum problema de cabeça. “Já foi no neuro?”, pergunta Jurema, preocupada. “Não, mas preciso ir. Eu tenho muita dificuldade de juntar as ideias e explicar as coisas para os outros. Acho que é sequela das vezes que eu caí e bati com a cabeça [foram três vezes].”. Jurema ri e diz: “Você precisa investigar, dizem que as pessoas negras têm tendência a ficarem loucas”. Elas voltam a falar sobre filmes, retomando a história fictícia de Claireece Preciosa Jones, uma adolescente negra estadunidense e sonhadora.

A história dela é marcada por abusos por parte dos pais e de tantas outras pessoas do seu convívio. Estuprada pelo pai desde os três anos de idade, aos 16 anos engravida pela segunda vez e, por este motivo, é vista pela mãe como uma rival. O filme *Preciosa – Uma história de esperança* (2010) narra mais um drama vivenciado por uma mulher negra que não se enquadra nesse padrão de beleza e, por isso, deseja ser “bem magra, de pele clara e cabelo bonito”, como a protagonista informa em um dos diálogos do longa-metragem.

Apesar de a história se passar no Harlem, bairro da cidade mais populosa e influente dos Estados Unidos, Nova Iorque, ela traz muitas semelhanças com histórias de bairros brasileiros, inclusive do município de São João de Meriti, considerado como o formigueiro das Américas³⁹, sendo o local com a maior quantidade de pessoas por metro quadrado, majoritariamente negro.

³⁹ Disponível: <<https://www.cidades.com.br/cidades-do-brasil/estado-rio-de-janeiro/830-sao-joao-de-meriti.html>>. Acesso em: 05 out. 2019.

Figura 11 - Cenas do filme estadunidense *Precious: Base on Nolby Saf* (2010)⁴⁰.



Assim como muitas meninas negras, pobres e periféricas, em alguns momentos, *Preciosa* se imagina tendo outra vida, ora como uma artista famosa em um ensaio fotográfico, sendo a personificação do ideal de beleza – uma jovem loira e magra –, ora ela mesma com o próprio corpo, porém sendo amada, estando maquiada e bem vestida, com aspecto de feliz e realizada. Logo, fica claro para o telespectador o conflito interno vivenciado por ela, entre o que ela pode se tornar e o que ela acha necessário/importante ser com o intuito de ser aceita e também amada. Sobre isso, bell hooks (2006) nos ensina que “muitas mulheres negras sentem que em suas vidas existe pouco ou nenhum amor [...] Essa realidade é tão dolorosa que as mulheres negras raramente falam abertamente sobre isso” (p. 188), mas está ligada intimamente à nossa construção histórico-social racista:

O sistema escravocrata e as divisões raciais criaram condições muito difíceis para que os negros nutrissem seu crescimento espiritual. Falo de condições difíceis, não impossíveis. Mas precisamos reconhecer que a opressão e a exploração distorcem e impedem nossa capacidade de amar. **Numa sociedade onde prevalece a supremacia dos brancos, a vida dos negros é permeada por questões políticas que explicam a interiorização do racismo e de um sentimento de inferioridade.** Esses sistemas de dominação são mais eficazes quando alteram nossa habilidade de querer e amar. [...] A vontade de amar tem representado um ato de resistência [...] mas, ao fazer tal escolha, muitos de nós descobrimos nossa incapacidade de dar e receber amor. [...] Imagino que, após o término da escravidão, muitos negros estivessem ansiosos para experimentarem relações de intimidade, compromisso e paixão, fora dos limites antes estabelecidos. Mas é também possível que muitos estivessem despreparados para praticar a arte de amar. **Essa talvez seja a razão pela qual muitos negros estabelecem relações familiares espelhadas na brutalidade que conheceram na época da escravidão** (hooks, 2006, p. 188-189, grifo nosso).

⁴⁰ Filme dirigido pelo produtor Lee Daniels – uma adaptação do romance *Push* (1996) – e interpretado pela atriz estadunidense Gabourey Ridley Sidibe. Sinopse: Nova York, 1987 - Bairro do Harlem. Claireece Preciosa Jones (Gabourey Sidibe) é uma adolescente de 16 anos que sofre uma série de privações durante sua juventude. Violentada pelo pai (Rodney Jackson) e abusada pela mãe (Mo'Nique), ela cresce irritada e sem qualquer tipo de amor. O fato de ser pobre e gorda também não a ajuda nem um pouco. Além disto, Preciosa tem um filho apelidado pejorativamente de Mongo, que tem síndrome de Down está sob os cuidados da avó. Quando engravidada pela segunda vez, Preciosa é suspensa da escola. A sra. Lichtenstein (Nealla Gordon) consegue para ela uma escola alternativa, que possa ajudá-la a melhor lidar com sua vida. Lá Preciosa encontra um meio de fugir de sua existência traumática, se refugiando em sua imaginação.

Dandara olha para Jurema, ambas respiram fundo e, como quem se abraça em pensamento, elas sorriem. “E tem como se amar ou se achar bonita?”, Jurema pergunta e, em seguida, grita: “Esses brancos de merda!”. Parafrazeando Paulo Freire (2013), ela segue refletindo: “Que sorte a nossa que o mundo não é, ele está sendo né?! Então ele ainda pode ser diferente...”. Dandara concorda balançando a cabeça. Elas seguem conversando sobre suas experiências e o quanto o silêncio não as impediu de sofrerem racismo e discriminações (LORDE, 2020) e o quanto, nitidamente, elas (ainda) não são curadas desses traumas, mas, ainda sim, escolheram amar a si mesmas e aos outros. Sendo essa, também, uma forma de resistência e enfrentamento.

Jurema, que, antes, desejava fazer uma cirurgia bariátrica, no intuito de se adequar ao padrão de beleza, desistiu. Resolveu fazer as pazes com o espelho e conseqüentemente com seu corpo, cuidando-se de dentro para fora. Ela passou a se preocupar mais com a saúde (física e mental) e menos com o padrão estético imposto histórico-socialmente. Comprou uns brinquedos eróticos e decidiu se experimentar, incentivada por Dandara, que, naquele momento, já sabia que se conhecer e se aceitar era a premissa para tudo na vida, inclusive conviver/conhecer o outro. Algumas coisas podem ser consideradas luxo, mas o prazer do autocuidado não!“Vamos marcar seu *aniversexy*?!””, sugere Dandara, se lembrando por que estava ali.

4 COSTURANDO À MÃO CADA DETALHE

Na minha época, quando o casamento dava problema, a gente não jogava fora não. A gente consertava. Hoje em dia para vocês tudo é descartável, até os relacionamentos...

Dona Elza

Por tamanha representatividade e valorização, a *Pretinha da Boutique*, cujo nome fora criado a partir de um avatar que é a sombra de uma mulher, fazia muito sucesso entre as mulheres, sobretudo as que estavam noivas. Apesar de ofertar os serviços *chá de lingerie*, *aniversexy* e *papo calcinha*, além da revenda de produtos, o primeiro sempre foi o mais procurado. Foram 133 chás de *lingeries* realizados até a finalização deste trabalho e muitas noivas apenas atendidas como consumidoras finais, ou seja, o que não faltam são histórias de noivas e casamentos. Por este motivo, é imprescindível que nos debruçemos sobre essa temática mais à frente.

Figura 12 - Arquivo pessoal do Facebook: Pretinha da Boutique, vitrine de inauguração da boutique (2017).



O casamento é uma construção histórico-social baseada em preceitos judaico-cristãos, a partir de leituras bíblicas. Acredita-se que Deus criou a mulher para que fosse auxiliadora do homem e ele não ficasse só (no Jardim do Éden):

E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente. E plantou o Senhor Deus um jardim no Éden, do lado oriental; e pôs ali o homem que tinha formado. [...] No dia em que Deus criou o homem, à semelhança de Deus o fez. Homem e mulher os criou; e os abençoou e chamou o seu nome Adão, no dia em que foram criados. E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora idônea para ele. [...] Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu; e tomou uma das suas costelas, e cerrou a carne em seu lugar; e da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher, e trouxe-a a Adão. E disse Adão: Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne; esta será chamada mulher, porquanto do homem foi tomada. Portanto deixará o homem o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne [...] E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra. [...] E chamou Adão o nome de sua mulher Eva; porquanto era a mãe de todos os viventes (BÍBLIA, Gênesis 1-2, ARA).

No primeiro livro da Bíblia, Gênesis, na interpretação que faço, é possível notar que a união entre homem e mulher é uma ordenança divina, feita pelo próprio Deus. Ele⁴¹ os criou com o propósito de que, ao iniciaram a vida na terra, tivessem muitos e muitos filhos, se espalhassem por toda terra e a dominassem, tendo poder sobre os peixes do mar, sobre as aves que voam no ar e sobre os animais que se arrastam pelo chão (BÍBLIA, Gênesis 1: 28, NTLH) do Jardim do Éden, em África. Isso mesmo, você não leu errado. Faço coro com alguns estudiosos brasileiros, como os teólogos Ronilson Pacheco, Henrique Vieira, Marco Davi e Cleuma Caldeia e a ativista fundadora do Odarah Cultura e Missão, Fabíola Nascimento, que acreditam que tudo começou no continente africano, tendo como hipótese que o Rio Nilo seja um dos quatro braços do rio que se repartia no Éden (BÍBLIA, Gênesis 2: 8-14, ARA), e que Jesus Cristo era negro, tendo em vista que nasceu em Belém de Judá, que, naquela época, era considerado parte de África. Ele tem parte da sua negritude revelada mais detalhadamente no último livro da Bíblia, Apocalipse, onde é possível compreender que Ele era semelhante à pedra de jaspe e de sardônico (BÍBLIA, Apocalipse 4:3, ARA), com seu cabelo lanoso, sendo comparado à lã de cordeiro, e os pés com a cor de bronze queimado (BÍBLIA, Apocalipse 1:15, ARA). Reafirmar esta possibilidade é uma tentativa de construir uma educação antirracista a partir de outras narrativas (hooks, 2013).

Afinal, por que negamos qualquer possibilidade de que os ensinamentos bíblicos sejam também ensinamentos africanos? Para além disso, ainda somos tão colonizados, que é difícil

⁴¹ Uso o gênero masculino, porque, em toda a Bíblia Sagrada, Deus é tratado como Pai ou chamado de Ele, mas não sou contrária aos movimentos que o chamam de Deusa, Ela, Mãe – mulher preta, pois acredito que “Ele” se manifeste de várias formas. Não quero aqui provocar um debate sobre crenças religiosas, respeito o livre arbítrio que todas e todos temos. Apenas gostaria de informar que defendo a perspectiva de que “Ele” é tudo isso e muito mais/maior que isso, portanto não cabe a nós enquadrá-lo num gênero. E, o principal e mais importante: “Ele” é amor! “[...] Nós amamos porque Ele nos amou primeiro” (BÍBLIA, 1 João 4:19, ARA).

para nós acreditarmos que existam outras possibilidades de religiões de matrizes africanas⁴² fora as que já conhecemos e chamamos assim, não querendo eu de forma alguma, menosprezar ou diminuir a contribuição destas, apenas reivindicar, talvez, o direito de enxergar por outras perspectivas e seguir outros caminhos, acreditando, por exemplo, que Jesus foi um homem negro e que algumas histórias bíblicas se passaram na África.

Para Dandara, o trabalho que ela realizava na loja ia muito além de colaborar com/para as descobertas de suas clientes. Era uma forma de também se descobrir, no sentido mais amplo da palavra, à medida que criava possibilidades para que elas construíssem suas próprias identidades ou as reconhecessem (FREIRE, 2013) e, assim, elevassem sua autoestima. Repensava seus silêncios e suas escolhas. Alguém que sempre teve vergonha de falar em público, de expor sua vida sentimental e/ou sexual, que hesitou em dialogar sobre suas reflexões e experiências espirituais e religiosas, por acreditar que o seu sagrado é seu e, portanto, só serve para si, por exemplo, se via no lugar daquela que precisava minimamente se expor para/com o outro, como forma de se aproximar, estabelecer um vínculo e, se tudo desse certo, fechar uma ou mais vendas, fidelizando a cliente.

Uma nova cliente, que se autodeclarava atea, enquanto escolhe um produto para comprar, questiona a atitude da cliente anterior, que acabara de ir embora: “Eu não consigo entender essas mulheres evangélicas que compram produto [eróticos e sensuais] para apimentar a relação. Todo mundo sabe que, na religião delas, o sexo é considerado pecado. Quer dizer, se permite sexo somente depois do casamento, e tem que ser papai e mamãe.”

Naquele momento, Dandara, que cresceu em uma família heteronormativa e evangélica, mas que, até aquele momento, permanecia sem religião, pergunta à cliente se ela era pesquisadora desta temática ou algo assim. A mesma responde que não: “Apesar de ser atea, eu leio muito sobre todas as religiões. Eu sei que os evangélicos são os mais conservadores, caretas!”. “Você sabia que uma das donas desta butique é evangélica?”, pergunta Dandara, sorridente, se referindo à sua irmã e deixando a cliente boquiaberta. A cliente, surpresa, responde: “Sério? Nunca iria imaginar... E pode vender lubrificantes, vibradores, calcinhas fio dental e tudo mais? Muito estranho.”. Dandara ri e responde: “E não são elas mulheres? Elas são pessoas com desejos sexuais assim como eu e você. Mulheres que desejam inovar, que estão cansadas da rotina do trabalho, que estão conhecendo o próprio corpo, que cuidam da saúde e

⁴² Importante aqui fazer a ressalva acerca do termo religião de matriz africana. A tradição religiosa judaico-cristã não é entendida como religião de matriz africana. No entanto, vimos a necessidade de discutir esse fato neste trabalho, abrindo a possibilidade de entendimentos outros acerca da questão, sem pretender, com isso, esgotar a discussão.

do bem-estar etc. Mulheres comuns. Algumas ainda tratam a sexualidade como tabu, mas outras já estão bem resolvidas, avançadas! O que há de errado nisso? Entre quatro paredes, sendo consensual, vale tudo!”. A cliente ri, ainda meio sem acreditar, paga pelos produtos escolhidos e vai embora.

Em outra ocasião, em um contexto bem diferente do narrado anterior, a cliente toca a campainha da loja (que estava sempre com a porta fechada, porque era perigoso deixá-la aberta) e aguarda ser atendida em frente à loja vizinha. Dandara, olhando por detrás da cortina da vitrine, acha estranho; no fundo tinha um enorme medo de ser assaltada ali. Abre a porta, e, então, entra correndo a mulher de óculos escuros e uma grande bolsa pressionada ao peito. Dandara pergunta: “Está tudo bem?”. A mulher responde “Está sim” e tira os óculos. Dandara pergunta como pode ajudá-la. A nova cliente informa: “Eu quero comprar alguns produtos. Desculpa se te assustei. Corri para ninguém me ver entrando aqui. Sabe como é né?!”. E Dandara pensa “não sei não”, mas não fala e aguarda a cliente acabar de se explicar: “Eu moro aqui perto. Já passei aqui em frente várias vezes. Todo domingo, quando eu estou indo para o culto [noturno], eu vejo um monte de mulher aqui dentro. Meu esposo que me incentivou a vir. Mas eu morro de vergonha... Uma amiga da igreja disse que veio aqui e comprou muitas coisas. Aí eu tomei coragem e vim aqui.”.

Dandara diz que, infelizmente, essa não é a primeira vez que alguém vai escondida até a loja. A loja, por não ser no centro comercial, tem a sua visibilidade diminuída, mas, em contrapartida, oportuniza que mais pessoas tomem coragem para entrar. “Algumas ainda se queixam pôr a loja ser de frente para a rua, estando acostumadas com os *sex-shops* que, normalmente, são mais escondidos”, conclui Dandara.

A cliente observa que existe um espaço mais reservado no fundo da loja, por detrás da cortina vinho. Neste momento, a irmã de Dandara chega para rendê-la na loja. Elas trabalhavam sozinhas em turnos diferentes. No mesmo horário, chegou um casal que havia marcado consultoria com ela. A cliente que já estava na loja fica contente em saber que a loja também trabalhava com consultorias individuais (para mulheres) e para casais e diz que depois voltará com o marido, já que era ele o maior incentivador que ela visitasse a loja.

Dandara resolve não ir embora. Então, fica e participa da consultoria, já que estava com a tarde livre, e se espanta com a forma como o marido desta outra cliente – que estava pela primeira vez na loja física, mas que já fazia parte do grupo no *WhatsApp* – a tratava. A cliente tentava falar, e ele sempre a interrompia dizendo que eles precisavam de um produto que a deixasse mais fogosa: “Eu trabalho de noite [em um bar], então chego todo dia de madrugada. Meu único dia de folga é segunda-feira. Eu que trabalho pra caramba, e ela que está sempre

cansada. Vocês têm algum produto para dar uma animadinha nela?”. Enquanto ele reclamava da mulher, ela olhava as prateleiras, pegando um produto por vez e perguntando para o que servia, querendo saber mais sobre a ducha higiênica e se a loja trabalhava com anestésico para sexo anal.

Foi informado a ela que não existe anestésico para sexo anal certificado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária – Anvisa, porque o ânus, além de ser um local com muitas bactérias, é também bastante sensível. Se ficar anestesiado durante a relação, pode ter alguma prega rompida ou alguma fissura. Quando a pessoa se der conta (acabar o efeito da anestesia), pode ser tarde demais. “O que algumas lojas vendem são produtos similares não certificados ou até anestésicos odontológicos. Para quem pratica o sexo anal, principalmente com frequência, indicamos lubrificantes específicos, que, além de lubrificarem, também auxiliam no relaxamento da região”.

Enquanto isso, o companheiro da cliente olhava os chicotes e algemas... Ele pega as pelúcias eróticas expostas na loja e diz que vai comprar uma: “Vou comprar um desses para você [referindo-se a sua esposa], para você usar quando eu estiver perto de chegar do trabalho. A gente tenta de tudo né?! Eu trabalho em um bar, ela sabe, a mulherada joga na cara. E tudo mulher que transa direto. Todo dia! Os caras lá do bar até me zoam. Virei chacota. Perguntaram se eu tô capado. Eu não quero trair ela... Mas não é normal uma mulher não sentir vontade de transar. Tá sempre cansada... Virou frígida?”.

Não sei você, mas eu, enquanto mulher, me senti desrespeitada. Dandara teve uma enorme vontade de vomitar ao ouvir esses relatos. Sua irmã também se sentiu assim. Elas questionaram o homem sobre a(s) qual(is) mulher(es) ele se referia ao dizer que ela(s) transa(m) direto/todo dia. Pela experiência que elas tinham com tantas clientes, eram raras as mulheres que diziam ter vontade de ter relação sexual **todos os dias**. Não é que não exista. Existe, mas não era o maior público delas. Dandara, então, fala: “Você está falando das mulheres que trabalham com isso? Porque, sinceramente, normalmente, a gente chega em casa cansada. Os produtos ajudam a dar uma estimulada, mas, se o parceiro não ajudar, não tem brinquedo que dê jeito. O homem é visual, a mulher não!”.

Essa consultoria foi, sem dúvidas, a mais constrangedora. Nitidamente, a esposa estava desconfortável com a situação provocada pelo homem, e as vendedoras estavam perplexas. A mulher e seu marido – o opressor – compraram alguns produtos e foram embora, não tendo voltado mais à loja, mas a cliente manteve contato pelo *WhatsApp*, pedindo dicas de cursos de *streptase*, pompoarismo e *poli dance*, nos fazendo crer que o problema fora superado.

Figura 13 - Arquivo pessoal do Facebook: Pretinha da Boutique, área interna da boutique – loja (2017).



Em outro dia, a outra cliente voltou, agora com o marido – o incentivador. Diferente do outro, esse falava pouco, mas era engraçado. Brincou dizendo que precisava de um produto para “despertar aquele que dorme entre os mortos” (BÍBLIA, Efésios 5:14, ARA), fazendo uma comparação entre o seu desempenho sexual e o versículo bíblico. Dandara ri e mostra a eles um produto chamado Machão. Ela explica que é um gel que auxilia na excitação masculina, prolonga a ereção e retarda a ejaculação, dá exemplos das funções do produto e explica os modos de usar. O casal se interessa. Dandara finaliza a possível venda deste produto informando que, se os problemas persistirem ou não forem solucionados, o mais indicado é procurar ajuda médica.

A cliente informa que o marido sempre a presenteou com *lingeries* (compradas em loja de departamento) e, quando viu a *Pretinha da Boutique*, com lindas peças na vitrine, tão pertinho de casa, incentivou que sua esposa fosse fazer uma visita à loja, demonstrando bastante interesse, inicialmente, no bem-estar dela. De forma poética, ao ser elogiado por Dandara por ter falado que gostava de presentear mensalmente a esposa com *lingerie*, desta vez citando a bíblia, ele diz: “É bíblico que o corpo da mulher é do marido, e do marido é da sua mulher, então eu cuido dela (BÍBLIA, Efésios 5:21-33, ARA). Eu cuido do que é meu!”. No final da frase, Dandara já havia murchado por ter enxergado todo o machismo escondido nesse cuidado.

Era ele quem escolhia o que desejava que ela usasse. Por mais bonito que fosse tal gesto, era ele quem escolhia cada roupa íntima dela, mensalmente. Certamente notando a cara de decepção de Dandara, a cliente informa que era um combinado deles. Por conseguinte, era ela

quem comprava as sungas e cuecas dele. A cliente falou a palavra mágica: combinado. E quem era Dandara para julgar se eles haviam mesmo feito um combinado (machista ou não) de comum acordo ou se era meramente a feminista que habita nela entrando em conflito com o moralismo presente na sua educação?

O casal comprou alguns produtos, voltou outras vezes e indicou novas clientes. A mulher participou de um dos eventos realizado pela boutique, Chá com Pimenta, no qual foram ensinadas técnicas de massagens corporais sensuais (com óleo e vela *beijável*). Neste dia, também foram ofertados às *curtidas* demonstrações de cosméticos de saúde e bem-estar e os serviços de empresas parceiras, como depilação íntima e tatuagem sensual. Foi um dia de evento com quatro turmas, totalizando quarenta participantes. As vagas se esgotaram no primeiro dia de divulgação do evento nas redes sociais.

Figura 14 - Arquivo pessoal do Facebook: Pretinha da Boutique, área interna da boutique – salão, Chá com Pimenta, curso de massagem (2018).



Além de cursos, a irmã de Dandara também dava muitas palestras. Em outubro, por exemplo, elas sempre realizavam muitos eventos de Outubro Rosa. Em um desses eventos, uma das clientes, que também era paciente em tratamento de câncer, deu seu testemunho, sensibilizando todas as presentes naquele *Papo Calcinha*. Este evento foi uma edição especial, a convite da jornalista Cíntia Cruz, do Jornal Extra, para a matéria “Loja de produtos sensuais na Baixada promove eventos e *workshop* sobre saúde da mulher”⁴³.

⁴³ Evento realizado no dia 14 out. 2017. Matéria do “Jornal Extra”, disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/loja-de-produtos-sensuais-na-baixada-promove-eventos-workshop-sobre-saude-da-mulher-21946585>>.

Figura 15 - Arquivo pessoal do Facebook: Pretinha da Boutique, área interna da boutique – salão, Papo Calcinha – Outubro Rosa (2017). Joyce Soares, Maísa Costa, Monique Moura, Nathany Rufino, Vanessa Bonze, Isabella Inocencio, Gabrielle Cristina, Yasmim Maria, Juliana Figueredo, Manuelle Marinho, Geisimar Almeida, Rogéria Borges e Luciene Borges. Fotografia: Kelly dos Anjos.



A cada ano, aumentavam os convites para que Dandara e sua irmã participassem de eventos e palestras em diversas instituições, conscientizando outras mulheres sobre a necessidade de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e também dando informações sobre o câncer de mama e o de útero, tema sobre o qual a irmã de Dandara tinha maior domínio, por trabalhar como enfermeira em um hospital referência no trato para a prevenção e o controle do câncer. Como forma de atender essas novas demandas, elas criaram o projeto Toque de Mulher, que tinha como *slogan* “Um toque pode mudar tudo. Se toca, mulher!”. Assim, de forma educativa e divertida, elas chamavam a atenção de muitas mulheres para o cuidado com a saúde (física e mental).

Esse projeto rendeu a Dandara e sua irmã algumas parcerias com outros projetos, Time da Esperança e Peito Aberto, sendo os dois também da Baixada Fluminense. Com o primeiro, por ser em São João de Meriti também, elas mantinham mais contato, tornando a loja um ponto de coleta de doações para mulheres em tratamento de câncer. O Time da Esperança recebe doações o ano inteiro de cabelo humano, para fabricação de perucas, que são emprestadas para mulheres em tratamento de quimioterapia; de lã, para confecção de perucas para crianças em tratamento de quimioterapia; de sangue, para ajudar adultos e crianças que precisam de transfusões de sangue, cadastrando, doadores também de medula óssea; lenços para evitar que as mulheres em tratamento exponham o couro cabelo ao sol; e tecido e linha, para produção artesanal de almofadas solidárias que auxiliam no pós-operatório de mulheres que passaram por mastectomia.

Figura 16 - Arquivo pessoal do Facebook: Pretinha da Boutique, área interna da boutique – salão, Papo Calcinha – Outubro Rosa (2017). Joyce Soares, Maísa Costa, Monique Moura, Nathany Rufino, Vanessa Bonze, Isabella Inocencio, Gabrielle Cristina, Yasmim Maria, Juliana Figueredo, Manuelle Marinho, Geisimar Almeida, Rogéria Borges e Luciene Borges. Fotografia: Kelly dos Anjos.



Esses eventos, elas faziam de forma voluntária, sem receber nenhuma ajuda financeira em troca, afinal, não era possível mensurar o valor desses *encontros*. Certo dia, uma das clientes em tratamento de câncer, que havia retirado um dos seios, sugeriu que as vendedoras entrassem em contato com os fabricantes de *lingeries* e pedissem que eles também fabricassem peças com bojo removível, para que elas não precisassem mais usar bola de meias ou prótese de alpiste no sutiã.

Dandara, lembrando sua adolescência, quando colocava bola de meias dentro do sutiã para parecer ter os seios que não tinha, fica muda. Não há palavras que ela pudesse dizer nesse momento. Ela não sabia como era ser uma mulher adulta sem seio, de verdade. Então, a cliente segue informando: “É chato quando você vai transar com alguém, tira o sutiã e ele percebe que não tem nada ali, era só enchimento. Pior do que isso é todo dia você se olhar no espelho e não se sentir mais mulher”.

Prontamente, Dandara busca mais informações sobre como seria exatamente um sutiã que atendesse as demandas dela(s), bem como fez com algumas clientes que, por terem seios muito grandes, têm dificuldade de encontrar sutiã que os sustente e não as machuque. Ela e sua irmã entraram em contato com todos os fabricantes que elas conheciam. Apenas uma demonstrou algum interesse, mas informou a elas que o custo de produção não compensava, porque ela considera o público ainda muito pequeno.

Frustradas, elas começaram a pensar em fabricar essas peças, mas não tinham condição alguma. Motivadas a atender esse público, investiram no que era possível, *Liftinbust*, um cosmético indicado para mulheres que realizaram mastectomia, amamentaram por um longo período, com prótese de silicone ou que gostariam de uma sensibilidade a mais nos seios, com a função de auxiliar na reativação da sensibilidade e firmeza da região.

Cada sugestão dada pelas clientes era ouvida com muita atenção. Algumas queriam produtos que viram em filmes, como as bolinhas do Christian Grey (bolinhas tailandesas para pompoarismo), ou que viram em outras lojas, mas não tiveram coragem de perguntar para o que serviam. Em dias de eventos, o que a boutique mais vendia eram os produtos de saúde íntima, bem-estar e higiene pessoal (clareador íntimo, coletor menstrual, suplemento mineral e vitamínico, desodorante íntimo, firmador e sensibilizador de seios, sabonete íntimo, óleo corporal etc.) e produtos sensuais e eróticos (pétalas perfumadas reutilizáveis, perfume afrodisíaco, mousse de massagem *beijável*, lubrificante íntimo, vela perfumada *beijável*, caneta comestível, algema de brinquedo, baralho do Kama Sutra, dados de posições, jogos eróticos etc.).

O evento que gerava mais lucro era sem dúvidas o chá de *lingerie*. Este era o único evento em que as vendas de produtos e *lingeries* se equilibravam, chegando a loja a faturar uma média de cinco mil reais por evento. Os eventos ocorriam normalmente aos sábados, domingos e feriados, variando bastante os turnos entre tarde e noite. Em raras exceções, eles ocorriam também às sextas-feiras de noite ou em algum dia da semana que fosse véspera de feriado, tendo uma média de dez eventos por mês nos meses de maior procura, de junho a novembro.

4.1 Costurando prioridades

Numa pesquisa informal feita por Dandara e sua irmã, o serviço de chá de *lingerie* apareceu no final da lista de prioridades das noivas que estão interessadas em fazer uma cerimônia de casamento. A lista das prioridades segue abaixo, sendo o item 1 o mais prioritário e o item 20 o menos prioritário:

- 1) Data do casamento;
- 2) Escolha do casamento: civil e/ou religioso;
- 3) Escolha do celebrante: ministro civil e/ou líder religioso;
- 4) Escolha do local de cerimônia e/ou da festa;
- 5) Escolha da foto e filmagem;
- 6) Decoração e bufê;
- 7) Lista de padrinhos, se houver;
- 8) Lista de convidados;
- 9) Dia da noiva;
- 10) Lua de mel / noite de núpcias;
- 11) Chá de panela;
- 12) Escolha do vestido/terno dos noivos e acessórios;
- 13) Escolha do buquê;

- 14) Lembrancinhas;
- 15) Escolha da cerimonialista (organizador/a de eventos);
- 16) Lista de presentes;
- 17) Chá de *lingerie*;
- 18) Chá bar;
- 19) Despedida de solteira(o);
- 20) Chá de cueca e/ou chá de ferramenta.

Mesmo sendo considerado um item de final de fila, o chá de *lingerie* já é visto como indispensável para as noivas tidas como moderninhas. Geralmente, é organizado pela própria noiva ou por alguma irmã/amiga mais íntima, de forma voluntária ou através da contratação de uma profissional. Sobre isso, a precursora neste ramo, coreógrafa e sensual *coach* paulista Fátima Moura⁴⁴ (2017) nos informa que “O negócio agora é fazer Chá de Lingerie!” (p. 13), evento criado por ela, em 2001, em São Paulo, para mulheres descobrirem e aprenderem a usar seu lado sedutor.

As mulheres mudaram muito nas últimas décadas. Elas se tornaram mais independentes, poderosas e bem-sucedidas, nas mais diversas áreas. No campo sentimental e sexual não foi diferente. A mulher mudou e se tornou mais exigente em seus relacionamentos. **Hoje, ela vai para o casamento consciente do seu poder como mulher, em todos os sentidos. Ela sabe que tem direito ao prazer, e deseja obter o máximo de conhecimento nessa área.** Sabe que quanto mais ela gosta, melhor o seu relacionamento fica e que ter autoestima elevada é a base para um relacionamento saudável. **E que viver a sexualidade com alegria e prazer, é mais simples do que se imagina** (MOURA, 2017, p. 13, grifo nosso).

Temos como referência nesta área, além da Fátima Moura, outras *sex coach*, como a educadora sexual, consultora de artes sensuais e *striptóloga* paranaense Tarciana Chuvas, criadora do *e-book Já falei que me amo hoje?* (2020), e a fisioterapeuta especialista em uroginecologia com ênfase em ginástica íntima Cátia Damasceno, criadora do canal *Mulheres Bem Resolvidas* (com mais de 6 milhões de inscritos). São mulheres que, dentro dos seus privilégios, conseguiram subverter o machismo e construir uma rede de apoio e solidariedade feminina.

Não nos cabe o aprofundamento em seus estudos e vivências, afinal, a perspectiva feminista na qual elas estão inseridas não nos contempla integralmente, como bem lembrou Conceição Evaristo (2018), em uma das mesas do I Encontro Internacional Escritas do Corpo Feminino⁴⁵. Após a fala da professora e escritora portuguesa Lúcia Jorge, que mencionou o

⁴⁴ Para saber mais, leia a biografia de Fátima Moura, disponível em: <<http://www.fatimamoura.com.br/>>; biografia de Tarciana Chuvas, disponível em: <http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2015/03/sex-coach-diz-que-mulher-tem-que-se-libertar-da-timidez-e-quebrar-tabus.html>>; Biografia de Cátia Damasceno, disponível em: <<https://www.mulheresbemresolvidas.com.br/catia-damasceno/>>. Acesso em: 23 mar. 2020.

⁴⁵ Evento realizado pelo Grupo de estudos e pesquisas Escritas do corpo feminino nas Literaturas de Língua Portuguesa, da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), nos dias 17, 18 e 19 de abril de 2018, no qual a autora deste trabalho apresentou um resumo estendido nomeado “A carne mais

quanto era difícil para as mulheres [brancas] criarem seus filhos sem a ajuda dos pais, já que esses achavam não ser tarefa masculina pegar criança no colo, com quem dividira a mesa, Conceição com toda sua delicadeza e generosidade, fala da importância do uso político do termo feminismo negro, tendo em vista que as mulheres negras viveram/vivem experiências muito diferente das mulheres branca, porque, enquanto as mulheres brancas se entristeciam por seus maridos trabalharem muito e/ou não pegarem seus filhos no colo, na maior parte das vezes os filhos das mulheres negras não tinham pai, e essas mulheres nunca tiveram nem o direito de se entristecer. Sendo amplamente aplaudida, de pé, pelas congressistas que lotavam o auditório, ela resume de qual perspectiva nos interessa falar, sem termos a intenção de negar as contribuições dadas por todos os movimentos de mulheres brancas.

À medida que o tempo foi passando, a *Pretinha da Boutique* foi se tornando mais conhecida, sobretudo nos grupos de mídias sociais de fornecedores de serviços para casamento e de dicas para apimentar o relacionamento conjugal, sendo curiosamente mais procurada por dois grupos de mulheres: cristãs casadas e cristãs solteiras (noivas). Mesmo inicialmente não sendo intencional, essas se tornaram as clientes principais e o Chá de *Lingerie* o carro chefe da loja, o serviço com maior interação e retorno financeiro.

Figura 17 - Arquivo pessoal do Facebook: Pretinha da Boutique, área interna da boutique – salão; decoração “50 Tons de Cinza” (2018).



A boutique é composta por dois espaços internos: loja e salão. Na loja, ficam expostos alguns produtos e as *lingeries*, o balcão de atendimento, mobília e a vitrine. Já o salão é

barata do mercado é a carne negra”: um olhar sobre as feridas dos nossos corpos. A mesa a qual me refiro era composta pelas escritoras: Conceição Evaristo, a portuguesa Lúcia Jorge e a africana Dina Salústio.

composto por um banheiro, que serve também como provador, uma cozinha, o estoque, atrás da mesa decorativa, e o salão propriamente dito, com 50 pufes, um divã e uma arara com *lingeries*, que, em dias de evento, são expostas de acordo com seleção prévia da anfitriã do evento (noiva ou aniversariante).

Figura 18 -Arquivo pessoal do Facebook: Pretinha da Boutique, área interna da boutique – salão (2018).



A decoradora Marcia Craveira foi quem colocou em prática o que as irmãs haviam idealizado. A Escolha da junção das três cores, vinho, preto e dourado, deu um charme ao local. Já o divã e os lustres deram o toque final de luxo e bom gosto, o que gerava bastante inquietação em muitas pessoas ao visitarem a boutique pela primeira vez. “Vocês acham mesmo que vale à pena criar um espaço tão bonito como esse aqui em São João de Meriti?”. “Vocês têm público para esse tipo de local?”. “Por que vocês não abriram essa loja em outro local?”. “Na Barra ou, se lá fosse muito caro, pelo menos na Vinte e Cinco em Caxias ou no K-11 em Nova Iguaçu...”. “Aqui as pessoas não vão dar valor.” Era comum Dandara e sua irmã ouvirem esse tipo de pergunta/comentário.

A loja era, então, um local de circulação e troca comercial (monetária e mercadoria), mas não só; trocavam-se também afeto, cultura e conhecimento. Era um lugar bastante aconchegante e democrático, propício para “sentar-se na *wrapper*” (ADICHIE, 2009). Localizada próximo ao centro comercial de Vilar dos Teles, em São João de Meriti – RJ, atraía muitos olhares curiosos em função do design inovador e provocante. Possuía manequins de vários modelos, ora pretos, ora dourados, mas sempre com *lingeries* deslumbrantes e em cenários diversificados, construídos pelas próprias donas da loja.

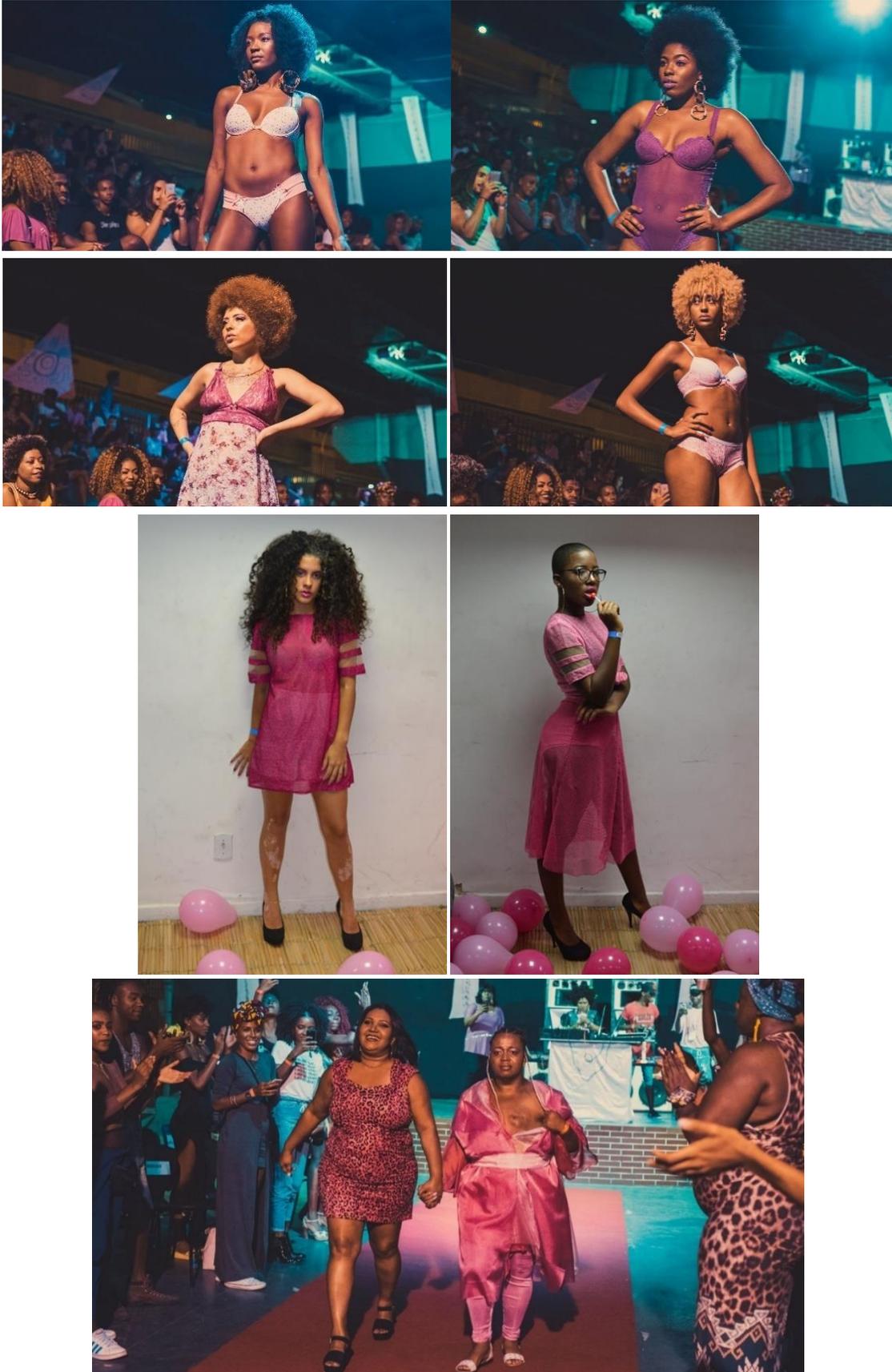
Dandara e sua irmã, apesar de inúmeras diferenças, se completavam. Sempre foram parceiras na vida familiar. Ao decidirem alugar uma loja, tiveram que negociar muitas coisas, afinal, elas tinham a mesma personalidade forte da mãe. Sua irmã, pela primeira vez, percebeu-se uma mulher negra. O principal objetivo que tinham em comum era *encontrar-se* com outras mulheres para trocarem afeto e informações (PASSOS, 2014). O cuidado que ambas dedicavam às mulheres era diferentes, mas era igualmente gratificante.

Cada detalhe foi discutido e desejado por elas. Como pedagoga recém-formada, Dandara desejava colocar em prática todo seu *pedagogês*, acreditando ser possível uma pedagogia fora dos muros escolares (FREIRE, 2013), porque, nessa altura do campeonato, ela já sabia que todo espaço é educativo/formativo. Desta forma, ela e sua irmã dividiam-se no cuidado da loja. Enquanto uma cuidava da parte pedagógica, a outra cuidava da saúde, com técnicas para o cuidado feminino, adquiridas pela sócia em seu curso de graduação em Enfermagem e em outros cursos frequentados por ela. Além disso, ela é também Especialista na Promoção de Saúde pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Desta forma, juntas, montaram a primeira boutique sensual na Baixada Fluminense – RJ, referência em cuidados da saúde e bem-estar feminino. O *slogan* da loja era “Não vendemos apenas lingerie e produtos sensuais, vendemos autoestima!”.

Com o passar dos anos, foi possível notar que essa autoestima “vendida” por elas também era atravessada pela representatividade da marca. Nas postagens afirmativas, nos ensaios fotográficos que a empresa produzia e dos quais participava exclusivamente com modelos negras, o quanto esses corpos eram resignificados ao serem fotografados de *lingerie* sem ser de forma vulgar ou pornográfica. A loja participou de muitos eventos⁴⁶ de noivas. Vale ressaltar a parceria realizada com a Central Única das Favelas – CUFA. A *Prezinha da Boutique* foi convidada para participar do evento CUFA Veste Rosa, produzido por Lu Costa e Geisa Nascimento e realizado pela própria CUFA. O evento ocorreu no Viaduto de Madureira e contou com muitas modelos, inclusive algumas que passaram pelo tratamento do câncer, com objetivo de incentivar a prevenção e combate ao câncer de mama também entre a juventude periférica.

⁴⁶ Todas as fotos desta pesquisa possuem autorização de uso de imagem.

Figura 19 - Arquivo pessoal do Facebook: Pretinha da Boutique, evento “CUFA veste rosa”. Modelos: Bruna Soares, Ana Clara Silva, Ohana Bonsu, Maria dos Santos, Gisele da Silva, Thais Fidelis. Fotógrafo: Parceiros da CUFA (2017).



5 HISTÓRIAS COSTURADAS POR GERAÇÕES

Teu marido vai chegar do trabalho e vai comer onde? Sabe que duas coisas que não podem faltar é sexo e comida no prato [...].

Maria Sueli

Ao adentrar no estabelecimento comercial acompanhando a filha Pérola Soares, uma nova cliente nitidamente contrária à decisão da filha de casar já entra na loja informando à Dandara que é contra a ideia e esbraveja: “Ela não tem pais ricos para gastar com bobagem!”. Pérola, por sua vez, informa a data do casamento e pede maiores informações sobre os serviços oferecidos pela boutique. Dandara responde: “Se você irá casar nesse mês informado, o ideal é fazer o chá de lingerie de três a seis meses antes e nunca fazê-lo no mesmo mês do chá de panela, isso se você for fazer... Nós sugerimos à noiva que organize tudo com o máximo de antecedência, para evitar que as convidadas deixem de vir e/ou de presentear você(s) porque já ‘gastaram muito com o casamento’, como já ouvimos em um chá de *lingerie* que havia sido feito pela noiva no mesmo mês da despedida de solteira e faltando um mês para o casamento.

Enquanto falava, Dandara foi interrompida algumas vezes por Maria Sueli, que não estava nem um pouco satisfeita com a decisão de sua filha: “Eu já falei que casamento é uma grande besteira. Ela vai se arrepender!”. Dandara responde à mãe da noiva: “Talvez a senhora tenha razão... Mas como saberemos se ela não casar? Se esse é o desejo dela, por que não tentar? A única certeza que temos na vida é a morte. Se mesmo os noivos sendo novos, possuem [os dois] independência financeira e não estão sendo obrigados a casar por quaisquer motivos que for, estão certos dessa decisão, por que não casar? Eles que arcarão com as consequências, sejam elas boas ou ruins”.

Pérola fica nitidamente feliz com a ajuda, mas Maria Sueli continua: “Meu pai sempre disse que pobre não adianta ficar fantasiando casamento de novela, não... Ele falava: ‘O homem, quando fica noivo de uma mulher, é para ter mais liberdade [sexual], só isso’. Com um bundão, peitinho durinho igual ao seu, você acha que ele vai reparar na tua calcinha e no teu sutiã? Já que você quer gastar dinheiro, faz só o chá de panela, isso sim é importante. Teu marido vai chegar do trabalho e vai comer onde? Sabe que duas coisas que não podem faltar é sexo e comida no prato, senão eles procuram mulher na rua. Ainda mais aquele negão do teu noivo; deve tá desesperado para tirar sua virgindade”.

O racismo e o machismo são tão estruturantes e perversos, que são reproduzidos de maneira naturalizada por nós mesmas, afinal, fomos educadas desta forma. Neste momento,

Dandara se recorda que também já ouviu frases machistas como estas, faladas pela própria mãe e pela sogra. “Então, para você(s), o casamento se resume a isso?”, questiona Dandara, como quem responde a todas as pessoas que já deram conselhos como este, fazendo um desabafo que estava engasgado. Esta situação deixou Pérola bastante constrangida. No entanto, isso não a impediu de contratar o serviço de chá de *lingerie* para fazer parte da realização de um sonho maior: o casamento.

Criada pela avó materna desde criança, em outro encontro ela informou que sua mãe, apesar de se dizer contra o casamento, sempre sonhou em casar com um ator americano. Em outro momento já próximo ao evento, Pérola retornou à boutique com sua mãe, Maria, e sua avó materna, Dona Elza. Encontravam-se ali três gerações, e um assunto tabu comum a todas elas: sexo e sexualidade. Dessa vez, Dandara foi surpreendida pela avó da noiva: “Eu sou viúva, mas fiquei casada com meu velho mais de 50 anos. No início foi difícil, ele dava muito trabalho. Mas depois ele tomou jeito. Na minha época, quando o casamento dava problema, a gente não jogava fora não. A gente consertava. Hoje em dia, para vocês tudo é descartável, até os relacionamentos”.

Esse conselho de Dona Elza fez Dandara se lembrar das conversas com sua avó Ciça... Seriam elas sábias ou prisioneiras de seu tempo? De quantos consertos é feito um casamento duradouro? Dandara, recém-casada e já vivendo uma crise no casamento, pensava a respeito dessas questões. A avó da noiva continua contando que “Antigamente, não tinha esses produtos não. A gente usava barbatimão [erva medicinal ancestral] que tinha no fundo do quintal para lavar a periquita, para deixar mais fechadinha ou para cessar a coceira. Fazíamos banho de assento, às vezes, até escondidas dos homens, porque eles queriam ela funcionando, mas não gostavam de ajudar. A gente casava e ninguém ensinava o que fazer. Vocês dão sorte que agora tem essas lojas que dão palestra, tem muitos produtos, médicos, televisão e tudo fácil, precisam aproveitar para aprenderem e se cuidarem mais e não terem filho tão novas”.

Com sorriso no rosto, Dandara respirou contente por entender que ela e sua irmã, de alguma forma, estão fazendo história através desse espaço formativo, que, através dos *encontros*, têm promovido trocas de cultura e conhecimentos, que valem mais do que qualquer dinheiro arrecadado com as vendas de produtos e serviços. Ouvir Dona Elza é um presente. Filha de curandeira, ela entendia bem do poder das ervas, sobretudo no cuidado íntimo feminino. Quando ela nos informa que usava barbatimão, ela nos dá pistas das práticas ancestrais de autocuidado e nos possibilita pensar nas reconstruções dessas práticas naturais curativas. A ginecologia natural, por exemplo, é uma das formas de compreender e lidar com o

nosso corpo, através do resgate de ensinamentos das nossas mais velhas. Essa é a novidade mais velha que existe.

No entanto, o racismo e o machismo não dão trégua, e Maria logo rebate a fala de sua mãe: “Só escondiam dos homens as mulheres que não eram mais virgens né?! Isso ninguém fala. Meu pai já me contou essas histórias, que as mulheres escondiam para os maridos não descobrirem que ela já tinha trepado com outro. E eu sempre ouvia ele aconselhando meu irmão e meus primos: ‘Vocês só podem casar se a mulher for virgem. De preferência com aquelas branquinhas que são toda rosinha por dentro... [referência ao órgão genital feminino] Mulher com filho, nem pensar! Mulher velha e com filho tá desesperada, é boa para sacanagem, mas vocês têm que ter cuidado, porque ela quer amarrar o homem. Elas aceitam qualquer coisa e podem passar doença’. Meu irmão era garoto ainda, meu pai levava ele para o puteiro. Ele ainda dizia que mulher com quadril largo rebojava melhor, tipo aquelas negonas que tinham lá na vila. Lembra, mãe? Aquele inferninho era o filme pornô de hoje”.

O emaranhado de preconceitos saídos da boca de Maria parecia tão óbvio que o silêncio pairou por um instante. Como responder alguém que é apenas mais uma vítima desse sistema que permanece reproduzindo os mesmos papéis outrora “abolidos”? Como explicar a ela que nem sempre as nossas escolhas são de fato feitas por nós? Que as opções que são colocadas para as mulheres brancas não são as mesmas colocadas para as mulheres negras? Esse tipo de situação nos faz pensar sobre essas diferenças e a manutenção dessa estrutura sócio-histórico-cultural, que é bastante prejudicial a nós, tendo em vista que, desde o século XIX, enquanto as mulheres negras buscavam ser libertas da escravidão – sobreviver –, as mulheres brancas, sobretudo as donas de casa de classe média – esposas dos escravagistas e proprietários de terras –, buscavam apenas se libertar da “escravidão do casamento” (DAVIS, 2006, p. 46). Quando Maria relembra os conselhos de seu pai, ela não está falando apenas de um caso isolado, tampouco algo atemporal. Todas as nossas redes influenciam direta ou indiretamente na formação das nossas subjetividades e na nossa forma de produzir e/ou reproduzir conhecimentos e lidar com o outro.

Maria Sueli, como uma leoa, deseja proteger sua cria. Quando ela se opõe ao casamento e narra histórias de sua própria vida, é como um alerta, um desejo de que a filha se salve dessa instituição que ela atrelou a um pacote de violências. No fundo, o maior desejo dela é que a filha não sofra. Pérola, por sua vez, no fundo, também sabe que sua mãe só está tentando ajudar...

Naquele momento, Dandara lembrou-se de coisas que ela já havia presenciado e até reproduzido desde a infância e se surpreendeu ao se dar conta de que, apesar de terem famílias

diferentes, os ensinamentos eram similares. Alguns primos de Dandara também foram educados a partir de falas machistas, revistas de pornografia ou ensaios de mulheres nuas e músicas de apologia à violência sexual e desvalorização da mulher. Ela, tentando problematizar um pouco essas questões trazidas por Maria, informa às clientes que, mesmo tendo como maior referência de matrimônio seus avós maternos, com 66 anos de casados, ela nunca teve o sonho de casar ou ser mãe, mas sempre respeitou as duas funções: “Apesar de saber que há uma cobrança muito maior para as mulheres do que para os homens, principalmente em relação à necessidade do casamento e, automaticamente, ser mãe. Mas nenhuma imposição é saudável”.

Em diálogo com Pérola, Maria e Dona Elza, Dandara continua informando que “A exposição precoce do menino à pornografia, seja através de conversas/conselhos machistas e racistas, e a hipersexualização desse corpo, que também causa traumas tão profundos quanto nas mulheres, cria no homem uma relação desumana com a mulher, causando uma busca incessante de satisfação sexual própria, desejando usá-la como ferramenta de realização de fetiches eróticos oriundos dos filmes, livros, contos etc., idealizando-a como uma atriz pornô. Enquanto os meninos estão sendo iniciados na vida sexual da pior forma possível, as meninas são afastadas de qualquer contato com a própria sexualidade. Elas são ensinadas a se guardarem para o casamento. Mesmo que esse mercado matrimonial não seja desejado por todas e só enxergue as mulheres brancas, acredito que todas sofrem com essas imposições”.

Enquanto falava, Dandara foi interrompida por Maria: “A mulher não é obrigada a casar. Meu pai sempre disse que casamento não era coisa pra gente. Eu não casei e sou feliz assim. Mas, se o homem for um estrangeiro [branco] podre de rico, eu até caso!”. Ela riu, sem se dar conta do quão racista ela estava sendo. Dandara se lembrou que já havia falado frases racistas como esta, nos remetendo ao que o filósofo Frantz Fanon (2008) diz sobre a “mulher de cor e o branco” (p. 53) e “o homem de cor e a branca” (p. 69), sendo essas relações que se iniciam, muitas vezes, supostamente como forma de ascensão da pessoa de cor ou passabilidade para o mundo dos brancos.

“Meus irmãos também não casaram, só minhas primas por parte de mãe. Uma vez, o pai da Pérola falou que só não casava comigo porque a igreja não casa quem já tem filho, mas isso é mentira. Ele que não consegue ficar com uma mulher só”. Enquanto Maria continua contando sobre sua vida, Dandara aproveita o ensejo da conversa e pergunta o que ela achava da relação matrimonial, se não casar tinha sido uma escolha planejada por ela ou uma circunstância da vida. “Eu comecei a trabalhar cedo. Quanto mais dinheiro eu via, mais eu queria trabalhar e ser livre. Trabalho em casa de família desde nova. Sempre tive boas patroas, é como se eu fosse da família. Ganhei o enxoval das meninas. Não me arrependo de ter tido elas não. Agora já estão

todas grandes, uma já casou e tem até filha. Eu já sou avó, acredita? Ela chega lá em casa e larga a criança pra eu tomar conta: ‘Hoje é dia de você ficar com a sua neta’. Depois que a Pérola casar, eu vou me mudar para bem longe. Eu ia mudar esse ano, mas ela resolveu casar. Eu falei para esperar, com 19 anos eu estava curtindo a vida, mas ela quer casar logo porque a família do noivo é da igreja e ela frequenta lá também”.

Como uma estratégia, ela fala de outras coisas, não responde a pergunta feita por Dandara, mas, sentindo-se muito mais à vontade que no primeiro *encontro*, Maria não hesita em contar outras histórias sobre sua vida. Por diversos motivos, Dandara lembrou-se de histórias fictícias e reais, como as narradas neste trabalho, que se transformaram em histórias de ficção a partir de relatos de histórias reais que extrapolaram o que consideramos aceitável na realidade.

Dentre os muitos ensinamentos para as mulheres negras, um bastante comum e que fica bastante evidente na narrativa acima é justamente sobre para quem era/é o casamento. A mulher negra foi educada a não querer casar, por ser ensinada que o casamento é algo pertencente a um universo branco. Muito embora, às vezes, ela não se dê conta disso ou essa educação não retire dela o desejo de casar, ela acredita não merecer passar por esse ritual. bell hooks (1995) nos diz que,

[...] Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas “só corpo, sem mente”. A utilização de corpos femininos negros na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era a exemplificação prática da ideia de que as “mulheres desregradadas” deviam ser controladas. Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve que produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado (p. 6).

Sobre essas questões e tantas outras vivenciadas por mulheres afrodiáspóricas, já temos no audiovisual personagens com papéis fortes, debatendo demandas urgentes reivindicadas pelos Movimentos Negros, como as histórias de *Juanita* (2019) e de *Celie*, interpretada pela atriz Whoopi Goldberg, no filme que se originou a partir do livro *A cor púrpura* (1985). Histórias que dialogam com a de Maria Sueli e de tantas outras mulheres.

5.1 Costurando, bordando, rendando

Em sociedades como o Brasil, desde pequena, a mulher branca é educada a exercer determinados papéis, um deles é o de ser esposa, construir uma família junto ao seu cônjuge – casar e ter sua própria casa. Mesmo que não dito, esse lugar é garantido apenas para elas. Então, naturalizamos o fato de o casamento ser um privilégio para a mulher negra, tendo em vista que

somente as brancas, historicamente, tenham esse direito. Se, para as mulheres brancas, a educação gira em torno do casamento e da reprodução de herdeiros (manutenção da dinastia), para as mulheres negras, desde o sistema escravista – pautado no patriarcado –, sua educação girava em torno da objetificação do corpo (OLIVEIRA, 2014), numa sociedade que não respeitava suas vontades e nem que lhes dava o direito de escolhas. Historicamente, essas mulheres foram marcadas por episódios como aqueles trazidos pela escritora Ana Maria Gonçalves (2007) em *Um defeito de cor* que ilustram bem suas trajetórias diante do casamento:

Depois que os olhos se acostumaram, mesmo na escuridão percebi sombras por cima das paredes divisórias das baias e me assustei quando um vulto surgiu de repente, equilibrando-se por cima da nossa. A Ignácia comentou que eram os homens que iam se juntar às suas amásias, já que homens e mulheres dormiam em baias separadas. Disse que algumas famílias ficavam juntas, mas só depois que houvesse casamento, porque o sinhô não permitia que vivessem em pecado, embora fosse raro aparecer um padre para realizar as cerimônias. As últimas tinham acontecido havia mais de cinco anos e alguns dos casais tinham sido desfeitos e outros tinham se formado, e havia até filhos das uniões clandestinas que já estavam na lida junto com os pais. Logo em seguida comecei a ouvir gemidos abafados, suspiros e risos, o que também fazia aumentar um pouco o tom das conversas antes sussurradas, menos para encobrir os amantes e mais para evitar o silêncio constrangido dos que estavam sozinhos (GONÇALVES, 2007, p.70-71).

Em outro trecho, ela segue nos informando sobre a influência do homem branco na construção das nossas relações de afeto:

Os escravos que queriam ficar juntos geralmente falavam com a senhora, mesmo que já vivessem assim na senzala, aguardavam a visita de algum padre que aproveitava para fazer os casamentos de uma só vez. Não eram muitos casais, talvez porque soubessem que de uma hora para outra poderiam ser separados. A Rita mesmo já tinha se casado e tido filho como manda a religião dos brancos, com casamento e batismo feitos por um padre, e ficou sozinha depois que o marido e o filho foram para outro dono por herança, quando o pai do sinhô José Carlos morreu. Em relação ao meu casamento, a sinhá Ana Felipa não se opôs e disse que seria realizado por ocasião da próxima visita do padre Notório, que ela ainda não sabia quando, mas que se daria até o fim do ano, com certeza. Era agosto de um mil oitocentos e vinte e dois, e eu já estava me acostumando com a ideia de me casar aos doze anos (GONÇALVES, 2007, p. 101).

O próximo trecho é marcado pela lógica mercadológica da época, onde as igrejas eram as maiores detentoras de poder e riquezas, sustentadas, muitas vezes, através de trocas que as favoreciam a curto ou longo prazo:

O convento era um lugar para moças ricas, mantido por seus pais ou tutores, grandes fazendeiros, comerciantes, políticos e militares, ou até mesmo religiosos, todos ricos e com boa condição social, sabendo que um bom casamento também dependia de um pouco de educação e cultura. Por isso, não eram raras as vezes em que o convento fazia festas para receber músicos, poetas, pintores, companhias de teatro e artistas de todos os tipos, homens do clero, cultos e letrados, e estrangeiros importantes, quando as freiras serviam bons vinhos e boa comida, em saraus que atravessavam a noite. Isso oficialmente, porque no silêncio da clausura muitas jovens se deitavam com seus pretendentes e, dependendo da importância deles, com o consentimento ou até mesmo

com a ajuda das freiras, em quem os pais confiavam para afastar suas filhas do mundo pecaminoso (GONÇALVES, 2007, p.102).

Ao realizar a pesquisa em um estabelecimento comercial, nossa intenção foi discutir as muitas relações estabelecidas por meio dele, sobretudo as relacionadas ao mercado matrimonial, que é o que nos interessa neste capítulo. São relações que vão para além do monetário, que não dizem respeito apenas às noivas e suas famílias, mas também aos fornecedores, que, se tratando dos negros, também são minoria nesse contexto.

A lógica mercadológica visa ao lucro. Por isso, o mercado de casamentos vê os negros como consumidores ou mão de obra, não levando em conta a problemática envolvida nas relações afetivas das pessoas negras. O que para muitas mulheres brancas é o ciclo natural da vida, para muitas mulheres negras é exclusão e ausência, não tendo elas o direito sequer de sonhar, porque sonhar custa caro e na maior parte das vezes essa mulher negra é pobre; não tendo referências matrimoniais, porque muitas vezes suas mães, avós, tias nunca se casaram; não tendo parceiros fixos ou que as proponham casamento, porque são vistas muitas vezes como um pedaço de carne.

Não quero de forma alguma tratar o casamento como obrigação ou condição para ser alguém e/ou ter uma família, tampouco reafirmar o moralismo hipócrita no qual estamos inseridos. Meu intuito é apenas questionar por que para umas isso é uma possibilidade e para outras não. Não me interessa, aqui, fazer juízo de valor sobre com quem e com quantas pessoas as mulheres devem se relacionar. Por isso, refiro-me a não ter parceiro fixo especificamente no caso das mulheres que são abandonadas, não aos casos que assim decidiram, sem ignorar, também, que o primeiro abandono ocorre pelo Estado, ao se negar a garantir todos os direitos delas/nossos, e que, apesar de o casamento antigamente dar mais emancipação para as mulheres brancas, ele podia ser uma armadilha, e a mulher negra, ao desobedecer à lógica e se casar, não está isenta de cair nessa armadilha.

Sobre isso, a pesquisadora Clarice Fortunato Araújo (2011), no artigo apresentado no XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais (CONLAB) e amplamente divulgado pelo Geledés – Instituto da Mulher Negra, nos informa, a partir das suas pesquisas, as causas e consequências das desvantagens das mulheres negras no mercado matrimonial.

Alguns questionamentos surgem a respeito deste assunto: quais seriam os motivos que levam a população negra feminina ao celibato? Por que os homens negros escolhem ou preferem se casar com a mulher branca, ou mais especificamente com a loira? **Quando é que a “solidão” da mulher negra não é resultado de uma escolha, mas sim falta de opção?** [...] A oficialização da união é importante, não apenas por questões afetivas, mas, principalmente, por questões legais, como planejamento familiar, divisões de bens, entre outros. **Ainda que a mulher, para ser feliz, não tenha que, necessariamente, se casar dentro dos padrões tradicionais, quando ela faz esta opção, a cor da sua pele não deveria ser uma desvantagem nesse processo** (s/p, grifo nosso).

A autora nos lembra que nas classes economicamente inferiores, a população de mulheres negras é a que apresenta o maior número de solteiras sozinhas no país.

Os únicos espaços em que a mulher negra não é minoria são aqueles onde predominam os serviços domésticos e subalternos – como nos tempos da escravidão –, tanto na sociedade como nas mídias. Nas novelas, os papéis oferecidos às negras são sempre os de serviçais; nas campanhas publicitárias, elas fazem propaganda de produtos de limpeza ou aparecem ao fundo, enquanto em primeiro plano aparecem algumas pessoas brancas, representando uma família feliz (ARAÚJO, 2011, s/p).

Tal situação nos faz questionar se o fato de Maria Sueli fazer parte deste grupo seja realmente um fator determinante para ela não se permitir enxergar outras possibilidades de ser e estar no mundo. Desde o traslado forçado de África para o Brasil, as mulheres negras sempre foram exploradas, violentadas e desvalorizadas e continuam sofrendo as consequências de séculos de violência até os dias atuais.

Apesar do aumento de produtos/serviços oferecidos pelo mercado matrimonial, ainda assim, quando a mulher negra acessa esse mercado, ela não se vê nas imagens de consumo. No entanto, elas terminam contratando os serviços oferecidos, mesmo sem ter identificação com eles. Por quê? A professora e pesquisadora das relações raciais a partir da história da educação do negro e migração Maria Lúcia R. Muller (2008), inspirada nos estudos do professor e sociólogo paulista Oracy Nogueira sobre preconceito racial de marca e preconceito racial de origem, nos informa que “A aparência de maior ou menor negritude confere ao indivíduo maior ou menor facilidade de trânsito social” (p.48). Ou seja, mesmo que esta mulher não se veja representada, ela quer fazer parte dessa sociedade na qual ela já está inserida como consumidora, mas é excluída diariamente sempre que não se vê em editoriais de noivas, catálogos e revistas, reforçando, assim, o sentimento de inferioridade da mulher negra.

Vemos isso no filme *A Cor Purpura* (1985), na história fictícia de Celie, a filha preterida por ser considerada “o sorriso mais feio desse mundo”. Seu pai a estupra ainda na adolescência. Ela engravida duas vezes, e seus filhos são tirados dela e levados escondidos para adoção. Tudo isso é feito em nome de Deus. Sua família é muito religiosa, e, durante todo o filme, Celie conversa com Deus, relatando seus sentimentos diários.

Já no início do filme, é possível observar essa contradição religiosa que assola Celie e que também assola outras de nós, como Dandara. Ela deseja permanecer acreditando no Deus que fora apresentado ainda na infância pela sua família. No entanto, depois de adulta, passou a questionar se o Deus com quem ela conversa é o mesmo, sempre, a que sua família diz servir. Em uma conversa, Pérola relata viver alguns dilemas religiosos também: “Eu sou virgem. Você acha que eu vou ficar constrangida com as brincadeiras do chá [de lingerie]? Antes de começar

a frequentar a igreja, eu tive algumas oportunidades de perder a virgindade... Mas eu nunca quis que rolasse com qualquer pessoa, só para dizer que já era mulher. Porém, depois que eu entrei para a igreja, ser virgem se tornou uma obrigação. Não gosto disso não. Mas eu escolhi esperar”. Pérola ri, enquanto faz menção a uma campanha cristã com objetivo de encorajar, fortalecer e orientar sobre a importância de viver uma vida sexualmente pura e emocionalmente saudável⁴⁷.

“Sentando-se na *wrapper*” (ADICHIE, 2009), Dandara ri e divide com Pérola algumas opiniões: “Eu não esperei. E não me arrependo. Eu não me imaginava casada com alguém sem antes saber se teríamos química...”. Pérola ri alto e responde: “Pois é, estou morrendo de medo! Ele também é virgem. Só fico pensando se vamos acertar de primeira”. As duas caem na gargalhada, e Dandara diz: “Para tudo na vida tem uma primeira vez né?! Sugiro que você tenha um lubrificante, para, caso você não lubrifique naturalmente devido ao nervoso/ansiedade, vocês usem... Esse é o produto indispensável das recém-casadas. Quer dizer, acho que toda mulher deveria ter. Eu tenho uma gaveta na mesinha de cabeceira só com produtos”.

Pérola arregala os olhos e pergunta: “E vocês usam muitos produtos?”. Dandara, evitando expor sua vida íntima, mas sabendo da importância dessa conversa para que o sexo deixe de ser um tabu entre as mulheres, responde: “Sim. Estamos sempre experimentando novos produtos, até para eu poder vender com mais propriedade. Como vou te indicar um produto sem nunca ter usado?! Eu e meu esposo somos muito parceiros, conversamos abertamente sobre tudo. Criamos o hábito do *feedback*, então, no início, sempre após a relação sexual, conversávamos, dávamos nota para o sexo... Coisa de gente doida, mas ajudou bastante na adaptação. Porque no início é estranho dividir a casa com alguém, ter algumas obrigações, dormir e acordar ao lado da mesma pessoa. Cada pessoa tem suas manias, sua criação, então tudo é adaptação”.

⁴⁷ Essa campanha atua especificamente em duas áreas: preservação sexual e integridade emocional. Foi criada com o propósito de encorajar, fortalecer e orientar os solteiros cristãos a esperarem até o casamento para viverem suas experiências sexuais. Outro objetivo é ajudar as pessoas a desenvolverem relacionamentos amorosos saudáveis e duradouros. A campanha tem uma mensagem centrada na importância de viver uma vida em santidade e pureza baseada nas interpretações que os idealizadores fazem das escrituras sagradas. Não é uma campanha voltada somente para pessoas virgens, mas também para aqueles que já tiveram experiências e agora decidiram se preservar até o casamento. É aberta para a participação de pessoas de todas as idades. A campanha, apesar de ser cristã, não pertence a nenhuma denominação específica, aberta para acolher católicos, evangélicos e pessoas que não são ligadas a nenhuma organização religiosa. Nasceu em março de 2011, em Vila Velha - ES, por meio de seus idealizadores, o casal Nelson e Angela, que, atualmente, são os líderes da campanha. Através das redes sociais, a campanha tomou uma projeção nacional, com milhões de seguidores, virando notícia nos principais meios de comunicação do Brasil (leia mais no link Na Mídia). Além das mídias sociais, desde 2012 a campanha realizou seminários nos 26 estados brasileiros (e Distrito Federal) e no exterior (Colômbia, Argentina, Paraguai, Estados Unidos, Inglaterra, França e Haiti). Para saber mais: < <https://euescolhiesperar.com/> >.

No livro *O espírito da intimidade*, da professora e filósofa africana Sobonfu Somé (2003), a autora traz ensinamentos tradicionais de seu povo sobre a dimensão espiritual da união matrimonial, nos provocando a questionar as histórias únicas (ADICHE, 2009) sobre o casamento ocidental moderno, nos mostrando outras possibilidades. Para as mulheres do povo Dagara, o casamento é “[...] uma oportunidade – quase uma obrigação – para todos reafirmarem seus relacionamentos uns com os outros, com os ancestrais, com tudo à sua volta [...]” (p. 88).

A intimidade de um casal não é a busca pelo prazer. É a busca por um tipo de poder que somente o espírito pode dar, em um contexto sagrado. [...] Se você buscar apenas o prazer, a intimidade será curta. Rapidamente, você estará terminado. Se você conseguir ver a intimidade como algo guiado pelo espírito e ir além da limitação do prazer, ela poderá ter um efeito duradouro. Poderá trazer vitalidade e cura (SOMÉ, 2003, p. 96-97).

Para esta cultura, o casamento é uma troca de energia através da intimidade. A autora diz que nós, os ocidentais, temos dificuldade de ter “[...] uma visão diferente da sexualidade, porque a questão não é abordada ou conversada com franqueza no Ocidente” (p. 101).

É por isso que se tem tanta infidelidade – é por ser tão misteriosa. Ninguém conta como é, de fato, a infidelidade. Assim, todo mundo fica imaginando e quer experimentar para ver. Em uma cultura em que a sexualidade não é vista como sagrada, aceitar completamente a sexualidade é ir contra a corrente. A vergonha, a insegurança, a baixa autoestima sempre ficam espreitando, prontas para bater à porta da psique. Muitas pessoas acham a questão tão assustadora que passam a vida negando a sexualidade (SOMÉ, 2003, p.102).

Somé traz muitos ensinamentos de sua aldeia. O livro é um convite para uma viagem: “Expressamos o conceito de sexo como uma viagem com alguém. A pessoa não quer fazer sexo com outra; ela quer ir a algum lugar. Normalmente esse lugar é desconhecido para os dois” (p. 98).

Já para Celie esta viagem não é uma das melhores, mesmo acreditando que o casamento é algo sagrado. Após casar com um senhor viúvo com dois filhos, a adaptação na nova vida foi bastante difícil. Ele desejava casar com sua irmã mais nova, mas o pai não aceita, informando que esta é muito nova, oferece Celie e informa que “ela já foi deflorada, não é mais moça, e é feia, mas trabalha duro e aprende rápido. Pode fazer o que quiser e como quiser”. Mesmo não satisfeito com a oferta, o senhor aceita e leva Celie para sua casa.

Figura 20 - Cenas do filme estadunidense *The Color Purple* (1985)⁴⁸.



Celie se casa com um homem que deseja sua irmã e é apaixonado por Shug Avery, uma bela e sensual cantora de *blues*. Os anos vão passando e ele se torna cada vez mais agressivo. Quando o filho do senhor leva sua namorada, que está grávida, para conhecê-lo, ele logo questiona de quem é o filho. Após a mulher informar ao sogro que é do filho dele, ele diz que “as mulheres não prestam hoje em dia, abrem as pernas para qualquer homem [...] Não pense que eu vou deixar meu filho casar com você só porque está prenha. Ele é novo e boboca”. Mesmo sem o consentimento do pai, Harpo realiza o sonho de Sofia e se casam.

Em uma conversa de Harpo com sua madrasta, ele se queixa que sua mulher não está obedecendo... E Celie pergunta: “Já bateu nela? Então, como ela vai te obedecer”. Ele fica confuso, e ela diz: “bate!”. Após ele seguir os conselhos da madrasta e bater em sua esposa, Sofia vai até Celie tirar satisfação: “Você disse para o Harpo me bater?! A vida inteira eu tive que lutar. Tive de brigar com meu pai, com meus tios... eu tive que lutar com meus irmãos. Uma moça nunca está segura em uma família de homens, mas eu nunca pensei que fosse brigar na minha própria casa! Dona Celie eu amo o Harpo. Deus sabe que eu o amo. Mas prefiro matá-lo a apanhar dele”. E Celie responde a ela: “Essa vida vai acabar logo, e o paraíso é para sempre...”.

Como muitas mulheres que sofrem violência doméstica, Celie naturaliza tamanha crueldade, talvez acreditando ser o preço a ser pago por ter conseguido se casar, mesmo sendo considerada feia, como sempre ouviu de seu pai e posteriormente de seu marido. Depois de ser maltratada também pela amante de seu marido, Shug Avery, enquanto a mesma se hospedava

⁴⁸ Filme dirigido pelo produtor Steven Spielberg, baseado no romance da premiada autora afro-americana Alice Walker e interpretado pela atriz estadunidense Whoopi Goldberg. Sinopse: No início do século 20, na Geórgia (Estados Unidos), Celie (Whoopi Goldberg), de 14 anos, é estuprada pelo pai e tem dois filhos, dos quais é forçada a se separar, assim como também é forçada a se separar da única pessoa no mundo que ama, sua irmã. Ela é doada por seu pai para o Sr. Mister (Danny Glover), que a trata como escrava. Grande parte da brutalidade de Mister provém de uma forte paixão por Shug Avery (Margaret Avery), uma cantora de blues. Celie fica muito solitária e compartilha sua tristeza em cartas (a única forma de manter a sanidade em um mundo onde poucos a ouvem).

na casa de Celie após uma turnê do seu show, as duas se tornam amigas. Dedicando uma de suas composições a ela, Blues de Dona Celie, é possível notar também em palavras a importância da união feminina.

Quando Shug decide ir embora, Celie fica desesperada. “Ele me bate quando você não está”, ela diz a mulher. Shug, então, pergunta: “Por que ele faz isso?”. Celie responde: “Ele me bate por eu não ser você... Ele sobe em cima de mim e faz suas necessidades”. A cantora interrompe Celie e diz: “Você fala como se ele subisse em cima de você e fosse ao banheiro”. “Mas é assim que eu me sinto”, Celie responde, em uma das cenas mais sufocantes do filme.

5.2 Costurando sem dedal

Se livrar do sentimento de inferioridade ainda é um grande desafio para muitas mulheres negras. A que almeja casar-se se coloca, muitas vezes, no enfrentamento de questões como a que nos faz Frantz Fanon (2008) ao nos ensinar que é necessário eliminarmos o sentimento de inferioridade e/ou o de exaltação de “supercompensação” que faz-nos achar que uma mulher negra não pode casar ou que precisa casar com um homem branco para “clarear” a família e, então, ter a tal sonhada ascensão social.

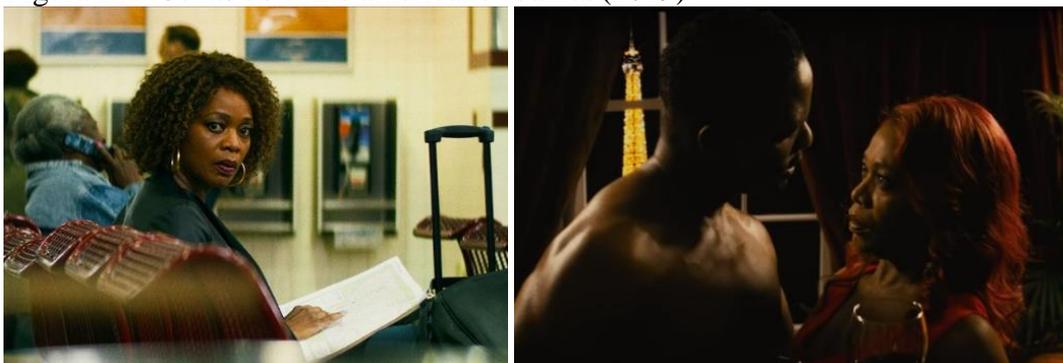
Mesmo que esta mulher perceba o que Mayotte Capécia, autora da autobiografia *Je suis Martiniquaise*, trazida por Fanon, nos diz, “Gostaria de ter me casado, mas com um branco. Só que uma mulher de cor nunca é realmente respeitável aos olhos de um branco. Mesmo se ele a ama. Eu sabia disso [...]” (CAPÉCIA, apud FANON, 2008, p. 54), ela enfrentará também um mercado matrimonial que a segrega e subjuga. É preciso que haja um estranhamento para que essa mulher negra passe a se questionar sobre suas escolhas e o porquê de não estar representada por imagens e produtos dentro desse contexto.

Já a história fictícia de Juanita Lewiston, uma mãe solteira estadunidense e sonhadora, traz uma história bem clichê do gueto, como a própria protagonista do longa-metragem dispora ainda no início. Ela é uma enfermeira cansada de sua dupla jornada de trabalho (emprego e família) e que se preocupa com os caminhos escolhidos pelos filhos.

Seu único alívio no dia a dia é sonhar com o ator Blair Underwood, enquanto se imagina flertando com ele, que também a decepciona, mostrando ao telespectador sua baixa expectativa em relação a ela e o relacionamento com homens. Apesar de a história ser de Juanita, ela se assemelha a outras, de mulheres na mesma faixa etária e até mais novas, que já tem filho(s), neto(s) e até bisneto(s) e estão em situação de vulnerabilidade social.

Uma mulher negra mais velha que cuida dos três filhos e de uma neta e que também cuida de pacientes no hospital onde trabalha e nunca tem tempo de cuidar de si, aquele típico “[...] estereótipos que pretendem capturar a essência do papel da mulher negra durante o período de escravidão [...] instrumentos que garantiam a ampliação da força de trabalho escrava” (DAVIS, 2016, p.18-19): quem nunca viu esse filme antes?!

Figura 21 - Cenas do filme americano Juanita (2019)⁴⁹.



Quando o homem literalmente dos seus sonhos, após pedir dinheiro emprestado, pede que ela cuide dele, ela se dá conta de que precisa de um tempo para ela: “Cuidar de você? Você também? Eu criei três filhos grandes de dois pais aproveitadores. [...] Dá para acreditar nisso? O único homem que eu tenho me pediu dinheiro emprestado. E ele nem é de verdade”. Em um diálogo frequente com ela mesma e o telespectador, a trama nos provoca a nos colocarmos no lugar dela. Assim como Maria, Juanita tem uma história repleta de contradições, marcada por traumas e preocupações com os filhos: “O Rashawn já é quase bandido, a Bertie está tentando ser puta e o Randy está preso. E eu não estou ajudando nenhum deles, eu não consigo. Eu passo a maior parte do tempo nervosa e triste”.

Essas mulheres trazem questões tão profundas que marcam toda sua trajetória. Maria relata que, depois que descobriu os brinquedos eróticos, nunca mais se preocupou em ter um parceiro fixo. Pérola, porém, alega não ser bem assim: “Minha mãe vai para o pagode todo final de semana tentar arrumar um namorado, tem sonhos eróticos e fica chorando sozinha assistindo filme romântico. Duvido que ela não sinta falta de ter alguém para dividir as coisas com ela. Minha mãe se faz de forte, mas é só uma armadura”.

A partir desses diálogos, novos questionamentos surgem. As escolhas de Maria são voluntárias ou involuntárias? Vestir-se de uma armadura a protegeria do quê/de quem? Ela não sente falta de um parceiro ou tem medo de se decepcionar mais uma vez por se sentir preterida?

⁴⁹ Filme dirigido pelo produtor Clark Johnson – uma adaptação do romance de mesmo nome – e, interpretado pela atriz estadunidense Alfre Woodard. Sinopse: Juanita, cada dia mais desgastada por problemas na vida pessoal e no âmbito amoroso, mãe de três filhos já adultos, procura sair da rotina de caos urbano que impera no local onde vive. Cansada e determinada a mudar, Juanita faz uma longa viagem de ônibus até Montana na intenção de se reinventar.

Os sonhos são, no fundo, a esperança de que, um dia, eles se tornem realidade? Não estamos, aqui, querendo enquadrá-la em um padrão feminino normativo, até porque defendemos a ideia de que ela ou qualquer outra mulher pode/merece satisfazer-se com sua própria companhia. No entanto, é necessário problematizarmos essa estrutura histórico-social racista-machista que muitas vezes determina quais serão nossas funções na sociedade e/ou até onde e com quem podemos ir, nos colocando máscaras da branquira para não sentirmos dor (KILOMBA, 2019).

Essas histórias que, a todo momento, se cruzam e/ou se completam buscam compreender uma herança deixada para nós, mulheres negras, que torna o casamento pouco almejado. E se pensarmos que o casamento pode, sim, ser uma forma de desobedecer a uma cultura/educação que insiste em dizer que a mulher negra não pode consumir o mercado matrimonial?

A leitura que faço é que Pérola, Dandara e as 64 noivas negras (autodeclaradas pretas e pardas) atendidas pela *Pretinha da Boutique* desobedeceram às regras e ocuparam outros espaços, neste caso o mercado matrimonial, realizando este ritual das mais diversas formas, de acordo com o gosto e a crença de cada uma, mas tendo em comum a desobediência e, em alguns casos, a ressignificação do que conhecemos como casamento. O mercado matrimonial, o casamento, as igrejas, as escolas têm muito a nos dizer sobre o que é um relacionamento entre um homem e uma mulher e suas interfaces raciais. São instituições em que racismo, machismo, sexismo, classismo ganham forças e se perpetuam, mas, também, são armas poderosas para que possamos desaprender toda a gama de violência que as forjam cotidianamente.

Óbvio que temos pautas mais urgentes, mas precisamos nos alegrar com cada conquista. Neste caso, esta desobediência traz, para muitas mulheres, a possibilidade de se verem em outros espaços e funções. Elas, por anos, foram privadas de tomarem suas próprias decisões, seja no que diz respeito ao seu corpo ou a lugares que poderiam ocupar. O que todas essas mulheres têm em comum, além das experiências interseccionais cotidianas? Histórias de luta e resistência diaspórica atravessadas por racismo e machismo? Histórias que, ao longo do percurso, trazem pertencimento e emancipação.

Será que precisamos mesmo dos padrões de beleza imposto histórico-socialmente e vendidos nas mídias? Será que nunca seremos aceitas e amadas pelo que somos? Se observarmos a História, que muito nos ensina sobre o nosso passado, facilmente entenderemos o presente e suas múltiplas histórias. bell hooks (2006) chama atenção justamente para que sejamos mais sensíveis ao que nos foi roubado/impedido de vivenciar nas nossas relações, sobretudo com os nossos pares. Há várias formas de resistir em prol da própria sobrevivência, como visto nas histórias narradas. Essas histórias são atravessadas por experiências que não podem, em hipótese alguma, ser desconsideradas e/ou sobrepostas. São diferenças que nos mostram que histórias importam!

CONSIDERAÇÕES FINAIS: ARREMATANDO AS HISTÓRIAS

Sou feita de retalhos

Sou feita de retalhos
Pedacinhos coloridos de cada vida
que passa pela minha e que vou costurando na alma.
Nem sempre bonitos, nem sempre felizes,
mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou.
Em cada encontro, em cada contato,
vou ficando maior... Em cada retalho,
uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade...
Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa.
E penso que é assim mesmo que a vida se faz:
de pedaços de outras gentes
que vão se tornando parte da gente também.
E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados...
Haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma.
Portanto, obrigada a cada um de vocês,
que fazem parte da minha vida e
que me permitem engrandecer minha história
com os retalhos deixados em mim.
Que eu também possa deixar pedacinhos
de mim pelos caminhos e que eles
possam ser parte das suas histórias.
E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar,
um dia, um imenso bordado de “nós”

Cris Pizzimenti

A criação da boutique sensual se deu pouco mais de um ano após as primeiras vendas narradas no início do trabalho, devido ao aumento das vendas e à necessidade de ter um estoque e um espaço físico para que as pessoas pudessem manter contato além do virtual, já citado. A proposta da *Pretinha da Boutique*, desde sua criação, sempre foi promover autoestima através do autocuidado e autoconhecimento. Era um espaço exclusivamente feminino, preocupado com

a saúde e bem-estar da mulher, sobretudo a saúde íntima e o bem-estar interno, por entender que revender produtos e serviços vai além da compra e venda.

O principal objetivo era criar formas educativas e divertidas para falar de saúde, sexo e sexualidade, antes, durante e depois da revenda dos produtos, para que, assim como Jurema, outras clientes se sentissem à vontade para trocar experiências e/ou esclarecer dúvidas sobre temas ainda tratados como tabu, principalmente para as mulheres negras, que carregam historicamente um estereótipo de desumanização. Luísa foi uma das primeiras clientes e Pérola foi uma das últimas.

As atividades da loja foram encerradas⁵⁰ antes do término deste trabalho. O que dificultou que ele chegasse ao fim. Como se distanciar de histórias que estão intimamente atravessadas pelas da autora? Como não se emocionar ao revisitar cada história? Foram mais de dois cadernos de anotações, registrando cada detalhe desse processo, que durou pouco mais de quatro anos (2015, 2016, 2017, 2018, 2019). Foram mais de mil mulheres atendidas. Histórias que dariam um livro com muitos capítulos. Tudo começou como uma alternativa em meio à crise e terminou da mesma forma. Fechar as portas estrategicamente no auge foi como prever que, após a posse do novo presidente, as coisas seriam ainda mais incertas. No entanto, a pandemia, ninguém poderia prever.

A propósito, apesar de nunca ter tido a intenção de evangelizar alguém através da palavra, como fizeram os jesuítas ao catequizarem os povos indígenas, no máximo através do próprio testemunho de vida (BÍBLIA, Gênesis 1: 28, ARA), em tempos de “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”⁵¹, é importante que eu assumo meu lugar de profetiza insurgente

⁵⁰ As atividades da loja foram encerradas no dia 31 de julho de 2019, como informado nas redes sociais em um comunicado importante: “A empresa Pretinha da Boutique, informa que após 4 (quatro) anos sendo referência em cuidados da saúde e bem estar feminino, dando palestras, consultorias, vendendo produtos e realizando sonhos em forma de eventos educativos e divertidos, que oportunizaram muitas trocas sobre saúde da mulher e sexualidades, neste momento optou pelo encerramento de todas as atividades por tempo indeterminado, a partir do dia 31 de Julho de 2019. Comunicamos ainda, com orgulho e gratidão, que foi um prazer fazer parte da história de tantas mulheres. Vocês também fazem parte da nossa história! Agradecemos a confiança, o carinho e a compreensão de todas as clientes, amigas/os, parceiras/os, fornecedoras/es e todas e todos que nos acompanham nas redes sociais. Um ciclo se encerra para que outros floresçam. Até breve!”. Disponível em: <<https://www.facebook.com/PretinhadaBoutique>>. Acesso em: 01 ago. 2019. Para saber mais, acesse ao *portfólio* da Pretinha da Boutique no drive: <<https://drive.google.com/file/d/1hNyhze6u7pEPVn13tYT3cBbzUO5123Cn/view?usp=sharing>>.

⁵¹ *Slogan* da campanha presidencial do atual Presidente da República, Jair Bolsonaro, que, mesmo com o Estado sendo laico, utilizou e ainda utiliza do nome de Deus para captar mais eleitores, postando versículos bíblicos em suas redes sociais e nomeando lideranças religiosas para cargos públicos, única e exclusivamente por serem evangélicos, e se dizendo cristão, cidadão de bem e defensor da família, mesmo sendo favorável à tortura, acreditando que bandido bom é bandido morto, que violência se combate com violência, fazendo gesto de arma com as mãos e tantas outras coisas que nos enojam só de ver/ouvir. Para saber mais, leia: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/10-afirmacoes-de-bolsonaro-que-vaio-contrario-que-a-pascoa-representa/>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

(PACHECO, 2019) e me posicione sobre a perspectiva na qual eu acredito e que, inevitavelmente, atravessa toda a pesquisa.

Portanto, contar a história dessas mulheres usando nomes fictícios é uma forma de respeitá-las, preservando suas histórias confiadas a mim, enquanto “sentávamos na *wrapper*” (ADICHIE, 2009). Essas histórias me formam todos os dias, me fazem dormir e acordar desejando transformar o mundo, apesar de, muitas vezes, haver um conflito interno religioso, bem como Martin Luther King tinha, lembrado por bell hooks:

Com medo de perder o apoio dos burgueses conservadores e afastar-se das Igrejas dos negros, King meditou numa passagem da Epístola aos Romanos, capítulo 12, versículo 2, que o lembrou da necessidade de dissensão, do desafio e da mudança: “Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente”. Todos nós, na academia e na cultura como um todo, somos chamados a renovar nossa mente para transformar as instituições educacionais – e a sociedade – de tal modo que nossa maneira de viver, ensinar e trabalhar possa refletir nossa alegria diante da diversidade cultural, nossa paixão pela justiça e nosso amor pela liberdade (hooks, 2013, p.50).

E assim eu tenho feito, da minha maneira, não tão combativa como o esperado, mas a favor da diversidade e diferença. O trabalho, apesar de não se ater exclusivamente aos conceitos formais-científicos, entrelaça as narrativas de forma prática, estudos caros a área da Educação, nos mostrando que as praticantes dessas histórias cotidianas usam de suas táticas para sobreviver, mas não só, onde ninguém espera, se aproveitando da ocasião/possibilidades oferecidas contra hegemônicas (CERTAU, 1994).

O trabalho é repleto de emendas. Quando a linha embolava, depois de varar noites costurando, para desembolar a linha e desfazer os nós, era mais fácil cortar a linha e emendar no outro pedaço que estava sobrando ou em outra linha, jogando fora aquilo que era difícil de ser mexido. Talvez existam outros métodos, mas, como principiante, me dei o direito de fazer dessa forma para costurar o máximo de retalhos possíveis.

Quando Patricia Hill Collins (2019), no apanhado de leituras/autoras que faz entre as obras de Angela Davis, Alice Walker, Zora Neale Hurston, Audre Lorde, Toni Morrison e tantas outras com estudos bastante significativos sobre o feminismo negro, algumas menos conhecidas no Brasil, nos provoca, ao perguntar “[...] que alicerce sustentava Sojourner Truth⁵² quando ela

⁵² A professora de Psicologia do Instituto Federal do Rio de Janeiro – IFRJ Jaqueline Gomes de Jesus nos informa que Isabela Baumfree nasceu em 1797 no Estado de Nova Iorque. Este nome foi dado em referência ao sobrenome anglicizado do seu senhoril holandês (Van Wagenen), hábito da hedionda tradição escravocrata nas Américas. Em 1826, fugiu para o Canadá com a ajuda dos abolicionistas. Em 1827, ela tinha 30 anos quando a escravidão foi abolida no Estado de Nova Iorque. Em 1828, retornou aos Estados Unidos, quando processou seu antigo senhorio para rever seu filho, o que conseguiu. Em 1829, aderiu às práticas da Igreja Afro-Methodista Episcopal do Sião. Em 1843, ela adotou o nome Sojourner Truth, que significa, literalmente, verdade viajante. “Qual o seu nome?”, perguntaram-lhe. “Viajante, porque sou uma cidadã do céu e uma andarilha da terra. E meu sobrenome é *Verdade*, pois Deus é meu Pai e Seu nome é Verdade”, respondeu.

perguntou: ‘Por acaso não sou mulher?’” (p. 182), ela nos revira do avesso, fazendo-nos pensar com quais linhas nossas histórias foram costuradas, quais mãos nos apoiaram e costuraram, nos chamando a atenção para o fato de que somos muito mais do que vítimas, além de sobreviventes, somos o que desejamos ser e só estamos aqui hoje porque outras sobreviveram e subverteram antes de nós. Truth foi a primeira mulher negra norte-americana a ser bem-sucedida ao entrar com um processo judicial, também conhecida por criticar o abolicionista estadunidense Frederick Douglas.

Sojourner Truth, por ser uma mulher negra alta e de voz grossa, foi questionada em um congresso se era mesmo uma mulher, o que reafirmava “a dominação sobre os corpos femininos e o apagamento da diversidade das formas de se ser mulher” (JESUS, 2018, p. 51). No entanto, após mostrar os seios aos participantes do congresso, nunca mais foi questionada sobre sua identidade. Após proferir um discurso, logo após pastores afirmarem que as mulheres não deveriam ter os mesmos direitos civis dos homens, porque seriam fisicamente frágeis e intelectualmente débeis, porque Jesus foi um homem e não uma mulher e porque a primeira mulher foi supostamente uma pecadora, ela respondeu-lhes:

[...] Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! **E não sou uma mulher?** Olhem para mim. Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum podia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! **E não sou uma mulher?** Eu pari treze filhos e vi a maioria deles ser vendido para escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! **E não sou uma mulher?** [...] Se o meu copo não tem mais que um quarto, e o seu está cheio, por que você me impediria de completar a minha medida? Daí aquele homenzinho de preto ali disse que a mulher não pode ter os mesmos direitos que o homem porque Cristo não era mulher! De onde o seu Cristo veio? De Deus e de uma mulher! O homem não teve nada a ver com isso. **Se a primeira mulher [Eva] que Deus fez foi forte o bastante para virar o mundo de cabeça para baixo por sua própria conta, todas estas juntas aqui devem ser capazes de consertá-lo, colocando-o do jeito certo novamente. E agora que elas estão exigindo fazer isso, é melhor que os homens as deixem fazer o que elas querem** [...] (STANTON, ANTHONY & GAGE, apud JESUS, 2018, p. 57-58, grifo nosso).

As histórias de Sojourner Truth, assim como de tantas outras mulheres – nossas histórias –, são inspiração e precisam ser contadas e costuradas, mas, mais do que isso, elas precisam ser vividas, de forma plena e saudável. Desobedecer (MIGNOLO, 2007), para nós, precisa ser

Conhecida como pregadora e profetiza da palavra de Deus, ela também era analfabeta e empregada doméstica, sua fonte primária de renda. Extremamente admirada por sua oratória e figura – uma mulher negra alta e que falava em público, com expressiva segurança e domínio do conteúdo. (JESUS, 2018, p. 49-63). Para saber mais, ler *O pensamento de/por mulheres negras*, organizado por Joselina da Silva (2018).

sempre verbo! Por isso, o trabalho é repleto de desobediência de mulheres que tinham tudo para não existir e permanecerem invisíveis para muitos, mas subverteram essa lógica e, aqui, elas não só existem como também narram sua própria história. Afinal, não somos nós, mulheres, igualmente humanas como os homens?

Últimos retalhos

O ano é 2020, cinco anos após os primeiros eventos que deram início a essa pesquisa. Apesar de permanecermos em crise, agora, com o atual governo, as coisas estão piores, afinal, como diz o ditado popular, nada é tão ruim que não possa piorar. E piorou muito! Tudo mudou em um piscar de olhos, e o tempo passou. Todo o mundo foi afetado por um vírus que não suspendeu somente todas as atividades, suspendeu também o controle da vida, que achávamos que tínhamos. Dentre as muitas coisas que ele provocou, provocou em nós a necessidade urgente de repensar a vida, os modos de ser e estar no mundo, as nossas escolhas...

Portanto, a finalização deste trabalho se deu nos oito meses de isolamento social no período pandêmico que estamos vivenciando devido à COVID-19, vivenciando situações comuns a todos e algumas mais particulares, como estar menstruada⁵³ há mais de trinta dias na reta final deste trabalho, me lembrando da minha condição de mulher enquanto escrevo. Que recado o meu corpo está me dando? Sinto como se ele me pedisse: pare! Mas é como se o capitalismo e escravismo que estão arraigados em nós nos dissessem: você não é gente e não deve parar. Assim, o corpo responde: sangra para além do possível, como quem chora.

Este vírus ainda pouco conhecido, apesar de não ser novo, vem expondo e ampliando questões bastante antigas, como as desigualdades sociais, que atingem as populações pobres que são majoritariamente negras, nos fazendo repensar como garantir direitos e acesso às políticas públicas para todas e todos. Essas questões nos deixam literalmente com falta de ar, sendo esse não só um dos sintomas da doença causada por esse vírus, como também uma das enfermidades histórico-sociais das populações negras, as doenças respiratórias (FERREIRA; IVO, 2016), o que retoma o trabalho em questão, com histórias que nos dão fôlego para emergir e criar redes de acolhimento afetivo.

⁵³ Já é possível afirmar, após alguns exames, que este aumento no fluxo menstrual é uma das sequelas do COVID-19 que eu tive em setembro de 2020. Estudos comprovam que esta doença pode deixar muitas sequelas, as quais ainda não somos capazes de mensurar todas, mas uma delas é sem dúvidas as alterações nos ciclos menstruais das mulheres. Ciclos irregulares com aumento no período e fluxo menstrual, coágulos sanguíneos frequentes, além do estresse gerado pela pandemia e as consequentes mudanças no estilo de vida que também influenciam no balanço hormonal.

Algumas pesquisas mostram que um dos legados desfavoráveis do período da escravidão foi o agravamento de doenças respiratórias devido às péssimas condições de vida das pessoas escravizadas, incluindo o trabalho exercido por elas. De acordo com Pereira (2009), a população negra era mais facilmente acometida pelas doenças venéreas, doenças no pulmão, doenças no sistema digestivo, doenças neurológicas, doenças no sistema circulatório, doenças no sistema reprodutor, reumatismo, inflamações e doenças mentais, destacando-se com maior frequência as mortes por tuberculose, malária, meningite, sarampo, sífilis, tétano, varíola, vermes, diarreia, hepatite e gastroenterite.

Segundo a autora, no entanto, a identificação dessas doenças era difícil, tendo em vista o fato de vários dos sintomas serem parecidos com os de outras doenças, pelo menos em seu início. Atualmente, o que continua nos causando preocupação é saber que a maior parte da população permanece exposta a essas mesmas doenças, sendo também os mais vulneráveis ao novo coronavírus. Não é possível para muitos fazer o isolamento social e ter os cuidados de prevenção básicos necessários (utilização de máscaras diariamente, lavar as mãos com água e sabão e higienizá-las com álcool 70%), tendo em vista que muitos não têm saneamento básico, acesso à saúde de qualidade, transporte público adequado e tampouco a garantia de uma renda mínima.

No Brasil, as desigualdades têm raça, cor e etnia, pois é um país estruturado pelo racismo (ALMEIDA, 2020), que permanece com as suas raízes fincadas no sistema escravocrata e expõe mulheres e homens negros a situações desumanas de mais vulnerabilidade de adoecimento e morte. De acordo com o artigo *Desigualdades raciais em saúde e a pandemia da covid-19* (2020), um dos estudos recentes que relaciona o aumento de mortes entre os negros por complicações respiratórias nesta pandemia, nos remetendo a diversos processos de adoecimentos que esta população sofre ao longo dos séculos, “A pandemia desnuda o quanto o Brasil é um país desigual e pouco avançou na superação do racismo” (GOES; RAMOS; FERREIRA, 2020, p. 4).

Corpos que são sempre silenciados e até sufocados, metaforicamente ou até literalmente, como visto em junho deste ano com George Floyd, o ex-segurança morto por asfixia após ter o pescoço prensado pelo joelho de um policial em Minneapolis, nos Estados Unidos. Suas últimas palavras foram “Eu não consigo respirar”. No mesmo período, Cristiane Boneta, esteticista em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense – RJ, foi surpreendida, em uma consulta odontológica de rotina, ao ser “sufocada” (paramentada) com saco plástico preto para dar continuidade em seu tratamento dentário. O profissional que a atendeu alegou não ter uma touca cuja dimensão comportasse o seu cabelo. Por qual razão, então, haveria necessidade de usar um saco plástico

sobre seu corpo se o problema era o cabelo da paciente? O racismo é estrutural e estruturante e desde sempre sufoca corpos negros (ALMEIDA, 2020).

Essas histórias reais nos remetem também à história da escritora mineira Carolina Maria de Jesus, que viveu à margem (COLLINS, 2016), tendo uma vida sufocante. No entanto, seu *Quarto de despejo* foi talvez o único lugar que não a sufocou, apesar de toda a precariedade. Ela morreu em seu quarto, vítima de uma crise de insuficiência respiratória, doença que carregava desde o seu nascimento e que se agravou devido às péssimas condições de vida dela, as quais ela relata em alguns de seus livros. Moradia decente e saneamento básico: é pedir muito?

A asfixia à qual somos submetidos diariamente permanece nos adoecendo até a morte, como bem lembrou a professora, historiadora e intelectual negra Giovana Xavier, ao trazer a público (em uma *live*) o poema *Tributo à Fênix Negra*, de autoria desconhecida, publicado na dissertação da professora Claudete Alves (2008). Em todo o poema, é possível sentir a dor singular e coletiva da personagem: “Ela morreu de asfixia, cuspidando sangue por causa dos segredos que guardava tentando abafá-los em vez de se permitir a crise de nervos que lhe era de direito [...]” (p. 21). E assim tem sido com muitas de nós, inclusive dentro da academia, quando somos sufocadas com leituras que não foram pensadas em/por nós, mas, muito pelo contrário, são contraditórias à nossa trajetória. Com a intenção de legitimar o papo da cozinha (TRINDADE, 2010), temos pressa de nos virar do avesso e de desobedecer às regras do mundo acadêmico, que legitima majoritariamente as histórias oficiais e/ou os autores considerados como clássicos. Afinal, não vejo outra forma de poder chamar este trabalho de antirracista, se não feito desta forma. É disso que eu tenho pressa! De fazer o que eu nunca fiz; de estar onde eu não pude estar; de saber o que eu nunca soube; de ler o que não li... E não de ler o que já disseram sobre nós, ou o que resignificamos para fingir que era conosco que falavam/pensavam. Me interessa, neste momento, dialogar com aquelas e aqueles que não falam só com/pelas palavras, mas falam com a alma – ancestralidade –, falam com todo o corpo, pegam em nossas mãos e caminham conosco por todo o trajeto, nos lembrando que nossas histórias importam!

O trabalho que aqui se finda não se conclui. Como *As rosas que o vento leva*, ele termina com os ventos fortes e nos renova com histórias que agora vivem em nós. Assim como Nininha, uma das protagonistas da literatura escrita por Xandra Lia (2020), Dandara, que é curiosa, segue buscando mais informações sobre sua história e aprendendo com as histórias das mais velhas, sem nunca se esquecer quem é e de onde veio, sendo assim, talvez, como tia Rosa, guardiã das histórias da família, mas não só. Afinal, também guarda as histórias de Luísa, Jurema, Dona Elza, Pérola, Maria Sueli e tantas outras.

Se esse trabalho fosse costurado à máquina, eu trocava o óleo e as bobinas, mas, como foi todo costurado a mão, não tem o que fazer se não, desta vez, respeitar o tempo e parar. A tesoura já está cega e os olhos cansados. E como uma jovem aprendiz, deixei algumas linhas soltas, mas que podem servir como pistas para as que virão depois. É possível notar o esforço na junção dos retalhos. Eu consigo vislumbrar os carretéis vazios e o chão cheio de pedaços de linhas. Deu trabalho.

Além da utilização de diversas linhas, também utilizei diversos pontos manuais para chegar até aqui: alinhavo, cruzado, invisível, atrás, corrido... E também foi necessário, em diversos momentos, desmanchar tudo e voltar do início, muitas vezes com uma nova agulha e em um novo espaço. A luz nos ajuda, mas também pode nos cegar (LORDE, 2020). Antes de entregar este trabalho, preciso embalar a peça. Faço isso a partir de uma descoberta que atravessa todo esse trabalho, uma reflexão trazida por Conceição Evaristo (2017) em sua obra literária *Ponciá Vicêncio*:

[...]Compreendera que sua vida, um grão de areia lá no fundo do rio, só tomava corpo, só engrandeceria, se tornasse matéria argamassa de outras vidas. Descobria também que não bastava saber ler e assinar o nome. Da leitura era preciso tirar outra sabedoria. Era preciso autorizar o texto da própria vida, assim como era preciso ajudar a construir a história dos seus. E que era preciso continuar decifrando nos vestígios do tempo os sentidos de tudo que ficara para trás. E perceber que por baixo da assinatura do próprio punho, outras letras e marcas havia. A vida era um tempo misturado do antes-agora-depois-e-do-depois-ainda. A vida era a mistura de todos e de tudo. Dos que foram, dos que estavam sendo e dos que viriam a ser (EVARISTO, 2017, p. 110).

A vida é essa mistura, e cada história narrada traz um pouco de sabedoria, instigando-nos a virar as histórias do avesso, juntar os retalhos e costurar ações de solidariedade, combate ao racismo e as discriminações. Ações transformadoras, e assim, responder a intelectual negra Audre Lorde (2020)⁵⁴: – Eu tenho feito o meu trabalho!

⁵⁴ Audre Lorde (2020) em uma de suas conferências, ao narrar a importância da “transformação do silêncio em linguagem e em ação” (p. 51), pergunta ao público: “Vocês têm feito o trabalho de vocês?” (LORDE, 2020, p. 53), referindo-se à luta por direitos, ao uso dos espaços, da voz etc.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda. **O perigo da história única**. TED Ideas Worth Streading, 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qDovHZVdyVQ>>. Acesso em: 02 abr. 2019.
- ADICHIE, Chimamanda. **A private experience**. In: *The thing around your neck*. Londres: Fourth Estate, 2009.
- ALVES, Nilda. **Decifrando o pergaminho – o cotidiano na escola nas lógicas das redes cotidianas**. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda. *Pesquisa no/do cotidiano das escolas – sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.
- ALMEIDA, Ludmilla de Lima. **Identidades na Roda: diálogos com a Capoeira Angola e com as narrativas de suas/seus praticantes**. 2014. (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.
- ARRAES, Jarid. **Heroínas negras brasileiras: em 15 cordéis**. São Paulo: Pólen, 2017. ISBN: 978-85-983-4945-9.
- ARAÚJO, Clarice Fortunato. **Por que as mulheres negras são minoria no mercado matrimonial?** XI CONLAB, 2011. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/por-que-as-mulheres-negras-sao-minoria-no-mercado-matrimonial/>>. Acesso em: 20 abr. 2019.
- ARAÚJO, Rodrigo Wantuir Alves de. **A invisibilidade africana na historiografia do Rio Grande do Norte**. In: XVIII Semana de Humanidades, 2010, Natal.
- BARROS, Sílvia. **Enraizando a lei 10639/03: literaturas africanas na educação básica**. In: *Revista Científica Mulemba*. Rio de Janeiro, vol. 10, nº. 10, p. 24-33, jul./dez. 2018. ISSN 2176-381X. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/article/view/21351/15960>>. Acesso em: 21 out. 2019.
- BARROS, Sílvia. **Oficina mulheres negras e literatura: uma troca e um devir**. Nganhu – *Revista Neabi Cp2 e Geparrei*, Rio de Janeiro, vol. 1, nº. 1, p. 125-133, 2018. ISSN 2595-8682. Disponível em: <<http://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/nganhu/article/view/1871>> . Acesso 19 out. 2019.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: Bento, Maria Aparecida Silva; Carone, Iracy(org.). **Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p.25-58.
- BERQUÓ, Elza. **Desigualdade racial no Brasil contemporâneo**. Belo Horizonte: Cedeplar, 1991.
- BERQUÓ, Elza. **Nupcialidade da população negra no Brasil**. Textos NEPO, nº 11, Campinas: BONNIOL, 1987.

BÍBLIA Sagrada. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2ª ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008. ISBN 978-85-311-1120-4.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei 9.394, de 24 de dezembro de 1996.** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acessado: 18 out. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Brasília: MEC, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Brasília: MEC, 2009.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CARNEIRO, Sueli. **Gênero, raça e ascensão social.** Estudos Feministas, v. 3, n 2, 1995.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História do Rio Grande do Norte.** Natal: Fundação José Augusto, 1984.

CAVIGNAC, Julie. **A etnicidade encoberta: ‘índios’ e ‘negros’ no Rio Grande do Norte.** MNEME Revista de Humanidades. v. 4, n. 8, abr./set. 2003. ISSN 1518-3394. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/167/157>>. Acesso em: 28 out. 2020.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes do fazer.** Petrópolis: Vozes, 1994.

COLLINS, Patrícia Hill. **Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro.** In: Revista Sociedade e Estado, v. 31, n. 1, p. 99-127, jan./abr. 2016.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento.** 1ª ed, São Paulo: Boitempo, 2019.

CRENSHAW, Kimberle Williams. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero.** In: VV.AA. Cruzamento: raça e gênero. Brasília: Unifem, 2004. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>>. Acesso em: 01 abr. 2019.

DAMASCENO, Janaína. **Corpo de quem? Espetáculo e ciência no século XIX.** In: Com ciência – Revista Eletrônica de Jornalismo Científico, São Paulo: UNICAMP, n. 92, out. 2017. ISSN 1519-7654. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=29&id=338>>. Acesso em: 07 abr. 2019.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. 1ª edição, São Paulo: Boitempo, 2016.

DÁVILA, Jerry. **Diploma de brancura: política social e racial no Brasil (1917-1945)**. Trad. Claudia Sant'Ana Martins. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Belo Horizonte: v. 13, n. 25, 2º sem., p. 17-31, 2009.

EVARISTO, Conceição. **Conceição Evaristo: 'minha escrita é contaminada pela minha condição de mulher negra'**. [Entrevista concedida a] Juliana Domingues de Lima. Nexo Jornal: São Paulo, 26 mai. 2017. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

EVARISTO, Conceição. **Da representação a auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira**. In: Revista Palmares: cultura afro-brasileira. Brasília, ano 1, n. 1, p. 52-57, set. 2005. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf>> . Acesso em: 10 abr. 2019.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. 3ª ed., Rio de Janeiro: Pallas, 2017. ISBN 978-85-347-0531-8.

EXAME. **Mercado dos sex shops segue em alta**. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/negocios/mgapress/mercado-dos-sex-shops-segue-em-alta/>>. Acesso em: 16 abr. 2019.

FERREIRA, Priscila d'Almeida; IVO, Isnara Pereira. **Doenças respiratórias nos escravos da imperial vila da vitória no século XIX: o que nos conta a história?**. Encontro estadual de história – ANPUH/BH, Feira de Santana, 2006.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Lygia de Oliveira. **“Não falo do lugar dos derrotados”**: o encontro de saberes e suas potencialidades emancipatórias. 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

FRANCO, Marielle. A emergência da vida para superar o anestesiamiento social frente à retirada de direitos: o momento pós-golpe pelo olhar de uma feminista, negra e favelada. In: Winnie Bueno, Joanna Burigo, Rosana Pinheiro-Machado, Esther Solano. (Org.). **Tem Saída? Ensaios críticos sobre o Brasil**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2017, p. 89-95. ISBN: 978-85-8049-058-9. Disponível em: <<http://www.editorazouk.com.br/Capitulo-MarielleFranco.pdf>>. Acesso em: 01 abr. 2019.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro**. Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GOES, Emanuelle Freitas; RAMOS, Dandara de Oliveira; FERREIRA, Andreia Jaqueline Fortes. **Desigualdades raciais em saúde e a pandemia da Covid-19**. In: **Trabalho,**

Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, 2020, e00278110. DOI: 10.1590/1981-7746-sol00278.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as**: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. In: *Educação e Pesquisa*. São Paulo: v. 29, n. 1, p. 167-182, 2003.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis/RJ: Vozes, 2017. ISBN 978-85-326-5579-0.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GONZALEZ, Lélia e HASENBALG, Carlos. **Lugar de Negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **Revista Ciências Sociais Hoje**. Anpocs, 1984. p. 223-244. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5509709/mod_resource/content/0/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

hooks, bell. **Intelectuais negras**. *Revista Estudos Feministas*, v. 3, n. 2. 1995.

hooks, bell. Vivendo de amor. In: WERNECK, Jurema. (org). **O livro da saúde das mulheres negras**: nossos passos vêm de longe. 2ª edição, Rio de Janeiro: Pallas/Criola, 2006, p. 188-198. ISBN 85-87137-03-4.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. ISBN 978-85-7827-703-1.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Sojourner Truth: “a verdade é poderosa e ela prevalece”!. In: SILVA, Joselina da (Org.). **O pensamento de/por mulheres negras**. Belo Horizonte: Nandyala, 2018, p. 49-63.

LIA, Xandra. **As rosas que o vento leva**. Rio de Janeiro: Kitabu Editora, 2020. ISBN 978-65-992380-0-0-0.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**. 1ª ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2020. ISBN 978-85-513-0434-1.

MIGNOLO, Walter. **Desobediência epistêmica**: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, n.34, p.287-324, 2008. Disponível em:<<http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/artigo18.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2018.

MOUTINHO, Laura. **Discursos normativos e desejos eróticos**: a arena das paixões e dos conflitos entre “Negros” e “Branços”. In: *Sexualidade, gênero e sociedade*. Ano XI – n. 20,

mai 2004. Disponível em: <<http://www.clam.org.br/uploads/conteudo/n20.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

MOTT, Luiz Roberto de Barros. **Piauí colonial: população, economia e sociedade**. Teresina: Projeto Petrônio Portela, Governo do Estado do Piauí, 1985.

MUNANGA, Kabengele. Apresentação. In: MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. 2ª ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 15-19. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf. Acesso em: 20 jun. 2020.

MULLER, Maria Lúcia Rodrigues. **A cor da escola – imagens da Primeira República**. Cuiabá/MT: EdUFMT/Editora Entrelinhas, 2008.

NASCIMENTO, Abdias. **O Genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. 3ª ed., São Paulo: Perspectivas, 2016. ISBN 978-85-273-1080-2.

NERI, Nátaly. [2017]. A mulata que nunca chegou. In: **Canal do YouTube**. Disponível em: <<https://youtu.be/02TBfKeBbRw>>. Acesso em: 28 mai. 2019.

OLIVEIRA, Danielle Christina do Nascimento. **Narrativas de uma educadora: apontamentos de uma trajetória de formação**. In: VI CIPA – Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica: modos de viver, narrar e guardar, 2014, Rio de Janeiro: BIOgraph. ISSN: 2178-60676.

OLIVEIRA, Danielle Christina do Nascimento. **Marcas da não-igualdade na/de formação: uma história de mulheres negras**. In: I CONEDU – Congresso Nacional de Educação, 2014, Campina Grande. Anais I CONEDU, Campina Grande: Editora Realize, v. 1, 2014. ISSN: 2358-8829.

OLIVEIRA, Danielle Christina do Nascimento. **Meu cabelo não é só estética, é também política: os movimentos sociais e as narrativas visuais**. In: Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S.l.], v. 8, n. 20, p. 217-230, out. 2016. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/18>>. Acesso em: 01 abr. 2019.

OLIVEIRA, Gabriela. [2016]. A solidão da mulher negra. In: **Canal do YouTube**. Disponível em: <<https://youtu.be/NgNt0GzWCVI>>. Acesso em: 10 mai. 2019.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda. (Orgas.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes**. 3.Ed. Petrópolis: DP et Alii, 2008. (Coleção Vida Cotidiana e Pesquisa em Educação)

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **“Branca para casar, mulata para f... e negra para trabalhar”**: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2008.

PACHECO, Ronilson. **Profetismo: utopia & insurgência**. São Paulo: Recriar, 2019. ISBN 978-85-53-107-39-1.

PASSOS, Mailsa Carla Pinto. Identidade em mudança no cotidiano na vida real e na ficção: processos identitários e suas implicações com as práticas e com as narrativas. In: **Salto para o futuro**. Ano XIX – n. 8 – jun. 2009. ISSN 1982-0983. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012186.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2020.

PASSOS, Mailsa Carla Pinto. **Encontros cotidianos e a pesquisa em Educação**: relações raciais, experiência dialógica e processos de identificação. In: *Educar em Revista*. Curitiba: Editora UFPR, n. 51, jan./mar. 2014, p. 227-242. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/33398/22082>>. Acesso em: 05 abr. 2019.

PASSOS, Mailsa Carla Pinto; PEREIRA, Rita Marisa Ribes; SILVA, Virgínia de Oliveira. **Costureiras**: alinhavos de histórias e memórias. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 04, n. 12, p.1155-1167, set./dez. 2019.

RAMOS, Lazaro. **Na minha pele**. 1ª ed., Rio de Janeiro: Objetiva, 2017. ISBN 978-85-470-0041-7.

RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. Mulheres Educadas na Colônia. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FILHO, Luciano Mendes de Faria; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 anos de Educação no Brasil**. 2ª ed., Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2000, p. 79-94.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017. ISBN 978-85-9530-040-8.

RIBEIRO, Carlos Antonio Costa; SILVA, Nelson do Valle. **Cor, educação e casamento**: tendências da seletividade marital no Brasil, 1960 a 2000. Vol.52, n.1, p.7-51, 2009. ISSN 1678-4588. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0011-52582009000100001>>. Acesso em: 21 out. 2020.

ROSA, Sonia. **Quando a escrava Esperança Garcia escreveu uma carta**. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

ROMIO, Jackeline Aparecida. **Feminicídio cresce entre mulheres negras e indígenas e diminui entre brancas, aponta pesquisadora**. In: Câmara dos Deputados. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/DIREITOS-HUMANOS/565155-FEMINICIDIO-CRESCE-ENTRE-MULHERES-NEGRAS-E-INDIGENAS-E-DIMINUI-ENTRE-BRANCAS,-APONTA-PESQUISADORA.html>>. Acesso em: 20 mai. 2019.

SANTOS, Sônia Beatriz dos. **Feminismo negro diaspórico**. In: *Revista Gênero*, Niterói: UFF, n.1, v. 8, 2º sem. 2007, p. 11-26. Disponível em: <<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/157>>. Acesso em: 30 mar. 2019.

SEU JORGE, MARCELO YUKA, WILSON CAPELLETTE – “**A carne**”. You Tube: Elza Soares. Vídeo (4min49s). Publicado em “Do Cócix Até o Pescoço”, 2002. Disponível em: <<https://youtu.be/yktrUMoc1Xw>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

SILVA, Francilene Brito da. **Imagens de mulheres e crianças afrodiaspóricas: narrativas piauienses para além do museu brasileiro.** Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SILVA, Conceil Corrêa da. **A colcha de retalhos.** 2ª ed., São Paulo: Editora do Brasil, 2010. ISBN 978-85-10-04874-3.

SIMAS, Luiz Antônio. **Luiz Antônio Simas: Rio de Janeiro.** [Entrevista concedida a] BFERREIRA. Jornal “O Dia”: Rio de Janeiro, 02 dez. 2015. Disponível em: <<https://odia.ig.com.br/noticia/opiniaio/2015-12-02/luiz-antonio-simas-rio-de-janeiro.html>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

SOUZA, Claudete Alves da Silva. **A solidão da mulher negra: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro.** 2ª edição, Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SODRÉ, João Clark de Abreu. **Arquitetura e viagens de formação pelo Brasil (1938-1962).** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SODRÉ, Patrícia.; SANTOS, Núbia de Oliveira . 'Meu cabelo é black e cresce forte, pra cima!': Educação Infantil e Relações Raciais. In: Luciano Góes. (Org.). **130 Anos de (des)ilusão: A farsa abolicionista em perspectiva desde olhares marginalizados.** 1ed.São Paulo: D'Plácido, 2018, v. 1, p. 369-388.

SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da intimidade.** Editora Odysseus, 2003. ISBN-13 978-8588023956.

SOUSA, Maria Sueli Rodrigues de. **Dossiê Esperança Garcia: símbolo de resistência na luta pelo direito.** Teresina: EDUFPI, 2017. ISBN 978-85-509-0232-0. Disponível em: <<https://esperancagarcia.org/wp-content/uploads/2020/09/SOUSA-Maria-Sueli-Rodrigues-SILVA-Mairton-Celestino.-Orgs.-Dossie%CC%82-Esperanc%CC%A7a-Garcia-si%CC%81mbolo-de-resiste%CC%82ncia-na-luta-pelo-direito.-Teresina.-EDUFPI-2017.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Valores civilizatórios e a Educação Infantil: uma contribuição afro-brasileira. In: BRANDÃO, Ana Paula; TRINDADE, Azoilda Loretto (orgs.). **Modos de brincar: caderno saberes, fazeres e atividades.** Rio de Janeiro: Fundação Marinho, 2010, p. 11-15. ISBN 978-85-7484-491-6.

WERNECK, Jurema. **O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe.** (Org). 2ª edição, Rio de Janeiro: Pallas/Criola, 2006. ISBN 85-87137-03-4.

XAVIER, Giovana. **Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história.** Rio de Janeiro: Malê, 2019. ISBN 978-85-9273-650-7.

XAVIER, Giovana. [2020]. Aula 7 - Curso Emancipações e Pós-Abolição: por uma outra História do Brasil (1808-2020). In: **Canal do *You Tube***. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XrEx-X4aa4U>>. Acesso em: 16 set. 2020.

XONGANI, Ana Paula. [2018]. Eu tenho pressa! In: **Canal do *You Tube***. Disponível em: <<https://youtu.be/5fBhjPzXNi4>>. Acesso em: 10 mai. 2019.